

Editorial

Este foi um grande ano para o jornal outra presença. O nascimento de um irmão gémeo, mas mais actual e dinâmico, versátil e colorido, interactivo e moderno foi motivo de felicidade e orgulho para todos. Apresentado ao público em Fevereiro foi-se aperfeiçoando ao longo dos últimos meses de forma a ir de encontro às necessidades desta comunidade escolar. Nesse sentido, associaram-se a ele 2 blogs – espaços de livre circulação de ideias - e procurou-se que o email fosse divulgado para poder receber relatos e imagens de acontecimentos. E aconteceu, o primeiro aluno a enviar uma notícia fresquíssima para o endereço do outra presença foi Paulo Lopes do 9º C. Depois outros o seguiram e esperamos que o próximo ano lectivo consolide este novo formato de fazer notícia e as participações voluntárias na sua actualização se multipliquem. Outro facto que contribuiu para que neste ano o jornal fizesse história foi o 3º lugar obtido no II concurso de jornais escolares, dinamizado pelo ISLA de Vila Nova de Gaia.

Também para a escola foi um grande ano. A representação exemplar, surpreendente e grandiosa da peça “Que farei com este livro?” de José Saramago, no Teatro Municipal; a visita de Luísa Costa Gomes e Filipe Faria, que dinamizaram, respectivamente, oficinas de escrita e fóruns de leitores e deliciaram todos quantos puderam com eles contactar; a ciência na escola que ganhou vida com a abertura dos laboratórios; a semana da leitura, que cresceu e se transformou em meses de actividades dedicadas à leitura e à escrita; os jogos de poder que se viram enriquecidos com as diversas sessões de assembleias jovens; a semana das línguas e da Europa que brindaram a comunidade escolar com exposições, palestras, sessões gastronómicas e concursos.

Por isso o número de Junho é um Grande número, em todos os sentidos, como é fácil perceber ao folhear as inúmeras e ricas páginas que o compõem. E é com felicidade redobrada que este ano se despede e deseja a todos umas boas férias, pois através da versão online e dos seus blogs espera manter o contacto com todos quantos quiserem escrever, enviar imagens e notícias, comentários, impressões de viagens, leituras, filmes ou músicas. Eu prometo não perder o contacto. Espero não ficar sozinha... Até já.

Ficha Técnica

Edição e propriedade da Escola Secundária Abade de Baçal, Bragança
 Telefone - 273 322 163/ 273 322 462 - Fax - 273 331 114
 Mail - outrapresenca@gmail.com
 edição online - www.esec-abade-bacal.rcts.pt/op/
 Blogosfera: A presença de Todos (outrapresenca.blogspot.com) e Escrevinhar (palavrasdomeudia.blogspot.com)
 Coordenação - Luísa Diz Lopes, Paula Minhoto, Rui Garcia, Clube de Jornalismo
 Criação do logótipo - Rui Garcia
 Webdesigner - Rui Garcia
 Desenho de Imprensa - Anaïs Quina, Melanie Quina, Sara Alves
 Fotografia - Clube de Jornalismo e outros
 Revisão - Clube de Jornalismo
 Colaboração permanente - Olinda Oliveira, Paula Romão
 Professores Colaboradores - Maria de Lurdes Bento, Virgínia Amado, Adília Tavares da Silva, Otilia Afonso, Fernanda Silva, Fernanda Brás Alves, Célia Afonso, Sérgio Barros, Vitor Bravo,
 Projectos em interacção - Departamento da Biblioteca, Coordenação de Projectos, Clube de Teatro, Desporto Escolar,
 Alunos Colaboradores - Paulo Lopes e Sara Martins, António Pedro Tomé, Guilherme Sá Pires, Mélanie Quina, Miguel Duarte, Marisa Martins, João Estevinho, Ana Rita Afonso, Pedro Alexandre Gonçalves, Bruna Martins, Cátia Miranda, Christopher Xastre, Cláudia Anes, Pedro Geraldo
 Outros colaboradores - Nádia Afonso, Joana Gomes, Cristiana Afonso, Joana Seca, Maria do Sameiro Gonçalves, Joana Gonçalves, Mário Geraldo
 Impressão - Brinográfica, Bragança . Tiragem - 600 exemp.

Vazio...dor...saudades

No dia 8 de Maio, a Escola Abade de Baçal ficou mais pobre pois perdeu Margarida Maria Neto Augusto, de 35 anos, auxiliar de acção educativa.

A Margarida era uma funcionária exemplar, sempre bem disposta e pronta a ajudar. Cumpridora, não deixava de aconchegar colegas, professores e alunos com o seu sorriso carinhoso e natural. Perspicaz, fazia com correcção comentários oportunos que testemunhavam a sua atenção e plena integração na vida da escola, expunha com pertinência os seus pontos de vista, mas com ela, o trabalho estava sempre em boas mãos.

Por isso, ninguém ficou indiferente à sua partida. Por isso, hoje quando entramos na escola, ainda temos esperança de a ver junto ao telefone, ou então na secretária do corredor, em frente à Biblioteca; às vezes julgamos ouvir a sua voz a saudar-nos e a responder prontamente ao nosso pedido.

Outra Presença deixa-lhe aqui as últimas e merecidas palavras, certos de que elas espelham o sentir de toda esta escola.

Até sempre.



Querida amiga e colega Margarida fizeste uma longa viagem!... Sem regresso!... Na verdade tu não partiste! Ficarás sempre nos nossos corações; Infelizmente o livro da vida tem sempre uma última página.
Adeus, Amiga

Margarida, partiste! Foi duro e revoltante o choque de te perder ainda tão jovem. Mas onde onde quer que estejas, podes querer que não te esqueceremos e que viverás sempre na nossa memória e no nosso pensamento. Com saudade de toda a comunidade escolar:

Leonel

As estrelas descem
 Mas não ficam.
 Vestidas de um brilho
 incandescente,
 Aparecem.
 Depois desaparecem
 Mas deixam um rasto de luz
 Apontando o caminho.
 A saudade é imensa
 E é imensa a alegria
 De sentir o teu cintilar.
 Com a doce gratidão dos teus



Uma amiga comum, pediu
 Para qualquer coisa de “TI” escrever
 Da AMIGA que já partiu,
MARGARIDA um nome para nunca esquecer.

Amiga, preocupada, sincera
 Realista, brincalhona e alegre
 Eras tudo o que de uma amiga se espera
 E, por isso, com saudade,
 serás sempre lembrada.

Foi no dia 8 de Maio que a nossa escola ficou mais pobre e triste ao perder uma jovem funcionária, auxiliar de acção educativa. Margarida Maria Neto Augusto, com apenas 35 anos. Agradecendo pelo seu desempenho e dedicação, é com enorme pesar que expressamos aqui em nome de toda a comunidade educativa as mais sinceras condolências à sua família.

Colegas

Margarida
Amiga
Responsável
Graciosa
Apaziguadora
Risonha
Incapaz
De desapontar um
Amigo



SEMANA CULTURAL DAS LÍNGUAS

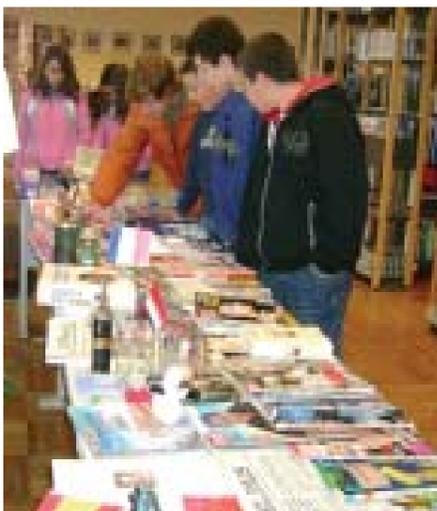
De 29 de Janeiro a 2 de Fevereiro decorreu, na nossa Escola, a Semana Cultural das Línguas com diferentes actividades.

Assim, na Biblioteca, esteve patente uma exposição que pôs em evidência alguns dos aspectos mais característicos da Espanha, da França e da Inglaterra. Os painéis, através da afixação de fotos, ilustrações e postais, levaram-nos a visitar Barcelona, Salamanca, Paris, Londres, Estrasburgo, Madrid, etc.... Objectos como miniaturas de monumentos, frascos de perfume, livros, jornais, revistas, ... permitiram-nos conhecer outros aspectos da cultura e civilização dos países em destaque.

Além desta exposição, os alunos assistiram à projecção de filmes em língua francesa, inglesa e espanhola.

Contudo, o ponto culminante da semana teve lugar no Quarta-feira, dia 31, à tarde. A partir das 14 h30, o bufete encheu-se de alunos, professores e funcionários que contactaram com a gastronomia dos países cujas línguas são leccionadas na nossa Escola. Todos puderam provar os "scones", servidos com manteiga ou compota, os "brownis" acompanhados por chá, bem à moda inglesa. Do lado ibérico, saboreou-se a "tortilla de patatas", as "empanadas" e a "torta de Santiago". Os gauleses ofereceram "Crepes" cozinhados no momento, recheados de açúcar, compotas, chocolate ou gelado.

Pela adesão entusiástica dos alunos, poder-se-á concluir que a Semana Cultural das Línguas foi um êxito e uma experiência



De cima para baixo: exposição; tarde gastronómica e equipa organizadora

CONCURSO DE LÍNGUA. CULTURA E CIVILIZAÇÃO FRANCESAS

Durante as quatro semanas do mês de Janeiro decorreu, na nossa Escola, o Concurso De Língua. Cultura e Civilização Francesas na sua segunda edição e destinado aos alunos do 3º Ciclo.

Todas as segundas-feiras, os alunos levantavam as provas na Biblioteca e dispunham do resto da semana para responder a quinze questões com resposta de escolha múltipla sobre temas variados que iam desde os conhecimentos gramaticais da língua, passando pela história, geografia, literatura e cultura da França.

As provas eram corrigidas pelos professores da Área disciplinar de Francês e os resultados afixados no decorrer da semana seguinte, também na Biblioteca.

Os participantes tinham, obrigatoriamente, de entregar as 4 provas sob pena de serem excluídos.

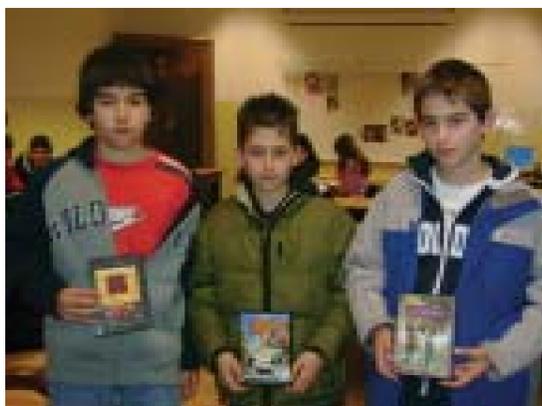
Esta iniciativa visava o contacto

dos alunos com determinados aspectos do país cuja língua aprendem. Também lhes permitia desenvolver a capacidade de pesquisa quer nas obras presentes na Biblioteca, no caso de perguntas sobre literatura, quer através da Internet ou mesmo recorrendo aos conhecimentos de amigos e familiares.

Assim, os três vencedores foram aqueles que mais pontuaram, a saber: o Raphael Cordeiro, com 59 pontos, ganha o primeiro prémio, o Adriano Fernandes, com 58 pontos, o segundo prémio e o Renato Pereira com 56 pontos fica com o terceiro lugar. Estes três alunos pertencem à turma C do 7º Ano.

A entrega dos prémios teve lugar no dia 8 de Fevereiro, pelas 10 horas, na Biblioteca.

Parabéns a todos os participantes e, em particular, aos vencedores.



Vencedores do Concurso: Renato, Adriano e Raphael - 7ºC

Em directo

As semanas das línguas são muito importantes para familiarizar os alunos com outras culturas, outros hábitos, outros costumes.

Dirigem-se sobretudo a alunos do 7º ano, como é novidade. Em anos anteriores notámos que eles não estavam habituados a esse tipo de iniciativas e talvez por isso aderem mais

Lurdes Bento

Qual a tua opinião relativamente à semana das línguas?

Acho que é uma boa ideia, pois dá a conhecer tradições diferentes, de outros países. Permite que os alunos convivam uns com os outros.

O encontro foi de encontro às tuas expectativas?

Por enquanto, está a ser, mas ainda é cedo para falar...

Rui Santos, 8ºC



Rui Santos, aluno do 8ºC

É uma forma de divulgar a cultura das línguas estrangeiras que os alunos têm que aprender na escola. Acho que o evento tem uma boa adesão, como se vê pela quantidade de alunos que está aqui e pela forma como se envolvem nas actividades.

Lúcia Dias

O que pensa da semana das línguas?

Como qualquer outra actividade na escola, acho que são sempre iniciativas de louvar. Por várias razões: os alunos estão entusiasmados, são momentos diferentes, de convívio convosco com os professores, eu tenho oportunidade de falar convosco, o que de outra forma poderia não acontecer, porque não vos conheço. Além disso tomamos contacto com a gastronomia de diferentes países, desde a sua confecção à degustação.

E quanto à adesão dos alunos?

Acho que o número de alunos que aqui está é uma percentagem muito reduzida relativamente aos alunos da escola, mas esta é uma iniciativa voluntária, o importante é que os que estão gostem de estar.

Manuel Trindade



Lúcia Dias, professora de Inglês

Acho que este tipo de actividades deviam acontecer mais vezes, os alunos gostam, é divertido, é educativo, permite-nos saber mais sobre a cultura doutros países.

Os alunos do 7º ano são os que aderem mais.

A disciplina mais importante para mim é o Inglês.

Alexandre Morais, 10ºano

É um acontecimento muito interessante, porque permite o convívio entre várias línguas, alunos e tradições

Acho que os alunos estão a participar activamente.

Teresa Sá Pires

Eu acho que é uma semana importante, porque os alunos ficam a saber um pouco da cultura de cada país, nomeadamente da espanhola, francesa e inglesa.

Lúcia Carvalhais

Acho que um evento muito importante nas escolas. Em primeiro lugar, porque incrementa o convívio entre os alunos de diferentes níveis de ensino, facilitando a integração dos mais novos, talvez por isso sejam eles que mais aderem. Depois porque divulga produtos característicos de cada país. Sinceramente, acho que a adesão está um pouco aquém das minhas expectativas e em relação aos anos anteriores. Penso que isso se deve ao facto de hoje decorrerem vários jogos do desporto escolar e várias equipas estarem ausentes.

Lúisa Lopes

Eu acho muito importante diversificar que incluem línguas diferentes daquelas que usamos habitualmente. Os alunos que aderem mais são os mais novos e os que estão mais vocacionados para as línguas.

Para mim, a disciplina mais importante é inglês porque é a língua universal. Mas quanto às especialidades aqui presentes, a que mais me agrada é o crepe, que é tradicionalmente francês, como sabem.

Ângela Gomes, 7º ano

Filipe Faria

Colóquio com os alunos

Marisa Martins - 9ºB

No dia da Escola, 20 de Abril, recebemos na Biblioteca o jovem escritor Filipe Faria, que cativa leitores dos doze aos oitenta e quatro anos. Bastante jovem, até, pois apenas com 25 anos publicou já cinco volumes pertencentes à saga "Crónicas de Allaryia", histórias de um mundo fantástico criado por ele, que começou a escrever aos dezasseis anos.

Durante a sessão da manhã, Filipe Faria apresentou-se aos alunos e mostrou-se disposto a falar sobre a sua obra e de como tinha começado esta "maluqueira", como ele gostava de lhe chamar, pois não

que começou a escrever uma espécie de diário, onde apontava histórias que ia inventando, com personagens com que já "convivia" quando era novo. E foi quando, a conselho do pai, concorreu, e ganhou, a um concurso anunciado num jornal, que foi publicado o seu primeiro livro.

Durante a sessão, o autor de "Crónicas de Allaryia" respondeu a várias perguntas



parecia ainda estar

completamente em si ao olhar para os volumosos livros que tinha já escrito. Foi inspirado na conhecida saga "O Senhor dos Anéis"

colocadas pelos alunos, mostrando-se bastante receptivo e com um "apurado" sentido de humor.

Informou-nos de que a obra vai ser composta por mais dois volumes, formando um total de sete. Pôs-nos também a par dos seus planos: depois de Allaryia tem em mente outros mundos

fantásticos.

Pessoalmente, o que mais aprecio nos seus livros é a maneira como estão apresentados: por um lado, a guerra e os seus grandes males e, por outro, o valor da amizade, da camaradagem e do amor.

Achei colóquio muito interessante, pois sou fã dos livros de Filipe Faria e portanto foi uma oportunidade única, pois não é todos os dias que se fala com a pessoa que escreve os livros que nos fazem ficar toda a noite a ler. Achei-o simpático e com sentido de humor. No final houve sessão de autógrafos e não pude deixar de pensar que a imaginação do escritor era só para escrever "as crónicas", pois para dedicatórias não parecia ter muita, visto ter autografado os meus livros e os dos meus colegas todos da mesma forma.

Francisco Pereira - 9ºB



Já tinha ouvido falar de Filipe Faria e pensei que ele fosse sério e, de certa maneira, fechado, mas revelou ser uma pessoa simpática, com sentido de humor.

Fiquei surpreendida com a forma como começou a escrever os seus livros e gostei do orgulho que demonstrou do seu passado de jovem curioso e da "garra" que tem em continuar a escrever.

Ainda não li nenhum livro dele, mas depois do colóquio fiquei bastante curiosa e com vontade de começar.

Cláudia Moura - 9ºB

Na minha opinião, o colóquio com Filipe Faria foi uma experiência única e muito agradável. A oportunidade de conversar e conhecer o ponto de vista de um jovem escritor no início de carreira, é, sem dúvida, enriquecedora e encoraja-nos também a embarcar na mesma aventura. A facilidade com que o escritor nos pôs à vontade contribuiu para, no meu caso, me identificar com ele e, por isso, foi-me mais fácil colocar perguntas.

Maria Inês Gonçalves, 9ºB

Entre outras coisas, soube que o escritor está a começar a internacionalizar a sua obra, pois vai ser publicada no Brasil. Este tipo de livro parece ser apenas para adolescentes, porém é lido por uma faixa etária que vai dos doze aos oitenta e quatro. Ainda não tive oportunidade de começar a ler a sua obra, mas depois deste colóquio e do convívio com o escritor, fiquei tentada a iniciar.

Sara Santos - 9ºB

Com Filipe Faria Viagem ao mundo de Allaryia

A sessão foi iniciada pelo Coordenador da Área Disciplinar de Português, Manuel Ferro, que saudou o escritor e fez uma breve apresentação do seu percurso, salientando a sua juventude, a influência do alemão na sua formação, o prémio atribuído ao primeiro volume da saga “As Crónicas de Allaryia” e o número de obras já publicadas.

Seguidamente, Filipe Faria contou a sua história: o nascimento do escritor, a sua relação com a escrita e com o mundo que criou nas suas crónicas. E respondeu às questões que os alunos lhe colocaram.

Outra Presença – Como começou a escrever?

Filipe Faria – A partir dos 12 anos comecei a recordar-me de tudo quanto a minha fértil imaginação tinha criado nos últimos anos. E as personagens começaram a interagir a pertencer a um mundo coeso. E aos 16 comecei a escrever sem qualquer propósito de construir um livro. Era uma espécie de relato de situações imaginárias. Esse mundo começou a ganhar uma forma cada vez mais consistente. Aos 18 anos, quando já tinha passado tanto tempo a escrever, o meu pai apresentou-me um concurso e incitou-me a participar nele. Acabei o livro e ele foi premiado e foi o primeiro de uma saga que pode ter entre seis e dez volumes.

Haverá na primeira história e talvez no ponto de partida para toda a saga um pouco do Sebastianismo português? Porque há alguém que morre, alguém que não se conforma com essa morte e que parte à procura dessa personagem, encarnando um projecto pessoal...

A questão é interessante, mas se existe não foi intencional.

Porquê Aewyre e não outro nome qualquer? Tem algum significado especial?

Imagina que o livro se chamava “Crónicas da Pampilhosa” e “A Manopla de Oliveira de Frades”. Não era bem a mesma coisa, pois não? Criei estes nomes, porque gosto de brincar com a sonoridade das palavras e de criar palavras novas. Além disso é uma forma de não se esquecer que é um mundo diferente do nosso e essa diferença é sugerida logo no nome.

Qual a sua personagem preferida?

Cada um dos sete companheiros é, de certa forma, uma faceta da minha personalidade. Não posso dizer qual prefiro. Juntos talvez formem um todo: Eu.

O número 7 – sete volumes, sete personagens... tem algum significado especial para si? Porque é um número com uma carga simbólica muito forte.

Inicialmente pensei de facto em sete personagens, sendo cada uma delas o centro de cada um dos livros, mas depois abandonei a ideia porque o mundo era demasiado vasto e as personagens muito complexas. Por isso posso dizer que neste livro o número sete não tem uma forte carga simbólica.

Há alguma intenção de fazer com que as personagens mexam connosco e nos façam pensar?

Idealmente sim. Não sei se fui bem sucedido. Quando escrevo, não tenho uma intenção de ensinar, mas tento fazer personagens coerentes que de alguma forma mexa com o leitor e o faça sentir algo.

Qual o livro que mais gostou de escrever?

O quarto foi o que demorou mais tempo a escrever. Cada um à sua maneira foi estranho. O primeiro não era para ser um livro; o segundo foi para provar a mim mesmo que podia fazer alguma coisa; o terceiro para ter a certeza de que não estava a sonhar; o quarto para ver até que ponto podia abusar e o quinto é o meu livro mais

seguro

Que partes do livro lhe dão mais prazer escrever?

As batalhas, porque são as partes em que eu posso descomprimir. Raramente preciso de voltar atrás para corrigir.

Que livros o influenciaram?

As raças presentes no livro surgem por influência de “O Senhor dos Anéis”, que por sua vez as foi buscar à mitologia, e são aquilo que eu acho que deviam ser. O que fiz foi reconstruí-las na forma que eu acho que elas tinham na origem, por isso lhes dei outro nome.

Se pudesse, mudava alguma coisa nos livros?

Já corrigi alguns erros, como verão na próxima edição dos livros. De resto não, foi mesmo assim que imaginei a história.

Já pensou noutros livros?

Tenho outras ideias relacionadas com o fantástico. Tenho material para mais algumas séries.

Tem outra profissão para além de escritor?

Tradução. Está relacionada com a escrita e é mesmo necessária. Não me estou a queixar, até me tem saído bem, mas não é suficiente. Como gosto de línguas, a tradução pareceu-me o caminho mais lógico. Traduzo de dia e escrevo à noite.

O que poderia dizer a quem não gosta de ler?

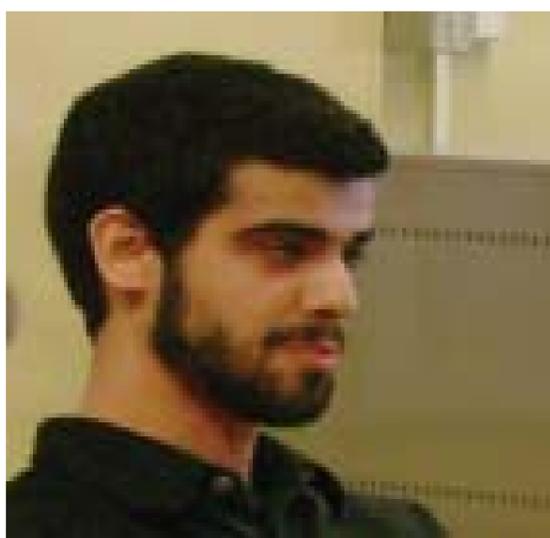
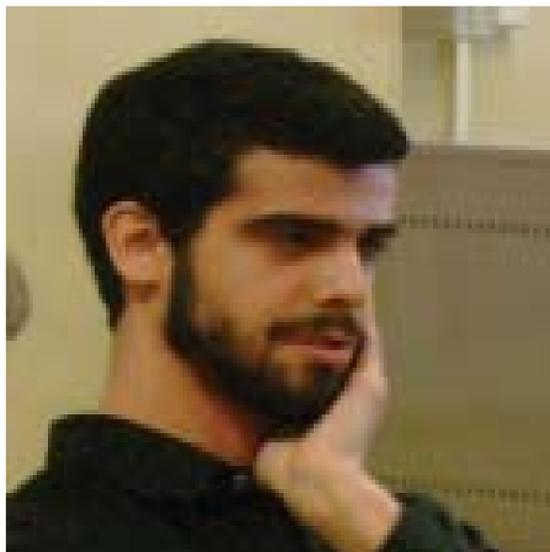
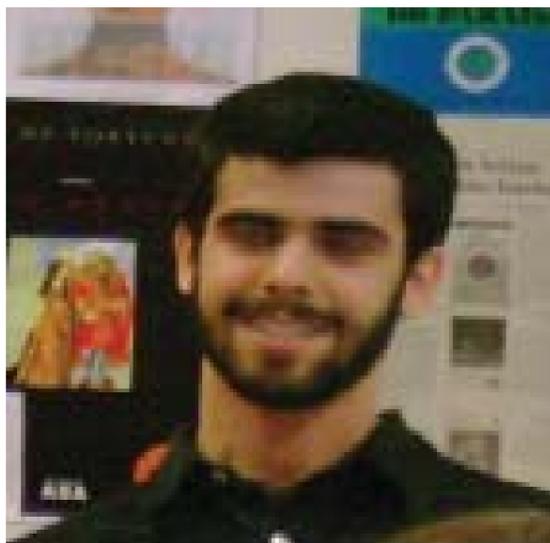
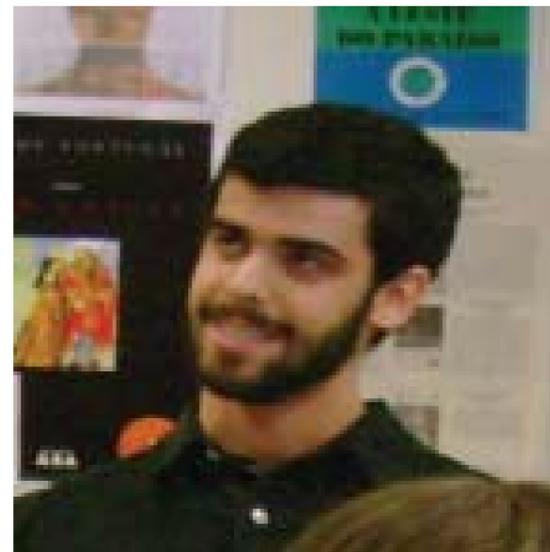
Se alguém não gosta de ler, tem de descobrir do que é que gosta. Se gosta de futebol, que leia o livro do Mourinho, a biografia do Figo. Pode ser que descubra que afinal ler é bom. Eu também não gostava de ler e um dia na Biblioteca da escola, descobri um livro que me chamou a atenção, “Tolkien Bestiary”. Peguei nele. Li-o e fiquei fascinado. Falava de criaturas fantásticas como se fossem reais. Vi que a fonte do livro era “O Senhor dos Anéis”. Corri Lisboa à procura desta trilogia. Quando a encontrei, devorei os três livros. Descobri que a literatura e a leitura eram outra forma de aprender coisas de que eu gostava.

Já escreveu mais alguma coisa além da saga “As crónicas de Allaryia”?

Escrevi uma banda desenhada “talismã” e um conto a partir de “O Barão” de Branquinho da Fonseca, intitulado “O barão foi para o boneco”, que faz parte do livro “Quatro contos com Barão”, publicado pela Gulbenkian, em homenagem a António José Branquinho da Fonseca. Escrever banda desenhada foi um desafio fantástico à minha criatividade e imaginação. Gostei muito.

A criação de um mundo fantástico não reflectirá a rejeição de um mundo real, não traduzirá algum desconforto relativamente ao que o cerca?

Não directamente. Optei pela fantasia porque ela não tem fronteiras, transporta-nos para o tempo das histórias à beira da lareira, que nos permitiam sonhar. É isso que me atrai nessa criação.



Outra Presença na autoestrada da informação

A versão on-line do jornal escolar **Outra Presença** foi apresentada no dia 9 de Fevereiro à comunidade da Escola Secundária Abade de Baçal, na Biblioteca da Escola.

Numa iniciativa que contou com cerca de uma centena de participantes, o grupo coordenador do **Outra presença** on-line, constituído por Luísa Lopes, Paula Minhoto, Rui Garcia e Sérgio Barros, apresentou à comunidade escolar e aos órgãos de comunicação presentes a nova dimensão do jornal, que representa um grande avanço na medida em “que permite uma maior actualidade, rapidez e eficácia na divulgação e informação dos acontecimentos ligados à escola ou que, sendo exteriores, nela se reflectem”, como referiu a coordenação do projecto.

A sessão foi aberta pela Presidente do Conselho Executivo, Teresa Sá Pires, que deu as boas-vindas e em seguida Luísa Lopes fez uma breve síntese da história do jornal da escola, que iniciou a sua publicação em 1959 com o nome **Presença** e que chegou até esta versão on-line depois de passar por diversos formatos e alterações de fundo.

A apresentação da versão on-line coube ao seu *webdesigner*, Rui Garcia, que explicou o formato e funcionamento da página e apontou aspectos que precisavam de ser aperfeiçoados, coadjuvado, na apresentação das diversas secções por Luísa Lopes e Paula Minhoto. Esta versão mantém as secções mais representativas da edição impressa, mas introduz novas vertentes só possíveis com a interactividade que a Internet permite. É o caso da proposta de eleição das 7 maravilhas de Trás-os-Montes, cuja escolha pode ser feita a partir de um grupo de 21, seleccionadas de entre todas as existentes no universo transmontano



Presidente do executivo e equipa dinamizadora do jornal

por Luís Alexandre Rodrigues, docente da escola. Novidade é também o espaço “Ciência à minha medida” que resultará da curiosidade que os alunos manifestarem através de questões que o Departamento de Ciências Humanas e Sociais procurará satisfazer.

A adesão dos presentes à iniciativa foi boa. Paula Romão, professora de Português e coordenadora da Biblioteca considerou que “a edição on-line se prendia com a especificidade do jornal, isto é, a sua actualidade, pois permite actualizações permanentes, o que não acontecia com a versão impressa. Também permite uma maior flexibilidade na colaboração. Todos podem colaborar como e quando quiserem, tendo assim a possibilidade de se reverem de forma mais clara no jornal da sua escola.” Já Raquel Sá, professora de Filosofia, considerou que a ideia tinha sido excelente pois podia “aproximar toda

a comunidade escolar e tornar-se um espaço de reflexão e debate mais efectivo” o que era de louvar. Dos ex-alunos que não quiseram deixar de assistir ao evento, veio a opinião de Rita Morais que referiu que “face às exigências da informação actual, bem diferentes de as de há uns anos, e estando a comunidade escolar em permanente actualização, um jornal escolar tem de responder a essas exigências e a versão digital é a que melhor se adequa a esta nova realidade e aos interesses dos jovens, pois se estes passam tantas horas em frente a um computador, é fácil que dispensem uns minutos para visitar o sítio do jornal da escola, para comentar algo que leiam, para participar.” O representante da Associação de Pais presente, Duarte Lopes, referiu que este novo formato poderia facilitar “a aproximação entre alunos, professores e pais, por permitir um acesso fácil e rápido”. A

presidente do Conselho Executivo, Teresa Sá Pires, disse ao **Outra Presença** que esperava que “esta nova dimensão representasse um maior interesse pelo jornal escolar”, que tinha gostado da página e organização do jornal e que ela seria com certeza continuamente aperfeiçoada, o que esperava que acontecesse “com a ajuda de todos os elementos da escola: alunos, pais e professores.” Um dos alunos ouvidos, Luís Alves, apontou a versatilidade da página, o seu carácter apelativo e a funcionalidade dos links como elementos que poderiam levar os alunos a visitá-la com frequência e participar nela.

Regulamentos de concursos, resultados, apuramentos nas diversas eliminatórias, programas de actividades serão também agora uma constante nesta nova e versátil versão do jornal escolar.

A edição impressa poderá alterar a periodicidade, mas isso é uma decisão que dependerá da adesão dos alunos ao formato electrónico e da actividade jornalística dos membros da escola, que determinará o número de edições anuais. A maior parte dos presentes questionados a este respeito manifestaram vontade de continuar a tocar o papel do *Outra Presença*.

Como sempre tem acontecido, a coordenação realçou que “o **Outra Presença** será aquilo que os membros desta escola quiserem que seja”.



Público na sessão de apresentação

Outra Presença distinguido pelo Isla de Gaia

O dia 4 de Maio brilhou para o Jornal Outra Presença que viu a sua qualidade ser distinguida com um 3º lugar no II Concurso de Jornais escolares organizado pelo Instituto de Línguas e Administração de Vila Nova de Gaia.

Dinamizado pelo Departamento de Comunicação da referida instituição, pretendeu distinguir jornais impressos, blogs e sites de escola e fomentar o interesse pela comunicação.

A equipa do Outra Presença deslocou-se a Gaia no dia 4 para estar presente na cerimónia de

felicitou as escolas pela qualidade dos trabalhos apresentados e referiu a dificuldade sentida na selecção dos três melhores, dada essa qualidade e o elevado número de publicações a concurso.

A coordenadora do jornal escolar começou por agradecer

recentemente que conduziram ao jornal online. Mostrou as vantagens deste, referindo que o mesmo permite uma



E o dia encerrou em círculo com o regresso ao ponto de partida : a



aos promotores da iniciativa pelo facto de valorizarem o que na escola se faz para lá da componente lectiva e que transforma a escola num

maior actualidade, interacção e qualidade. Chamou ao palco alunos representantes da evolução deste jornal: a ex-aluna, Cristiana Afonso, que, tendo concluído o 12º ano no passado ano lectivo, ingressou no curso de jornalismo no Porto, os alunos Guilherme Sá Pires, do 10º ano, Verónica Falcão e Amanda Fernandes, do 7º ano, agradeceu o seu empenho, referindo que é com e para os alunos que um jornal escolar se faz.

entrega de prémios. O director do Curso de Comunicação, responsável pelo concurso, apresentou o júri e

espaço multifuncional. Apresentou uma breve história do jornal salientando as transformações sofridas



O Outra Presença online



O ano escolar vai terminar, mas o jornal online está sempre aberto e quer ser um elo de ligação entre todos os membros desta comunidade educativa. Usem o mail (outrapresenca@gmail.com) ou os blogs (à direita) e enviem fotos, comentários, observações sobre o que lêem, vêem, ouvem e sentem, notícias, reportagens, relatos de viagens, pensamentos, citações...

Os blogs do OP online

A presença de todos
<http://outrapresenca.blogspot.com/>



Escrevinhar





XXV Olimpíadas Portuguesas de Matemática

Vítor Carlos Pinto de Freitas, do 10.º A, foi apurado para a final Nacional que se realizou do dia 22 ao dia 25 de Março, em Lisboa.

Dos 31 alunos apurados para a final da categoria B (10.º, 11.º e 12.º), o Vítor foi o único representante do distrito e um dos 4 que frequentam o 10.º ano. Nove dos restantes participantes pertencem ao 11.º ano e 18 ao 12.º ano. Sendo a prova a mesma para os alunos dos três anos, é de louvar as qualidades dos mais novos que, contrariando as expectativas, ultrapassaram a 2.ª fase.

O Vítor tem revelado sempre um excelente desempenho, nas actividades em que se envolve. Quando chegou a esta escola para frequentar o 7º ano foi o vencedor das Mini-Olimpíadas.

Quem é, então, Vítor Freitas? Como se relaciona com a Matemática? Onde e quando começou esse gosto? Como ocupa os seus tempos livres? Que profissão quer seguir? O Clube de Jornalismo foi ao seu encontro e revela aqui os seus segredos.



A Matemática é uma forma de arte

Vítor Freitas, 15 anos, aluno do 10ºB, foi seleccionado para a final nacional das Olimpíadas de matemática. Quem é ele?

O que é para ti a Matemática?

- Para mim, a Matemática é uma das ciências mais importantes e uma das mais incompreendidas. Todos consideram a Matemática um bicho de sete-cabeças, ao qual não sabem como pegar. Acho que a posso considerar como uma forma de arte, como um modo de exprimir o meu raciocínio.

- Como é que surgiu o contacto entre ti e a Matemática?

- Desde muito novo que tenho contacto com a Matemática, pois o meu pai é explicador de Matemática.

- Estudas regularmente Matemática?

V.F. - Sinceramente... não! Não me é muito frequente estudar Matemática.

- O que fazes nos tempos livres?

- Nos meus tempos livres, leio bastante, mas também gosto de me divertir com os meus amigos, de ouvir música e de jogar computador.

Como é a tua relação com os livros?

V.F. - Eu adoro ler. É uma actividade que me ocupa bastante tempo. Os livros são capazes de instruir e de entreter ao mesmo tempo. Aliás, por algum motivo se diz que os livros são grandes amigos.

- E com o ambiente? Que atitudes tens para preservar o ambiente?

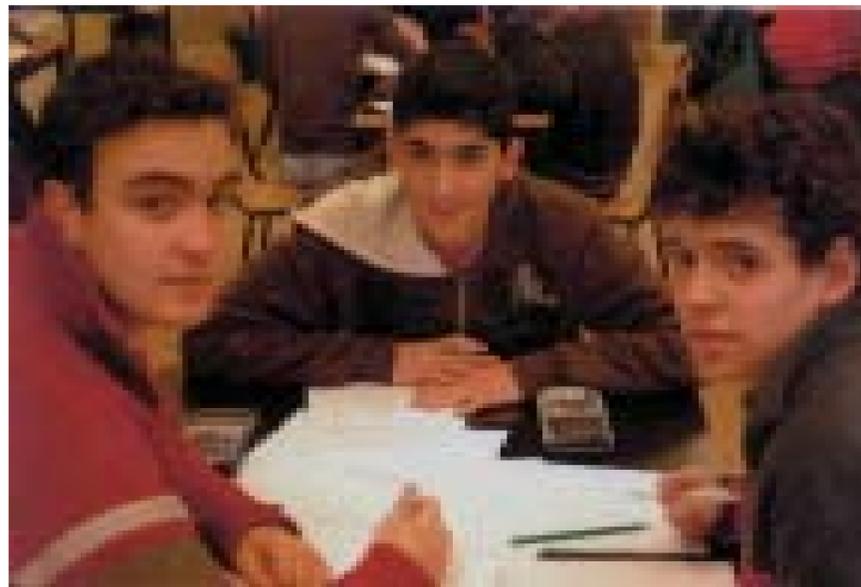
V.F. - Em relação ao ambiente, não se pode dizer que sou um daqueles fanáticos pela ecologia, mas também não sou nenhum despreocupado. Afinal, é uma responsabilidade de todos proteger a Natureza. Eu faço o possível para ajudar e preservar o nosso planeta. Reciclo, reutilizo e reduzo o lixo doméstico, poupo água e energia. Afinal, um pequeno esforço pode ser uma grande ajuda.

- Que curso queres seguir?

- Ainda não me decidi, mas devo seguir algo relacionado com as engenharias. Talvez a aeronáutica ou informática.

Olimpíadas de Química+ Final Regional

João Estevinho - 11ºB



Decorreu, no passado dia 3 de Março, na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, a Final Regional das Olimpíadas da Química +. A nossa Escola esteve representada por uma equipa constituída pelos alunos Alexandre Afonso, André Carneiro e João Estevinho, do 11º B que obtiveram o 2º lugar na final Distrital realizada no dia 15 de Janeiro, nas instalações da Escola Superior de Tecnologia e Gestão do Instituto Politécnico de Bragança.

Os alunos dirigiram-se ao Porto no dia 2, acompanhados pela professora de Física e Química, Drª Teresa Pereira. No período da manhã do dia 3, os participantes assistiram a uma palestra antes de disputarem uma prova escrita. Depois do almoço, enquanto aguardavam pela divulgação dos resultados, os alunos tiveram uma visita guiada aos laboratórios do Departamento de Química, tomando assim conhecimento de diversos trabalhos de investigação que aí estão a ser desenvolvidos. Todos os alunos receberam uma medalha e um diploma da participação. Ao fim da tarde os alunos regressaram. Durante as olimpíadas os concorrentes puderam contactar e conhecer jovens de outras escolas da Zona Norte e estreitar laços de amizade com colegas já conhecidos enquanto expandiam os seus conhecimentos sobre a química.

- Qual é, na tua opinião, o teorema ou descoberta matemática que mais mudou o mundo? E a que menos o mudou?

- Não acho que tenha conhecimentos para me pronunciar sobre esse tema, mas posso tentar. Acho que a que mais mudou o mundo foi a Teoria do Caos, pois mudou drasticamente a nossa maneira de ver o Mundo, do ponto de vista matemático. Discordo da existência de teoremas ou descobertas que não tenham dado algum contributo para a Matemática.

- Dos anos que estudaste Matemática, qual é que gostaste mais?

- O que eu mais gostei foi o 9º ano, pois nesse ano aprofundei os meus conhecimentos o suficiente para poder resolver múltiplos problemas da vida real.

- Qual é o ramo da Matemática que preferes?

- Tenho preferência pela Álgebra e pela Geometria, apesar de gostar de toda a Matemática.

- Como é que achas que a Matemática e o estudo desta alterou a tua visão do mundo?

- Não acho que possamos basear-nos apenas no conhecimento de uma ciência para vermos o mundo. Aliás, a Matemática é inútil sozinha. É a sua relação com as outras disciplinas que permite o progresso.



O quadrado pequeno tem 1m de lado e o grande 1,5m. Este tem um dos vértices no centro do quadrado pequeno. O lado do quadrado grande corta o lado do pequeno ao terço do seu comprimento. Qual é a superfície da parte comum dos dois quadrados?

Ciência Viva na Escola

O Laboratório de Química abriu as suas portas à comunidade escolar convidando os visitantes a realizar actividades experimentais muito interessantes.

As experiências montadas nas bancadas despertaram a curiosidade de muitos alunos, professores e funcionários. Durante o dia 20 de Maio, "Dia da Escola", foi possível realizar várias actividades, das quais ficam aqui alguns exemplos.

Actividade 1. Demonstração de conceitos

Estrutura química das moléculas utilizando modelos e computador.

(1) Partindo de modelos construção da estrutura interna de um polímero.

2) Com duas tinas, uma de água doce e outra de salgada. Distinção a partir das estruturas moleculares.



(3) No computador podemos observar a estrutura tridimensional de várias moléculas. Esta apresenta a forma de uma bola de futebol. Descoberta do seu nome.



Actividade 2. Preparação de materiais poliméricos

(1) Síntese de uma poliamida – Nylon 6,10.

Que poderás fazer com tanto fio de nylon?



(2) Preparação de uma espuma de poliuretano. Onde podes aplicar a espuma que preparaste?



Actividade 3. Demonstração de algumas propriedades dos materiais poliméricos

Identificação dos materiais do quotidiano (plásticos, esferovite, frascos de iogurte, embalagens de produtos alimentares, de limpeza, de higiene, etc...) a partir de testes de densidade, (3) Vamos fabricar um pega-monstros. A partir da reacção de acetona. (1) Ensaio de identificação de um álcool polivinílico com base de PVC. Qual é que quer escolher para o teu pega-monstros? (2) Que volume ocupa a esferovite? Quando se Mergulha esferovite em acetona

Actividade 4 – Síntese de um perfume a partir de pétalas de flores

Recolha de pétalas de flores e transformação em perfume.



Pegada Ecológica

Cada ser vivo necessita de uma determinada área do espaço natural produtivo para garantir a sua sobrevivência no ecossistema. Tal como todas as outras espécies, o Homem depende da existência de alimentos, de um fluxo constante de energia, bem como da capacidade do meio para absorver os resíduos produzidos durante as suas actividades, de modo que estes não constituam uma ameaça ao seu bem-estar.

Consequência disto apareceu o conceito de pegada ecológica – medida da quantidade produtiva de terra e de água que um indivíduo, uma cidade, um país ou a Humanidade necessita para produzir os recursos que consome e para absorver os resíduos produzidos, utilizando a capacidade tecnológica actual.



Hugo: Vou começar a reciclar, pois até agora não o fazia. Andar menos de carro.

Ana João: Também vou começar a reciclar. Não tenho ecoponto perto de casa, mas vou fazer um esforço para reciclar. Reconheço que é importante.

Paulo: esta iniciativa ajuda-nos a reflectir sobre a forma como nos comportamos em relação ao Planeta Terra e pode levar-nos a alterar maus hábitos. Eu não me porto muito mal, 1,6 planetas, mas vou tentar melhorar...

Resultados do 9°C

- Adriana Fernandes: 1.7 Planetas Terra
- Ana João: 2.6 Planetas Terra
- Andreia Macia: 1.3 Planetas Terra
- Daniel Pinto: 1.9 Planetas Terra
- Daniela Barbeiro: 2.1 Planetas Terra
- Filipa Menezes: 1.8 Planetas Terra
- Hugo Peredo: 3.5 Planetas Terra
- Joel Amadeu: 2.5 Planetas Terra
- Marc Moutinho: 2.6 Planetas Terra
- Cristina Afonso: 2 Planetas Terra
- Paulo Lopes: 1.6 Planetas Terra
- Raul Teixeira: 2.5 Planetas Terra
- Rui Gomes: 2.2 Planetas Terra
- Sara Martins: 2.1 Planetas Terra
- Susana Lopes: 1.7 Planetas Terra
- Tiago Afonso: 2.6 Planetas Terra
- André Alves: 1.5 Planetas Terra

Média da Turma: 2.1 Planetas Terra

Directora de Turma (Fernanda Silva): 2.6 Planetas Terra



Resultados do 7°B

Nº do aluno	Nome	Pegada
1	Adriana João	2,2
2	Adriana Maria	4,8
3	Alameda	2,6
4	Ana Beatriz	2,1
5	Ana Carolina	2,1
6	Ana Clara	2,3
7	Ana Lúcia	2,6
8	Ana Rita	1,7
9	Barros	2,7
10	Carla Rafael	2,2
11	Chaves	2,2
12	Eduardo	1
13	Ferreira	2,6
14	João	2,4
15	João Carlos	1,7
16	João Pedro	2,7
17	Luís Carlos	1,8
18	Luís Manuel	2,5
19	Márcia	3,3
20	Maria Isabel	2,1
21	Paulo	1,9
22	Rita	2,3
23	Ricardo	2,2
24	Sara	2,1
25	Teresa	3
26	Verónica	4,1
27	Vidal	1,6

Média: - 2,2 planetas

Analisados os resultados os alunos concluíram a sua opinião relativamente à situação global do mundo e fizeram sugestões com respeito a que o seu comportamento deveria mudar.

" - Apreciamos de que o seu comportamento prejudicou pouco o ambiente e desde que nos ensinam, sempre que possível, andar de carro. Vou, assim, procurar deslocar-me mais a pé. Vou também reciclar mais. Acho que o mundo do Planeta depois de muitos de anos, por isso a vida se deveria de mudar. "

Teresa Faria

Calcule também a sua pegada e ajude o seu planeta. Ele agradece. Consulte o site www.myfootprint.org, siga as instruções, preencha o questionário e de imediato saberá como é que se comporta em termos ambientais.



COMO VAI O NOSSO MUNDO?

Um Mundo de Contrastes

Fernanda Silva, coordenadora do Dep. Ciências Sociais e Humanas

Sabias que:

- 36% da população mundial são crianças.
- Uma em cada quatro crianças vive na miséria, inserida numa família com rendimento inferior a dois euros por dia.
- Nos países pobres muitas crianças não atingem a idade adulta.
- As necessidades básicas não estão garantidas para a maioria dos povos dos países pobres.
- Muitas crianças são

- obrigadas a trabalhar para sustento da família.
- Na guerra são utilizadas crianças-soldados.
- Nos países pobres grande parte da população sofre de subnutrição e de fome.
- Durante os cinco minutos que uma criança demora a comer um gelado, outras 60 morrem à fome
- E que nos países ricos:
- Muitos bens supérfluos e de luxo são acessíveis à maioria da população.

- O consumismo leva ao aumento de lixos e desperdícios, à delapidação dos recursos naturais, à crescente degradação ambiental e ao desaparecimento de muitas espécies vegetais e animais.
- Que nos países desenvolvidos, a abundância é tanta que para além do desperdício surgem doenças devido à sobrenutrição.
- Dennis Tito não teve problemas em gastar 22 milhões de euros para

- viajar até à estação espacial Internacional, quando mais de 840 milhões de pessoas continuam a passar fome.
- Seria possível dar qualidade de vida a todas as pessoas do mundo se controlássemos o consumo de alguns produtos, pois não é novidade se te disser que muitos dos nossos gastos são supérfluos. Repara nos exemplos:
- Os custos necessários em:
- Educação básica para todos são inferiores aos custos despendidos em cosméticos

- nos E.U.A;
- Água e Saneamento para todos são inferiores aos custos despendidos em gelados na Europa;
- Saúde básica e Nutrição são inferiores aos custos despendidos em alimentos para animais domésticos na Europa e E.U.A.

Agricultura biológica

Homem são em Terra sã



Ana Rita Afonso, 8^oC

Portugal, à semelhança da maioria dos países europeus, já dispõe de um Plano Nacional para o Desenvolvimento da Agricultura Biológica. Da responsabilidade do Ministério da Agricultura, visa incentivar o mercado de produtos biológicos e aumentar a quota destes no consumo de produtos alimentares.

O que é a agricultura biológica? Que objectivos visa? Que características possuem os alimentos biológicos? Como reagiu Trás-os-Montes a este desafio? Que produtos biológicos existem cá devidamente certificados?

De acordo com o Codex Alimentarius, a agricultura biológica é um sistema global de produção agrícola, vegetal e animal, onde os métodos

de produção agrícola culturais, biológicos e mecânicos são preferidos relativamente aos métodos onde se empregam produtos químicos de síntese.

Assim, ela deve contribuir para se atingirem os seguintes objectivos:

- aumentar a diversidade biológica em todo o sistema;
- aumentar a actividade biológica dos solos;
- manter, a longo prazo, a fertilidade dos solos;
- reciclar os resíduos de origem vegetal e animal, a fim de restituir à terra os elementos nutritivos e, desta forma, reduzir ao mínimo a utilização de recursos não renováveis;
- apoiar os sistemas agrícolas organizados localmente em recursos renováveis;

Promover a boa utilização dos solos, da água e do ar, e reduzir ao mínimo todas as formas de poluição provocadas pelas práticas culturais e de produção animal.

Concluindo, a agricultura biológica pretende usar práticas que protejam o ambiente, que ocupem harmoniosamente o espaço rural, que respeitem o bem-estar dos animais, e que conduzam à obtenção de produtos vegetais ou animais de alta qualidade.

Quais as vantagens dos produtos biológicos?

Os alimentos provenientes do modo de produção biológica são alimentos sem tóxicos, certificados, saborosos, amigos do ambiente. Estão isentos de

qualquer produto químico de síntese, pesticida ou fertilizante não natural. E esta regra é aplicada desde a sua origem até ao prato do consumidor final. O mesmo acontece com os animais provenientes da agricultura biológica, em que é estritamente proibida a utilização de hormonas e antibióticos.

Todos os produtos provenientes da agricultura biológica são devidamente certificados por entidades devidamente acreditadas, sendo-lhes atribuído um selo de garantia.

Ao consumirmos estes produtos, optamos por alimentos que mantêm as características originais intactas, apresentando uma qualidade nutricional e organoléptica (sabor, aroma, cor, textura) genuínas.

São alimentos seguros e permitem

A Matemática d' "A Festa da Água"

Célia Afonso

Esteve exposta na Biblioteca da nossa Escola, de 2 a 15 de Maio, a exposição interactiva "A Festa da Água" constituída por diversas actividades relacionadas com conteúdos matemáticos, designadamente, áreas, estimativas, grafos, secções em poliedros, capacidades, jogos de lógica e jogos de estratégia.

Cada uma das actividades tinha um cartão em que os alunos podiam



verificar a solução, excepção feita às tarefas que envolviam estimativa, em que os alunos apenas registavam os seus palpites. Estas actividades



consistiam em indicar um valor para a quantidade de água existente num balde, no caso do "Jogo da estimativa", e para o número de gotas de cartolina coladas numa janela, na actividade "Número de gotas", cujas soluções eram, respectivamente, 3,33 litros e 302 gotas. Os alunos participantes podem agora verificar se a sua estimativa se aproximou do valor real. No "Jogo da estimativa" ganhou o Pedro Gralho, aluno do 7.^oC, que apostou 3,5 litros, enquanto no "Número de gotas" o vencedor foi o Paulo, do CEF, com 302



Procura-se ratazana castanha com 15 cm para acasalar com o meu jeitoso rato. Por favor contactar: 912345678.

Procuo novo dono que me estime, pois sou de 3^a geração e quero ocupar o meu coração. Tenho câmara e auricular, coisa que tu podes manipular.

Procura apartamento junto ao mar para ver as gaivotas a voar e a espuma das ondas a brilhar. Contacte : 221910729

Moeda de 1 euro procura carteira para se sentir protegida e não voltar a ser roubada, para mudar de vida e esquecer a passada.

Pedro Gonçalves – 8^oC

Ana Rita Afonso – 8^oC

António Tomé – 8^oC

O que se lê? Como se lê? Quando se lê? Como fazer ler?

Luísa Diz Lopes

A disputa entre a imagem e o papel tem novos intervenientes: a televisão deu lugar à Internet e o conflito tem de deixar de existir sob pena de se manter insolúvel, ou, na pior das hipóteses, afastar definitivamente o papel. Se há leitores fidelizados, outros, no entanto, têm de ser conquistados, pois estão rendidos à “versátil maravilha do mundo em que tudo está à distância de um clique e em que se sentem donos do destino das mais variadíssimas personagens e mundos.” Que fazer? Deixá-los ir avançando e embrenhando nesse espaço virtual? Travá-los e mostrar-lhes o encanto do papel? Simular que esquecemos o papel e encaminhá-los na selecção do que lêem colocando a informática como um meio para a tomada de consciência da importância

do papel e do gosto pela leitura individual e silenciosa e, conseqüentemente, proporcionar-lhes um agradável encontro consigo?

Para a geração fiel ao livro em formato papel não é fácil imaginar que não tocamos naquilo que lemos, que não sentimos a sua textura, que não o transportamos facilmente connosco. Conseguimos aderir ao dicionário, enciclopédia em formato digital; completamos a nossa informação diária com uma visita à Internet; mas o que lemos por prazer, o que estudamos tem de ser em papel. Temos que lhe tocar, de o folhear, sublinhar. Em suma deixar nele a nossa impressão digital e caligráfica, porque se o lemos, se dialogámos com ele, pertence-nos. Fazemos parte desse universo de leitores que dialogaram com esse mesmo livro e o conservam. Por isso é grande o esforço desta geração, na qual a escola se inclui, para perpetuar a existência do livro e do hábito de ter

este por companheiro permanente. E os jovens, esta geração do século XXI? Como vê ela o livro? O que lê? Como é que lê e processa a informação? Quando é que lê?

Quando lêem? A carga horária, a exigência dos programas disciplinares, a ausência de “feriados”, que lhes permitiam descomprimir, conversar com os colegas, resolver questões de turma, a sobreocupação dos tempos, que deixaram de ser livres, em actividades diversas, que vão da música ao desporto, tudo isto faz com que reste pouco tempo aos alunos

Se há leitores fidelizados, outros, no entanto, têm de ser conquistados, pois estão rendidos à “versátil maravilha do mundo em que tudo está à distância de um clique e em que se sentem donos do destino das mais variadíssimas personagens e mundos.

para ler, porque no tempo livre que fica querem conviver com os amigos (na rua, em casa, em presença ou através dos congestionados MSNS), ir ao cinema, jogar computador. Não querem estar sós e ler é um acto solitário.

Para muitos resta a noite, aquele momento mágico antes de dormir, consagrado pelas leituras da infância. Para outros não resta nada, porque o estudo e o computador lhes absorveu também esse tempo e a magia do momento das histórias contadas antes de dormir na sua infância, se existiu, já lá vai.... Estes não lêem fora da escola, logo espontaneamente não lêem porque esqueceram ou não descobriram o prazer de o fazer.

Para muitos resta a noite, aquele momento mágico antes de dormir, consagrado pelas leituras da infância. Para outros não resta nada, porque o estudo e o computador lhes absorveu também esse tempo e a magia do momento das histórias contadas antes de dormir na sua infância, se existiu, já lá vai....

É essencial, por isso, um esforço colectivo para inverter esta situação. Nesse aspecto, a reforma do programa de Português do Ensino Secundário foi bastante útil pois introduziu de forma normativa a leitura recreativa na sala de aula.

O que lêem? Quisemos conhecer os hábitos de leitura dos alunos do 3º ciclo (7º e 9º ano) e estes acederam a responder a um questionário. Concluímos que na ocupação dos tempos livres a leitura (de jornais, revistas ou livros) ocupava o penúltimo lugar ficando a televisão e a prática de desporto com o primeiro e segundo, respectivamente.

O que fazer? Face a estes inquéritos, sentimos ser necessário revitalizar a leitura e a escrita que parecem estar adormecidas na maior parte dos jovens, e procurar incrementar hábitos que podem conduzir a prazer de ler. Unidos neste propósito os professores de português e a biblioteca dinamizam, ao longo do ano, diversas actividades que visam o contacto do aluno com livros e com a escrita criativa. É o caso dos fóruns de leitura para alunos e professores de diversas áreas, nos quais se pretende implementar o hábito

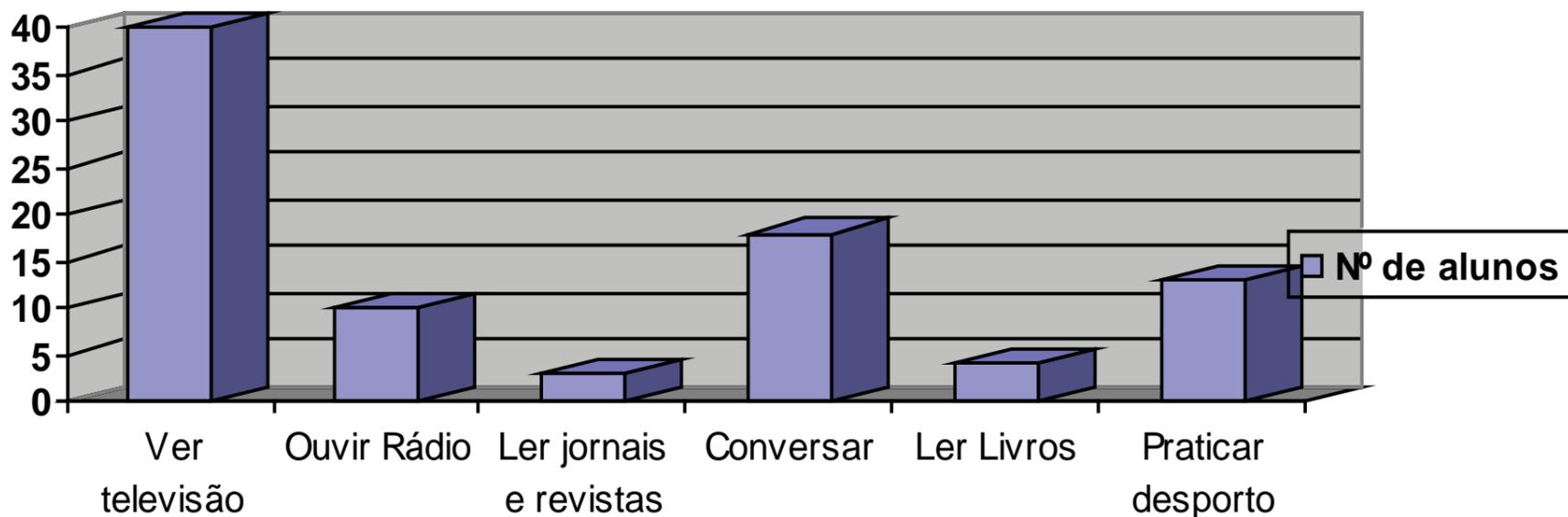
de partilhar impressões que os livros vão deixando em cada um e levar os que não lêem a optar por um desses livros que tanto marcou o colega; das

oficinas de escrita recreativa, cujos textos são divulgados num expositor e no jornal on-line, e vão sendo construídos com base nas opções que os colegas exteriores ao grupo autor forem escolhendo de entre as alternativas colocadas.

Deste modo os alunos escrevem, lêem, mostram o que escreveram e os restantes colegas lêem e participam pela escolha no desenvolvimento e conclusão da narrativa; da II edição do Campeonato de Literatura e da Língua Portuguesa que conduz os alunos à procura de informação na Internet, mas também em livros, gramáticas e dicionários no formato tradicional, existentes na biblioteca; do passatempo ENIGMA L, relativo a um livro seleccionado e cuja concretização implica a sua leitura; do concurso literário na modalidade de conto e/ou crónica; do incentivo à escrita de textos sobre os livros que leram: críticas; conversas com autores e personagens...; exposições sobre livros; incentivo à troca de experiências de leitura entre alunos, através da actividade “Adopta um leitor..”.

Sendo a biblioteca um espaço onde o livro e o computador coabitam, é o local ideal para desenvolver actividades que se baseiam na união entre estes dois elementos e na consciência de que esta aliança trará mais vantagens do que inconvenientes. Todas as actividades pressupõem, por isso, uma ligação harmoniosa entre o livro em formato tradicional e o computador, colocando este ao seu serviço, como um instrumento de valioso auxílio. Porque por trás desta organização está a consciência de que se o aluno não ler nunca terá esse hábito e, conseqüentemente, não sentirá prazer na leitura que fizer, mas que não é desprezando aquilo que ele mais gosta que se conquista o que ele rejeita. Ser leitor no século XXI é um estatuto que se atinge pelo prazer, mas também pela perseverança, pela escolha determinada. É por isso preciso formar cidadãos que saibam escolher.

Como ocupam os jovens os seus tempos livres?



Ler para viver ...melhor

Paula Romão, coordenadora da Biblioteca

“ São os leitores que fazem de um livro o que ele virá a ser mais tarde. O autor propõe, o leitor dispõe”.

Aldous Huxley

É verdade que não há semanas de 9 dias. Nem de 8, tampouco. Mas a Escola Secundária Abade de Baçal conseguiu a proeza de fazer com que os cinco dias da SEMANA DA LEITURA instituída pelo Ministério da Educação se tornassem seis.

De segunda a sábado, entre 5 e 10 de Março, foi um “ver se tu lias”, por toda a Escola, mas sobretudo na Biblioteca, onde os melhores livros se contam aos milhares. E onde o trabalho dos professores de Português e dos elementos constituintes da equipa da Biblioteca conseguiu dar corpo e voz às actividades propostas e organizadas pelos docentes em causa.

A semana começou com a entrega a todos os alunos de um marcador para livros produzido pela equipa da Biblioteca e de um folheto informativo sobre as actividades previstas.

Assim, a comunidade educativa ficou ciente de que a Escola instituíra um Concurso Literário na modalidade de Conto e/ou Crónica, de tema livre, aberto a todos os alunos, em dois escalões etários, ficando a divulgação dos resultados agendada para o Dia da Escola, a comemorar em 20 de Abril (Anexo 2). Simultaneamente, os professores de Português sensibilizaram os seus alunos para a participação na iniciativa do Jornal Nordeste, “Quem Conta um Conto”, que é levada a cabo periodicamente e que pretende que jovens de idades compreendidas entre os 8 e os 16 anos desenvolvam um conto, cujo início é apresentado nas páginas do referido jornal. E foi, justamente, uma aluna da Escola - a Diana Malhão do 7º B - quem recebeu o primeiro prémio para o escalão dos 12 aos 16 anos, com o conto “As aparências iludem”. (anexo 3). Os alunos do 9º e do 7º ano destacaram-se pela sua participação nesta iniciativa, tendo sido seleccionado para publicação no jornal Outra

Presença o conto de Marisa Martins, do 9º B dada a sua evidente qualidade. Aproveita-se, assim, a versatilidade e o imediatismo da edição on-line do jornal escolar para incentivar mais alunos a escrever, com a vontade de ver os seus escritos publicados. Nesse sentido, consideraram os professores de Português que o melhor dos contos não premiados pelo Jornal Nordeste será sempre publicado nestas páginas, como forma de estimular e acarinhar a produção literária dos alunos da nossa Escola.

Também durante a SEMANA DA LEITURA, foi lançado o novíssimo passatempo “Enigma L” que, nesta sua primeira edição, teve como objecto o “mágico” livro de José Gomes Ferreira, Aventuras de João Sem Medo, que os alunos concorrentes deverão ler atentamente para aí encontrar as respostas às questões apresentadas no impresso disponível na Biblioteca.

Outra actividade estreante foi, também, o processo de “adopção de leitores de 7º ano”, iniciativa lançada pela Biblioteca, que pretende que os alunos mais velhos se aproximem dos pequenos “caloiros” e os acompanhem e guiem no que aos seus hábitos de leitura diz respeito.

Implicando, ainda, os alunos de 7º ano, como forma de os integrar na vida escolar e de incentivar os seus hábitos de leitura e de escrita, foi-lhes proposto, pela sua professora de Português, que escrevessem um conto cujo final seria decidido, na modalidade de escolha múltipla, pelos alunos das outras turmas.

Incontornável foi, ainda, a resolução da prova número 7 da

II edição do Campeonato de Literatura e da Língua Portuguesa, cujas questões sobre Literatura versavam exclusivamente obras disponíveis na Biblioteca, a que os alunos podiam aceder com toda a facilidade, o que constituiu uma forma de estimular a procura e a pesquisa “in loco” dos livros em causa.

Os fóruns literários não poderiam ser esquecidos e foi criado e afixado um cronograma com o horário que cada professor de Português disponibilizou para, na Biblioteca, marcar encontro com os seus alunos, à roda da

Finalmente - e porque se olhou para um grande poeta e um livro muito especial - foi apresentada, em 10 de Março, no Teatro Municipal de Bragança, a peça de teatro de José Saramago, “Que Farei com Este Livro?”, a cargo do Grupo de Teatro da Escola. Como forma de homenagear Luís de Camões e a sua obra ímpar - “os Lusíadas” - cuja publicação tantas vicissitudes sofreu, ao longo de dois longos anos, entre 1570 e 1572.

Mas nós, neste mês de Março do ano da graça de 2007, continuamos, na Escola Abade de Baçal, a privilegiar o amor pelos livros, o gosto pela leitura e a vontade de que todos os alunos possam evoluir na compreensão de que a ler se



Fórum de Leitura de 11º ano

mesa e à conversa sobre Livros, Leitores, Personagens e Autores. Mediante as experiências de leitura dos alunos e professores, partindo de livros já lidos e de obras sugeridas pela Biblioteca.

Em fundo, em simultâneo, e em vários espaços da Escola foram feitas exposições sobre diferentes livros, autores, sugestões de leitura e reflexões sobre o papel do livro...

aprende a viver.



Fórum de Leitores, 7º ano

Dia Mundial do Livro

José Saramago por João Cabrita

“O que extingue a vida e os seus sinais não é a morte, mas o esquecimento” disse um dia Saramago, sobre a morte de Miguel Torga.

Foi no Dia Mundial do Livro – pelo Livro, pela Vida, pela Literatura e pela Memória – que José Saramago esteve na Escola Abade de Baçal. Trazido pelas mãos cheias de livros do Dr. João Cabrita, professor efectivo da Escola Emídio Garcia, numa comunicação sobre Saramago e o “Memorial do Convento”, destinada a alunos do 12º ano, a professores, a interessados e a curiosos da obra do Nobel português.

Ao longo de quase noventa minutos, a Biblioteca da Escola Abade de Baçal ficou suspensa no tempo das palavras de João Cabrita que correram céleres por entre as muitas linhas em que vive a obra de José Saramago e a sua existência de homem para quem a literatura não pode viver sem ideologia: “Portugal é terra riquíssima de pobres”.

Grande estudioso e especialista da obra saramaguiana, João Cabrita abriu caminhos para leitura do “Memorial do Convento” – obra que o escritor vai



buscar à História e ficção – lembrando que, para Saramago, “o passado está cheio de vozes”. Que, através das palavras do conferencista, chegaram claras fortes ao presente, onde os leitores que ouviram João Cabrita puderam mais facilmente compreender as interrogações do escritor sobre a sua própria obra: “serei um romancista ou os meus livros são ensaios com personagens?”.

Sem esquecer as célebres questões linguísticas, de que a pontuação constitui o melhor exemplo do que é uma convenção; e onde a escrita desprogramada se cria pela associação de ideias e a desconstrução no texto surge, no próprio “Memorial”, em frases como: “Quem vai à guerra, empadas leva”.

Lembrou João Cabrita que, para Saramago, “o mundo de cada um é os olhos que tem”. Depois de o ouvirmos, o nosso olhar alargou-se e cresceu na medida das perspectivas que soube criar em cada um de nós.

Obrigado, Dr. João Cabrita, e até à próxima, para mais (e sempre bom) Saramago!



Final do II CAMPEONATO de LITERATURA e da LÍNGUA PORTUGUESA

O dia 20 de Abril - Dia da Escola - acolheu a final do II Campeonato de Literatura e da Língua Portuguesa, que contou com cerca de 30 participantes, e sagrou vencedores três alunos do Ensino Secundário, no segundo escalão, e quatro no primeiro escalão, correspondente ao terceiro ciclo.

Se os premiados do ensino secundário foram apurados após a realização de dois testes no dia da final, o mesmo não aconteceu com os do ensino básico, cujo apuramento exigiu a realização de seis testes e resultou na atribuição do primeiro lugar a Joel Mezquita Fernandes, 9ºB, do segundo a Pedro Gonçalves, 10ºA, do 3ºC e do terceiro a Tomás Frias, 10ºB e João Afonso, 10ºA, do 3ºD. O pódio do segundo escalão foi ocupado por Tânia Afonso, 11ºA, Mélanie Quina, 12ºC, e Flávia Lage, 11ºA, respectivamente primeiro, segundo e terceiro lugares.

Iniciado em Outubro de 2006, com o objectivo de incrementar o gosto pela Literatura e o domínio da Língua portuguesa, desenvolvendo simultaneamente a competência de pesquisa de informação, a segunda edição deste campeonato propôs aos alunos, quinzenalmente, a realização de testes que avaliaram os seus conhecimentos.

Na final, os trinta alunos seleccionados resolveram testes idênticos aos anteriores, mas sem terem possibilidade de efectuar qualquer tipo de consulta.



Da esquerda para a direita: Tânia Afonso, Flávia Lage, Mélanie Quina, João Afonso, Tomás Frias, Dr. João Cabrita, Pedro Gonçalves e Joel Fernandes



Diz-me qual o número, que multiplicado por 3, somado a três quartos do produto, dividido por 7, subtraído de um terço do quociente, multiplicado por si mesmo, subtraído de 52, tendo sua raiz quadrada extraída, somando a 8 e depois dividindo por 10, dá o número 2?

Todos os Livros

Paula Romão, coordenadora da biblioteca

Os livros são como o bom senso: quem pouco se serve deles não lhes sente a falta. E olha-os, por isso, como uma entidade obscura, facilmente substituível por qualquer outra e capaz de gerar um sentimento suspeito. Como a preguiça, a indiferença, a desconfiança, o medo de não se gostar por não se compreender...

Nenhum livro é substituível. Cada um tem mil papéis a desempenhar, em cada abordagem: na releitura; na forma como ganhamos o interior das personagens de um romance; nos modos de pensarmos os sentidos de um ensaio; no processo de vivermos os momentos de um diário; nas palavras pressentidas nos versos experimentar; na maneira de reconhecer o real que espreita no eu de uma crónica; no uso com que se abusa de contos que desafiámos como contos.

Tal uma viagem que se constitui objectivo final de si mesma, o Livro não nos transporta. Mostra-nos os percursos que vivem em nós, levando-nos a compreender o que em nós existe do mundo.

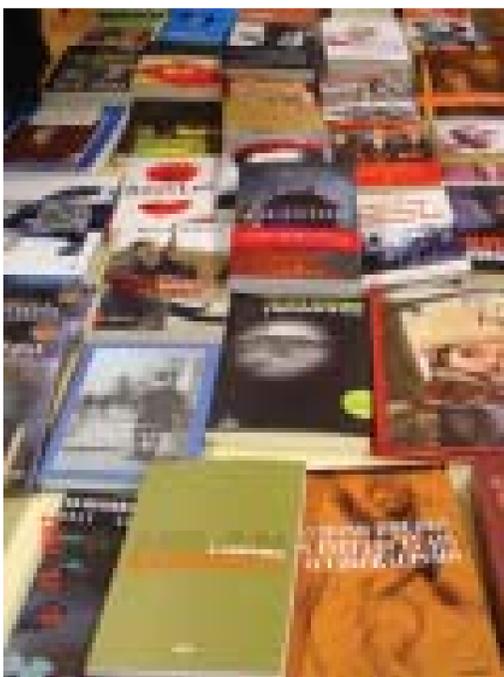
Ler no Verão só porque "se tem tempo" é pura ficção. A ninguém lembraria fazer ginástica uma vez por ano, apenas porque "naquele dia" se conseguiu disponibilidade para isso. A leitura é um processo de aprendizagem, treino, persistência e manutenção. E, sobretudo, de prazer. Daquele que se alcança pela conquista curiosa de um caminho feito de escolhas que foram criando descobertas exponenciais, sem volta atrás. E onde nos reconhecemos enquanto produto da universalidade rendida à matéria de que é feita o ser humano.

Somos a memória dos livros que lemos, num presente já grávido daqueles que ainda estão por abrir. E que olhamos curiosamente como quem tenta descobrir o passado de alguém nas marcas que cruzam o seu rosto. Porém, quando observamos os livros que já fomos conhecendo - numa relação mais intensa ou em momentos dispersos - colam-se-nos sempre aquelas imagens que nunca ficaram por dizer nas palavras lidas.

"Parecia Tomás, devia ser Tomás. Havia cigarras zunindo nas árvores. Clarice lembrou-se da fábula e de como, na infância, identificava-se desesperadamente com a formiga e de como, hoje, passara a se identificar com a cigarra. Deixar que os Invernos viessem. Morrer de fome se fosse inevitável. Mas

antes passar um verão inteiro, esse verão ainda inédito, cantando com a sinceridade das cigarras e dos loucos" diz Adriana Lisboa, em SINFONIA EM BRANCO (Ed. Temas e Debates), naquele que é um livro de uma tão grande sensibilidade que a lucidez com que as palavras incómodas são sugeridas torna-as mais reais do que qualquer olhar. "A chave girou na fechadura com intimidade, depois de tantos anos de um casamento sem conturbações. Dentro de casa, porém, havia um inquilino novo: aquele silêncio insone que chegou com suas bagagens, sem pedir permissão, e ali se instalou para ficar. José Olímpio penetrou no purgatório".

Marcello Duarte Mathias, no seu DIÁRIO DA ÍNDIA (Ed. Gótica), escreve quatro anos olhados numa terra de mitos que vai vivendo das suas metamorfoses. "Calcutá, cidade abismo, imenso cemitério para onde todos caminham ou já lá chegaram... A morte aqui não tem idade, apodrece em cada um de nós, é osmose, recomeço, destino, lote comum, desolação e abandono. Porque este é o domínio de Káli, bruxa de macumba, filha bastarda da Mãe-Índia. Deusa de cabelos de água, negra desgrenhada. Divindade de destruição que se ergue, triunfante de entre os escombros". Como um cicérone atento, Marcello Mathias conduz-nos por um pensamento errante, de histórias agarradas pela memória que vai soltando como quem sabe que é inevitável partilhá-las: "Os cartuchos precisavam de ser untados e



mordidos para entrarem nas armas, e logo houve rumores, entre os hindus, que se tratava de banha de carne de vaca, e entre os muçulmanos de carne de porco. Apresentada como uma deliberada ofensa, por parte dos Ingleses, às crenças uns e de outros, a revolta assumiu de imediato uma exaltação vingativa de natureza religiosa".

Escapado a um fuzilamento

Porquê Ler?

Guilherme Sá Pires, 10ºB

Porquê ler? É uma pergunta com a qual muitos jovens se deparam. Qual a razão pela qual os pais, os professores e todos os mais velhos que nós nos dizem e por vezes obrigam a ler?

Para eles, que cresceram num mundo em que não havia nem computadores nem Internet, é natural uma pessoa ler. Por isso quando se referem a ler estão a referir-se a ler livros e não a ler na Internet. Para eles, ler na Internet não é ler, é antes andar a "vadiar", a perder tempo, em vez de se estar cultivar com um livro. Mas isso está totalmente errado. Actualmente, a Internet é o meio mais influente de troca de informação e essa característica pode ser muito proveitosa se devidamente utilizada.

No entanto é um facto que a população jovem está a ler muito menos do que a geração anterior. Cada vez mais a juventude despreza a leitura e se rende aos jogos de vídeo, à televisão, sobretudo a programas deprimentes... É preciso mentalizar os jovens de que ler é preciso e necessário e que ajuda a ter uma vida mais rica.

Há que notar que quando me refiro a ler não me refiro apenas a ler livros de ficção e de entretenimento em casa, refiro-me também a ler na escola, sobre qualquer matéria, de Biologia ou Física, de Filosofia ou Português, pois em todas é necessário perceber o que se lê. Quantas vezes já vimos jovens no terceiro ciclo a ler como se estivessem no segundo ano, juntando as sílabas uma de cada vez. Mais flagrante ainda é a incrível taxa de "ignorância" no nosso país, ou seja, gente que lê, mas não percebe, não interpreta, não tira conclusões do que lê. Embora esta taxa seja grande nos jovens, é-o também nos adultos, sendo Portugal um dos países da EU onde o nível de iliteracia é mais elevado.

Voltando ao tema da leitura na Internet, esta, como já disse, pode ser muito útil para o aumento de leitores, pois actualmente quase todos os livros estão disponíveis on-line para leitura e é cada vez mais usual comprar livros pela Internet. É importante referir que os livros estão extremamente caros, aliás, toda a cultura está muito cara, desde o teatro ao cinema. É importante tomar medidas para fazer com que a cultura diminua de preço, e então todos terão mais facilmente acesso a ela. Esta parece-me uma medida essencial num país que precisa urgentemente de aumentar o seu nível cultural.

Concluindo, é preciso projectar a leitura nos portugueses como meio para ir mais longe na vida, como modo de crescer intelectualmente, e de enriquecer culturalmente e como meio de comunicação e de afirmação pessoal.

colectivo, Rafael Sánchez Mazas, fundador da Falange franquista, é revisitado por Javier Cercas, quase setenta anos depois do final da Guerra Civil Espanhola, em SOLDADOS DE SALAMINA (Ed. Asa): "À vitória que não seja clara, cavalheiresca e generosa, preferimos a derrota, porque é necessário que, mesmo que cada golpe do inimigo seja horrendo e covarde, cada acção nossa seja a afirmação de um valor e de uma moral superiores. O tempo demonstrou que essas belas palavras não passavam de simples retórica. A 16 de Junho de 1935, numa reunião efectuada no Parador de Gredos, a Junta Política da Falange, convencida de que nunca alcançaria o poder pelas urnas e de que a sua própria existência enquanto partido político perigava, (...) tomou a decisão de lançar-se à conquista do poder através da insurreição armada".

Iluminadamente traduzida por Frederico Lourenço, ODISSEIA, de Homero (Ed. Livros Cotovia), narra as peripécias do imortal herói grego Ulisses (Odysseus), no seu regresso a Ítaca - ilha de que era rei

- após a guerra de Tróia. Enfrentando a fúria dos elementos, os caprichos dos deuses, os instintos dos seres misteriosos e, sobretudo, o desafio permanente à sua condição de homem em busca da lucidez divina. "Nós, os Cíclopes, não queremos saber de Zeus, detentor da égide, nem dos outros bem-aventurados, pois somos melhores do que eles. Nem eu alguma vez, só para evitar a ira de Zeus, te pouparia a ti ou aos teus companheiros. Mas diz-me onde fundeaste a tua nau bem construída: na extremidade da ilha, ou aqui ao pé? Quero saber".

Nestes, como em tantos outros livros, o que há por revelar é matéria de construção para um leitor. Tu, por exemplo.

Porque Ler é assim... e

“ Com os livros não há amabilidades. Estes amigos, se passarmos o serão com eles, é porque realmente temos vontade disso. (...) E a atmosfera desta pura amizade é o silêncio.”

Marcel Proust

Luísa Diz Lopes, coordenadora do jornal escolar

Fecho os olhos e procuro um espaço ideal. Encontro-o... lá está... é sempre o mesmo, é o meu espaço de sonho: aquela cadeira com forma e conforto de nuvem sozinha naquele areal deserto, num fim de tarde ameno, em frente a um mar tranquilo, embalada pelo suave baloiçar das ondas. Abro os olhos. Era nesse espaço que gostaria de me perder neste livro que agora encontrei, que escolhi porque os tons terra da capa e a enigmática figura do centro me seduziram; que tem páginas em papel reciclado, num tom amarelado que facilita a ilusão de que me vou encontrar com as suas personagens, habitantes do século passado; que possui um título com uma das palavras mais bonitas que conheço. Sei muito pouco sobre o seu conteúdo. *Vou ler não importa o quê* porque este é o livro que quero conhecer agora.

Não posso sentar-me nessa praia deserta, mas tenho este sofá numa sala também deserta e silenciosa ou aquela mesa no café repleto e ruidoso. Escolho o sofá e embalada pelo ronronar dos gatos que se aninham, pego no livro que se abre num sorriso. *Vou ler não importa o quê*.

Estou consciente de que tinha o direito de não ler este livro, mas ele chamou-me e eu decidi conhecê-lo. Abro o livro. *Tenho o direito de saltar páginas* e é isso que vou fazer já. Nunca gostei de ler os prefácios no início, isto é, penso que todos deveriam ser posfácios até porque alguns são mestres na arte de destruir a magia do mistério que as páginas seguintes tão bem querem guardar: ou porque dissecam personagense, quando encontramos a primeira, ela já está nua à nossa frente, sentimo-nos, então, privados do direito de amar essa personagem, porque ela perdeu o encanto de ser descoberta à medida que experimentávamos as suas alegrias dúvidas e angústias; ou porque elogiam o final surpreendente que, por isso, deixou de o ser; ou porque...

Salto, então, o prefácio e início a leitura do primeiro capítulo. A partir deste momento, posso fazer valer o meu *direito de não acabar de o ler e o de reler* cada frase que me tocou, que ecoou em mim e fez com que quisesse que ela me pertencesse. Como esta: “Com os livros não há amabilidades. Estes amigos, se passarmos o serão com eles, é porque realmente temos vontade disso.”. Releio-a então para a decorar, sublinho-a porque sei que vou querer lê-la ainda outra e outra vez. Georges Steiner defendia que “o que sabemos de cor, pertencemos”. E sinto que isso é cada vez mais verdade. Lembrome, então, de outro livro que li, cujo protagonista, tendo vivido sempre entre livros, é escolhido por um com o qual ele vive a partir desse momento e que domina de forma inquietantemente deliciosa a sua existência. (“*Este lugar é um mistério, Daniel, um santuário. Cada livro, cada volume que vês, tem alma. A alma de quem o escreveu e a alma dos que o leram e viveram e sonharam com ele. Cada vez que um livro muda de mãos, cada vez que alguém desliza o olhar pelas suas páginas, o seu espírito cresce e torna-se forte.*” in *A Sombra do Vento* de Carlos Ruiz Zafón). Os livros têm este dom de ter as portas abertas uns para os outros numa relação de verdadeira fraternidade.

Os capítulos são pequenos... terminado o primeiro, aninho-me e avanço para o segundo. Fecho os olhos e sinto que as personagens começam a tornar-se familiares, imagino-as naquela avenida da grande cidade, descrita no capítulo anterior. Apetece-me “ouvir” bem o que dizem quando se encontram à sombra da enorme tília que cobre a praça. *Vou ler em voz alta, tenho*

Os Direitos Inalienáveis do Leitor

O Direito de Não Ler

O Direito de Saltar Páginas

O Direito de Não Acabar um Livro

O Direito de Reler

O Direito de Ler Não Importa o Quê

O Direito de Amar os Heróis dos

Romances

O Direito de Ler não importa Onde

O Direito de Saltar de Livro em Livro

O Direito de Ler em Voz Alta

esse direito. E a sala torna-se praça e o meu sofá é um banco de madeira e eu estou ali ao lado delas e ouço-as nitidamente. É uma emoção indescritível e nem sempre é perceptível o momento em que o livro tem esse efeito sobre nós, mas nesse momento temos consciência de que o levamos connosco até o terminarmos e que sempre que pudermos, *vamos lê-lo não importa onde*. Ele está ali na nossa carteira e abrimo-lo enquanto esperamos no dentista, no cabeleireiro, no café, nas escadas da escola, onde quisermos.

As minhas personagens calaram-se e o silêncio que se fez despertou-me. Há algo numa delas que me faz recordar outra personagem do outro livro que estou a ler e que fica à minha espera na mesa-de-cabeceira. Senti subitamente saudades dele e vou buscá-lo. *Tenho o direito de saltar de livro em livro*. Além disso, este, que deixo abandonado no sofá, é um livro que quero saborear devagar, cuja leitura quero prolongar porque me faz sentir bem. Quando lhe toco sinto realmente que se vai abrir uma porta por onde consigo entrar para um local onde verdadeiramente me deleito. É definitivamente um dos livros da minha vida. *Mas tenho o direito de não falar dele*. Há livros assim como este que guardo só para mim.

Semana Cultural da Europa

Lurdes Bento, dinamizadora do clube

O Clube Europeu organizou a Semana Cultural da Europa, que decorreu na nossa Escola de 7 a 11 de Maio.

Para esse efeito, esteve patente, na Biblioteca, uma exposição de cartazes, folhetos e documentação alusivos à União Europeia e à Bulgária e Roménia, os mais recentes parceiros comunitários.

Além disso, houve sessões para as turmas dos 7º, 8º e 9º anos, no AFQ, com a projecção de CD Roms e um DVD relativos a aspectos geográficos, históricos e culturais dos países que aderiram à União Europeia em Janeiro de 2007 - Bulgária e Roménia -, cujas embaixadas tiveram a amabilidade de nos enviar material de divulgação para esse fim.

Também foram promovidos dois concursos destinados aos alunos do 3º ciclo e Ensino Secundário, subordinados ao tema “Europa dos 27”, sendo que havia um questionário comum para os dois níveis de ensino acerca de aspectos culturais da Bulgária, da Roménia e da União Europeia, e mais 25 perguntas sobre a história da União Europeia, destinadas ao Secundário. Foram os seguintes os resultados obtidos:

Secundário : 1º Prémio - Maria Inês Fernandes Bento (10ºB) - 70 pontos; **2º Prémio**

Carina Sofia Miranda Esteves (10º B) - 59 pontos.

3º Ciclo: 1º Prémio - Miguel Ângelo Fernandes Batouxas (8º B) e Ricardo Luís Ferreira (8ºB) - 43 pontos ; **2º Prémio** - Ana Raquel Martins Teixeira (8ºA) - 42 pontos; **3º Prémio** - Ana Luísa Martins Rodrigues (8ºB), Diana Sofia Figueiredo Salgado (8ºB), Jéssica Vanessa Vaz Morais (8ºB), Raquel Morais de Carvalho (8ºB), Stefany Pinto (8ºB) - 40 pontos

No dia 25 de Maio, procedeu-se à entrega dos prémios, na Biblioteca, tendo os alunos do 3º ciclo e do Ensino Secundário recebido livros e brindes, atribuídos pela Escola e pelo Centro de Informação *Europe Direct* de Bragança, respectivamente.

Julgamos ter contribuído para a divulgação da realidade sócio-cultural da Bulgária e da Roménia, dois países que se esforçaram por integrar a União Europeia, lembrando-nos o quão importante foi o dia 9 de Maio para se iniciar o processo de construção europeia, data que todos os europeus amantes da paz, da liberdade, do progresso, da justiça e da tolerância devem assinalar anualmente, para recordar às gerações vindouras que cabe a elas realizar o sonho de Jean Monnet e Robert Schuman.

Escrever com ... Luísa Costa Gomes

Joana Seca, 9ºB

Foi no passado dia 16 do mês de Março, que os alunos da nossa escola tiveram a excelente oportunidade de contactar com a escritora Luísa Costa Gomes, numa Oficina de Escrita, integrada no plano de actividades da Biblioteca.

Durante a manhã, este acontecimento foi direccionado para alunos do 3º ciclo, correspondendo a parte da tarde ao secundário.

Com este evento, visava-se sensibilizar os alunos para a escrita literária e melhorar o seu desempenho nesta competência. Luísa Costa Gomes mostrou-se muito simpática e procurou manter-nos à vontade, sendo, assim, mais fácil para nós, alunos, transportar para o papel as ideias que nos ocorriam. Os exercícios propostos eram muito atraentes e conseguiram estimular a nossa



Oficina de escrita com a escritora Luísa Costa Gomes

criatividade, dando origem a alguns trabalhos bastante interessantes, um dos quais se publica na lateral desta página.

Foi uma experiência muito boa, que todos os participantes, decerto, gostariam de repetir. Aos que não participaram, aconselho vivamente a não voltarem a desperdiçar uma

oportunidade destas, pois, para além de ser uma experiência única, aprende-se sempre algo de novo.

Oficina de Escrita Lúcida

Palavra puxa Palavra

De manhã acordo
Acordo pensando
Pensando na vida, no sol,
caminhando
Caminhando para a escola vou
Vou e vou ficando
Ficando entre mesas e cadeiras
Cadeiras que vou trocando
Trocando com amigos e colegas
Colegas com quem me cruzo e
cumprimento
Cumprimento da escola
palmilhando
Palmilhando mesmo não querendo
Querendo todos querem, ninguém
quer
Quer o estudioso ou o desatento
Desatento está a menina
Menina que o quer e vai sofrendo.

Uma mão cheia de prémios

Concurso Literário - *O sonho, a porta e os despertadores...*

O Dia da Escola foi o dia escolhido para a entrega de prémios do Concurso Literário que viu como vencedores dois alunos e uma aluna, no escalão correspondente ao terceiro ciclo e dois alunos no ensino secundário, que receberam os merecidos prémios pela mão do escritor Filipe Faria.

O Concurso dinamizado pelos professores de Português da escola e integrado nas actividades da Biblioteca visava desenvolver a criatividade dos alunos, o seu gosto literário e a produção de originais

Os alunos do primeiro escalão registaram uma forte participação, que dificultou a escolha face à qualidade dos trabalhos apresentados. O júri, constituído por professores de Português, decidiu premiar Joel Fernandes, com o conto "A Emigração dos Despertadores", Joana Seca, "O Sonho", e Miguel Lopes, "A Inaudita Porta".

Pelo contrário, os alunos do segundo escalão não mostraram grande entusiasmo nesta actividade e a sua participação ficou aquém das expectativas, o que fez com que fossem atribuídos apenas dois prémios, um na modalidade de crónica - ao aluno João Anes, do 10ºA, e outro na de conto, João Mendes, do 10ºA.

Os trabalhos vencedores encontram-se publicados no Outra Presença online e os restantes apresentados a concurso serão compilados e guardados na Biblioteca para que todos os possam ler e os alunos vejam o seu esforço recompensado, mesmo não tendo sido vencedores.

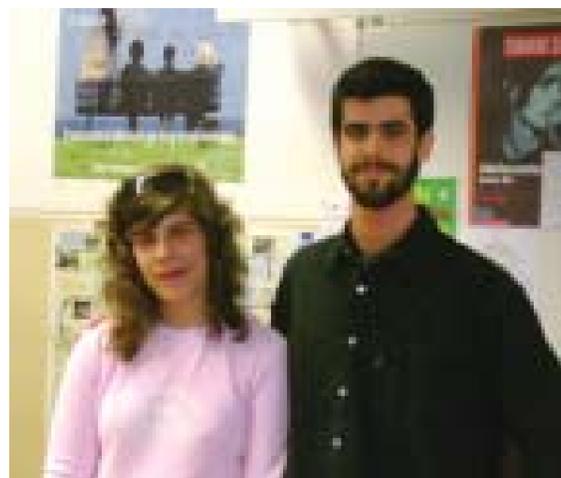
Enigma L - *Leitores sem medo*

Rita Teixeira, do 7ºB, e Joana Seca, do 9ºB, foram as vencedoras do passatempo Enigma L, uma das actividades integradas na Semana da Leitura, que decorreu na escola de 5 a 9 de Março. O prémio foi entregue, no dia 23 de Abril, por Filipe Faria, autor dos livros da saga "Crónicas de Allaryia", que foi convidado a vir à escola para assinalar com dois colóquios o Dia Mundial do Livro.

Com esta iniciativa, que resultou do trabalho conjunto da Área Disciplinar de Português e da Biblioteca, vários foram os alunos que leram o livro "Aventuras de João Sem Medo", de José Gomes Ferreira, e resolveram as actividades propostas a respeito do mesmo, que constavam

do folheto colocado à disposição dos alunos na Biblioteca. De acordo com o regulamento, os dois primeiros alunos a concluir com sucesso as actividades seriam os vencedores. E os que mais se aproximaram deste objectivo foram as alunas acima referidas.

Contactadas pelo Outra Presença, as coordenadoras deste projecto referiram que os objectivos que a ele presidiram - incrementar hábitos de leitura, desenvolver a capacidade de interpretar e inferir e dar a conhecer uma obra e um autor marcantes da Literatura Portuguesa - foram atingidos, embora a adesão ficasse um pouco aquém das expectativas.



De baixo para cima: Filipe Faria com Joel Fernandes, Joana Seca e Miguel Lopes. À esquerda: o escritor com Rita Teixeira



Ana Rita Afonso, 8°C

Ler...Porquê?

*Os livros ajudam-me a sonhar, fazem-me pensar...
São a minha janela aberta para o mundo...*

Ana Rita Afonso, 8°C

Ler é uma actividade essencial e estimulante. Através dela, testamos os nossos próprios valores experiências e confrontamo-las com as dos outros.

No final de cada livro, ficamos enriquecidos com novas experiências, novas ideias, novas pessoas. Eventualmente, ficaremos a conhecer melhor o mundo e um pouco mais de nós próprios. Tal como as pessoas, os livros podem ser intrigantes, melancólicos, assustadores e complicados. Os livros partilham sentimentos e pensamentos, feitos e interesses. Colocam-nos noutros tempos, noutros lugares, noutras culturas, em situações e dilemas que nós nunca poderíamos imaginar encontrar. É precisamente esta diversidade e complexidade que faz da literatura uma actividade recompensatória e estimulante.

Muitas vezes um livro tem que ser lido mais do que uma vez e com abordagens diferentes. Estas abordagens podem incluir: uma primeira leitura superficial e relaxada para ficar com as principais ideias; uma leitura mais lenta e detalhada, focando as nuances do texto, concentrando-nos nas que nos parecem ser as passagens chave; outra vez de forma aleatória, andando para trás e para a frente através do texto para analisar características particulares, para relembrar, reter e saborear.

Dos inúmeros factores que influenciam o hábito da leitura destacam-se a escola e a família. Nas classes sociais menos privilegiadas, o acesso a livros, revistas e jornais é restrito ou inexistente. Desta forma, é difícil adquirir o hábito em casa. Por isso acho que a escola deve desempenhar o papel de incentivadora, o que nem sempre acontece, pois o livro, por vezes, é apresentado como elemento de avaliação e, devido a este factor, parte dos jovens perdem o prazer pela leitura.

Nada desenvolve mais a capacidade verbal que a leitura. Na escola aprendemos também gramática e vocabulário. Contudo, esta aprendizagem em nada é comparada com o que se pode absorver de forma natural e sem custo através da leitura regular de livros.

Ler é uma actividade básica na formação cultural da pessoa. Além disso, é uma excelente actividade de lazer. É benéfica à saúde mental, uma vez que reforça as conexões entre os neurónios. Para a mente, não existe melhor exercício do que ler atentamente e reflectir sobre o lido.

Ler pouco conduz a um uso de vocabulário pouco variado e, conseqüentemente, a uma maior dificuldade de expressão.

Os livros ajudam-me a sonhar, fazem-me pensar... São a minha janela aberta para o mundo...

A Leitura e os Jovens

Os jovens quando entram para o terceiro ciclo de escolaridade perdem um dos melhores prazeres da vida, a leitura.

Como têm o tempo muito preenchido e muito que estudar utilizam o que lhes resta para estar com os amigos, jogar computador e playstation, ver televisão, passear, praticar desporto...

Atevemo-nos a dizer que os livros estão a ser trocados pela Internet, porque até os jornais e os poucos livros que as pessoas vão lendo estão nela.



João Anes, 10º B

DO LIVRO AO E-BOOK

Vantagens e inconvenientes

A escrita sempre esteve com a humanidade desde que esta se conhece a si própria. Foi utilizada em todos os tempos, fosse por generais militares, por reis e rainhas, por pares apaixonados... A lista nunca tem fim... E, claro, como um par apaixonado, a escrita e a leitura são inseparáveis, uma não existe sem a outra, e ambas, juntas, mudaram a face do planeta, permitindo a comunicação entre duas pessoas sem que uma esteja directamente presente..

Obviamente, a escrita uniu-se à mente criativa do homem e juntas fizeram o livro - um instrumento muitas vezes mais poderoso que um míssil ou uma bomba. Estes alteram a carne. O livro foi mais fundo e alterou o espírito, difundindo todo o tipo de ideais, que se foram espalhando pelo planeta, causando uma mudança realmente superior àquela causada por qualquer arma convencional.

Hoje em dia, a escrita continua a mudar mentalidades e serve de ajuda fulcral a qualquer estudante que se preze, ajudando o seu desenvolvimento mental e cultural - um cidadão educado e informado é um bom cidadão. Existem também escritores cujas obras deliciam milhões de pessoas no mundo inteiro, ajudando no desenvolvimento de muitos outros. Mas hoje em dia entramos num dilema.

Muitos jovens hoje em dia escrevem e lêem tanto convencionalmente (isto é, com papel e lápis) como com as novas tecnologias, usando telemóveis (que parecem ser o método de comunicação preferido da juventude a uma escala mundial) e programas de comunicação instantânea, o que é um indício da popularidade das novas tecnologias como método de leitura, e já se pode ver o início da era dos e-books.

E-books, no fundo, são a mesma coisa que livros, tendo o mesmo conteúdo, mas são mais baratos de produzir e podem-se ler em qualquer computador. Inicialmente, os e-books só versavam sobre temas intimamente ligados a informática, pois estavam dirigidos aos verdadeiros "geeks", administradores de sistema, profissionais dessa área e demais curiosos, mas as indústrias rapidamente se aperceberam que a distribuição electrónica era mais rápida, barata e eficiente tanto para o utilizador, pois pode ler a sua cópia do livro em qualquer computador, PDA ou até telemóvel, sendo até mais barato e mais rápido de comprar; como para a própria indústria, visto que não há páginas para imprimir, mas sim servidores para manter (e mesmo que manter servidores seja caro, sempre é mais barato que imprimir quarenta mil cópias de um livro).

Um último argumento - este mais relativo a dicionários e enciclopédias - os livros não têm nenhuma função de pesquisa automática e rápida, ao contrário de enciclopédias digitais, que encontram uma palavra em cem mil artigos numa questão de milissegundos, para além do facto de que as enciclopédias digitais podem ser sempre actualizadas e rapidamente emendadas no caso de existirem erros, ao contrário das enciclopédias em papel. Mas no mercado da distribuição electrónica, nem tudo são rosas...

É verdade que distribuição electrónica em termos de livros tem as suas vantagens, mas também tem desvantagens. Por exemplo, embora se possa ler um e-book em quase todos os computadores ou PDAs e telemóveis, precisa-se de ter um computador presente, e existem alguns lugares onde equipamentos electrónicos não são permitidos (Certos aviões ou linhas aéreas não o permitem). Também há o argumento de que sem uma representação física dos livros, não se podem construir bibliotecas pessoais, que ficam sempre bem em qualquer casa...

Agora, lançados os dados e revistos os argumentos dos dois lados, cabe ao leitor decidir por si. O importante é ler...como, é uma escolha individual.



Pergunta ciência

Qual o tamanho de uma célula humana?

Resposta:

Isso agora é difícil de responder! As células humanas podem ser muito especializadas e apresentarem tamanhos e formas muito variadas. Por ex: os neurónios do nervo ciático começam no dedo grande do pé e terminam na coluna vertebral, podem portanto ter mais de 1m de comprimento dependendo do dono da perna!

No entanto a maioria das células são muito mais pequenas e para teres uma ideia no espaço ocupado por um ponto final podem caber 200 células.

Concurso “Quem conta um conto”

Jornal Nordeste premeia Diana Malhão...

Diana Malhão, aluna do 7º B desta escola, foi a primeira classificada, no seu escalão, no concurso “Quem conta um conto” promovido pelo Jornal Nordeste, com o conto “As aparências iludem”, que pode ser lido no expositor da Biblioteca.

Esta iniciativa, que vai já na 3ª edição, procura incentivar os jovens a ler e a escrever, propondo-lhes que concluam os contos que são publicados no referido jornal e contou nesta edição com 59 participantes de sete estabelecimentos de ensino.

A entrega dos prémios decorreu no Auditório da Junta de Freguesia, no dia 3 de Março, a partir das 18 horas e contou com a presença da vereadora da cultura, Fátima Fernandes, do Director do Jornal Nordeste, João Campos, que apadrinhou esta iniciativa e com a autora do projecto, Daniela Teles. Todos manifestaram a sua satisfação pelo número crescente de participantes e elogiaram a qualidade dos trabalhos entregues e o empenho de alunos, pais e professores neste projecto que visa incentivar à escrita e melhorar hábitos de leitura.

O conto cuja conclusão se pressupunha que os alunos imaginassem, tinha o título “Bombom do Dia” e foi interrompido quando o protagonista se tornou invisível. Neste espaço podem ser lidos dois dos contos entregues por alunas desta escola, o da aluna premiada pelo jornal Nordeste e outra cujo texto, não sendo premiado, merece ser divulgado dada a sua qualidade.



Alunos da Escola Secundária Abade de Baçal que participaram no concurso e estiveram presentes na entrega de prémios



Clara Gonçalves



Diana Malhão

...Clara e Inês Gonçalves

Depois de Diana Malhão, foi a vez de Clara Gonçalves, também do 7º B, desta escola, vencer o concurso “Quem conta um conto” promovido pelo Jornal Nordeste, que com esta edição dá por terminada esta iniciativa. Maria Inês Gonçalves, do 9º B, ficou em 3º lugar.

Desta vez o arranque para a inspiração e criatividade dos jovens escritores era um conto intitulado “A casinha Amarela” que a Clara soube terminar com a qualidade que lhe conferiu o primeiro lugar no pódio.

O concurso terminará com a publicação dos contos elaborados pelos alunos num livro, que será lançado no dia 5 de Março, actividade inseida na próxima Feira do Livro de Bragança.

Os textos das alunas podem ser lidos na versão on line do Outra Presença, na secção Escola Viva - Concurso Quem Conta um Conto



Lopes da Silva é o treinador do G.D.Bragança. Natural de Alagoas Maceió, no Brasil, tem 41 anos e foi atleta do G.D.B. nas épocas que decorreram entre 2000 e 2005.

Treina o G.D.B. desde 2005 e assim se mantém até agora.

Outra Presença – Que comentário faz ao jogo com o Belenenses?

Lopes da Silva - Foi um jogo muito difícil, com um adversário da 1ª liga muito forte. Pretendíamos passar a eliminatória e estar nos quartos de final, mas não conseguimos. Penso que tivemos uma boa prestação, mas, infelizmente, não conseguimos atingir os nossos objectivos.

Outra Presença - Como são as condições técnicas do clube?

Lopes da Silva - São minimamente boas. Precisávamos de mais estrutura para trabalhar melhor. Um espaço maior para nos equiparmos; um campo auxiliar para fazermos mais treinos; matéria-prima, um plantel mais vasto, mais competitivo.

Treinador do GDB em directo

Um Clube à espera de mais e melhores condições

Pedro Geraldo – 7º B

Outra Presença - Além das que referiu agora, o clube tem outras necessidades?

Lopes da Silva - Precisava de património próprio que não tem, mais estabilidade financeira porque atravessa um mau momento, devido a uma má gestão anterior. É necessária uma reestruturação a todos os níveis para apagar a imagem negativa que tem no exterior. O Bragança tem de se afirmar, tornar mais forte e competitivo em todos os campeonatos em que entrar.

Outra Presença - Quantos jogadores tem neste momento?

Lopes da Silva - Temos 24 jogadores. A maioria é da terra, mas existem também jogadores brasileiros e angolanos.

Outra Presença - Considera-se um treinador mais ofensivo ou defensivo?

Lopes da Silva - Eu não me considero muito ofensivo. Mas há jogos em que temos de ser as duas coisas. Depois de analisar a equipa adversária, com a qual vamos jogar, tomamos decisões relativamente à estratégia do

O dia em que a poesia foi rainha

Guilherme Sá Pires, 10º A

O dia 19 de Março ficou marcado por um Sarau de Poesia no auditório do Centro Cultural Paulo Quintela, que assinalou, assim, o Dia Mundial da Poesia.

Este evento é organizado todos os anos pela Junta de Freguesia da Sé para incentivar a leitura e o prazer de ouvir dizer poesia. Às 21 horas, a sala cheia aguardava o início do sarau. Na plateia,



Magda Florência e Eliana Rocha, no palco

para além dos organizadores e do público, estava a Dr. Isabel Alçada, que todos nós conhecemos como co-autora dos livros da colecção "Uma aventura", que é presentemente coordenadora do Plano Nacional de Leitura. Participaram activamente no evento as três escolas secundárias da cidade, a Escola Superior de Educação, a Universidade Sénior, a Escola de Ballet e o Conservatório de Música. A Escola Abade de Baçal foi representada por três alunos do ensino secundário, Magda Florência, Eliana Rocha e Guilherme Sá Pires que declamaram poemas de autores portugueses.

A sessão foi aberta pela Dr. Dina Macias que dissertou sobre a revolução e a importância da poesia. Seguidamente os alunos das diferentes escolas disseram poemas, homenageando, assim, poetas portugueses como Miguel Torga, Sophia de Mello Breyner, Fernando Pessoa, Ary dos Santos, Florbela Espanca, entre outros. Coube à Dra. Isabel Alçada encerrar o evento e no seu discurso sobressaiu a importância do Plano Nacional de Leitura e dos efeitos que já resultavam da sua aplicação. No final, o público foi convidado a dizer poesia no palco. A nossa escola foi representada nesse momento com a leitura do poema "Cântico Negro" de José Régio pela voz da professora Otilia Afonso que o dedicou aos seus alunos.



Os três "diseurs" da escola, nos bastidores

Para bom leitor um livro não basta

Combateremos a Sombra

Lídia Jorge

Dom Quixote



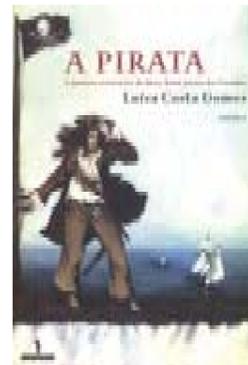
É um livro poderosíssimo que desvenda com a calma característica dos psicanalistas, os segredos de algumas almas, cujo "peso" depende apenas delas e da coragem que possuem para enfrentar os seus medos.

Simultaneamente, levanta o céu negro que cobre os podres de uma sociedade, de um país, de um mundo que se consome a si próprio e cobre os mais vulneráveis com sua sombra. Até que estes resolvam combatê-

A Pirata

Luísa Costa Gomes

Dom Quixote



Onde se conta, com graça, humor e inteligência, a vida aventureira de uma mulher inglesa que, no princípio do século XVIII, viu o que nunca imaginou, fez o que não podia e disse o que não devia. Tudo o mais se passa, sobretudo, debaixo do céu chocantemente azul das Caraíbas. E o resto é história...

O Canto da Missão

John Le Carré

Dom Quixote



Bruno Salvador é um jovem mestiço que vive em Londres e é intérprete de uma imensidade de línguas africanas. Recrutado para uma missão ultra-secreta, implicando uma zona

problemática do continente africano, vê-se, subitamente, a braços com uma realidade chocante que o fará repensar a sua própria

Inverno Mágico

António Pinelo Tiza

Ed. Ésquilo
Através



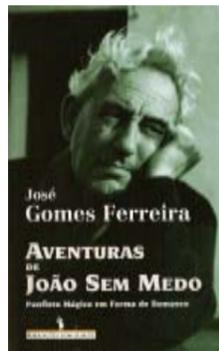
deste desfile de ritos e mistérios transmontanos, surpreendidos ficarão, até, os nativos e habitantes destas terras do Nordeste. Que aqui conhecerão a riqueza cultural e

etnográfica que o autor desta obra tão bem soube recolher nos locais onde as tradições persistem em ser o que eram.

Aventuras de João Sem Medo

José Gomes Ferreira

Dom Quixote



João Sem Medo era um rapaz nascido em Chora – Que – Logo – Bebes, que farto de viver numa terra onde as pessoas e as coisas choramingavam de manhã à noite, resolveu fugir.

Para isso teve de saltar o Muro que só podia ser ultrapassado por quem estivesse "espantado de existir"...

O Mistério de Foz Côa

António A. Pinho e Pedro F. Branco

Editorial Difel

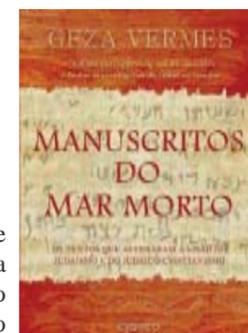


Em Castelo Melhor, pelas cinco da manhã, num dia abrasador de Agosto, dois caçadores partem para uma grande caçada... vêm marcas estranhas na areia que parecem de javali e outras que parecem pegadas humanas. Quando decidem investigar, desaparecem misteriosamente. O Bando dos Quatro resolve investigar...

O Enigma dos Manuscritos do Mar Morto

Éliette Abecassis

Ed. Contexto



Em 1999, um homem é encontrado crucificado na igreja ortodoxa de Jerusalém. Trata-se de um sumo-sacerdote que está na origem da publicação dos manuscritos do mar Morto. Com efeito em Qumran, no deserto da Judeia, em 1947, os arqueólogos tinham feito uma das mais importantes descobertas do século: manuscritos com mais de dois mil anos conservados, como por milagre, dentro de jarras. Um dos rolos desaparece, com a morte do sumo-sacerdote, e o

exército israelita investiga...

Romance que constitui uma viagem através do hassidismo e do misticismo judeu e cristão, numa reflexão sobre a fé messiânica comum a duas religiões.

Um mundo para lá da imaginação

Joana Seca - 9ºB

Que o teatro, por si só, é mágico, diferente e verdadeiramente magnífico, todos sabem, mas estes sentimentos não se resumem, apenas, à sala de actuações. O teatro é mais do que um simples local de espectáculos, é mais do que um sítio onde se pode passar um bom serão. O teatro é um espaço intemporal, é todo um mundo, ao qual o espectador não tem acesso, nem sequer na sua imaginação.

No dia 31 de Janeiro de 2004, foi inaugurada uma obra grandiosa, que trouxe, sem dúvida, uma nova perspectiva à cidade de Bragança. Após longos meses de obras, condicionadas pelas habitações degradadas e pelo solo bastante rochoso, foi finalmente aberto ao público o tão ansiado Teatro Municipal da nossa cidade. Uma construção moderna e repleta de bom gosto, assim se apresentou este novo marco brigantino, prestigosamente localizado no centro da cidade transmontana.

O teatro é um mundo do qual o espectador não tem o menor conhecimento.

Foi no passado dia 2 de Maio que tivemos a oportunidade, única, de visitar, e quando digo visitar é no seu verdadeiro contexto, o Teatro Municipal de Bragança. Não foi apenas uma mera ida ao teatro, na qual somos encaminhados para a sala de espectáculos e retomamos a porta de saída. Não. Quando digo visitar refiro-me a ver tudo o que é restrito, tudo aquilo que não se conhece, que nem sequer se imagina.

A ideia que a maior das pessoas tem do teatro é apenas aquilo que vê, aquilo com que contacta, mas o teatro é muito mais do que aquilo que podemos imaginar.

Concentrámo-nos no *foyer*, primeiro espaço de acesso público, bastante amplo e arejado, que permite um maior contacto social antes e depois das peças. Todo ele bastante moderno tem o seu ponto de relevância no magnífico painel cerâmico de Graça Morais, que embeleza todo o cenário.



Seguimos para a conhecida sala de espectáculos, tendo o privilégio de dar mais uns paços e pisar o grande palco. É uma mistura de sentimentos ver todo o redor de tal perspectiva. Por um lado a vontade de querer, um dia, representar e ver todas aquelas cadeiras repletas de pessoas a aplaudir o nosso trabalho, por outro, o medo que traz tal visão.

A sala é constituída por uma plateia sem coxia central e com uma capacidade máxima para 396 pessoas, tendo o cuidado de especificar sítios para pessoas com deficiência. Toda a sua estrutura é resultado da combinação entre o desenho conceptual de arquitectura e o comportamento acústico. Este último é controlado através da geometria e volume da sala, por subida e descida de caixotões móveis que interligam o tecto, bem como pela reflexão dos painéis laterais.

Seguidamente visitámos o subpalco, todos os pequenos compartimentos de arrumação bem como a sala de ensaios, com as mesmas medidas da área de representação do palco e a particularidade de, suspensa no tecto, se encontrar uma estrutura de tubo normalizado onde é possível

colocar projectores de iluminação, panejamento e cenários. Possui vestiários próprios à entrada e ainda uma entrada de carga. A partir da sala de ensaios acede-se directamente ao palco e também ao fosso da orquestra.

Outro dos sítios visitados e um dos que mais criou expectativa foram os camarins. Os espelhos tão característicos com as luzes em volta são de facto mágicos.

É um mundo completamente diferente, andar por aqueles corredores imaginando a azáfama de actores, encenadores e técnicos durante uma actuação, enquanto nós, meros espectadores, nos deliciamos com a peça. Os camarins e a zona junto ao palco têm pequenas televisões que permitem aos actores saber o que se está a passar em cena, bem como constatar onde e quando se devem posicionar. Estas imagens provêm de câmaras que se encontram na régie e perto do palco, gravando, então, todos os espectáculos que sejam representados.

Tivemos ainda a oportunidade de visitar a teia e todo o seu mecanismo. É de salientar que quer o revestimento das paredes e tecto, equipamento, e

panejamento utilizados no palco têm na sua constituição um material irífogo, neutralizando assim qualquer hipótese de incêndio.

Foi uma experiência fabulosa, inesquecível e, principalmente, enriquecedora.

O teatro é um mundo aparte, algo grandioso e irresistível. Foi um privilégio e um prazer poder conhecer todos os recantos de tal edifício.

Esta visita não teria sido possível sem a organização da professora de Língua Portuguesa, Paula Romão, bem como a colaboração dos membros do Teatro Municipal de Bragança que foram absolutamente incansáveis.



Eu não queria engordar. Qual é o máximo de calorias que posso ingerir sem correr esse risco?

Resposta:

A manutenção do peso é uma questão complexa que tem, por estranho que pareça, um aspecto matemático, uma vez que depende do balanço entre a quantidade de alimentos ingeridos e aquele que o organismo realmente necessita.

O funcionamento das nossas células resulta do somatório de variadas reacções químicas que gastam energia e que no seu conjunto formam o metabolismo basal.

Para o metabolismo basal do organismo é necessária uma determinada quantidade de energia (em kcal) que depende da idade, do peso e do sexo que pode ser calculada facilmente. (consulta a secção "Ciência à tua medida" do op online)

Em Cena

“Que farei com este Livro?”

«Nunca em Portugal se escreveu um livro assim, e ninguém o agradece.»

Joana Gonçalves

Assim se refere José Saramago a «Os Lusíadas» de Luís de Camões, pela voz de Diogo do Couto, na sua obra dramática «Que Farei com Este Livro?». Tendo como tema central a epopeia do grande escritor português, retrata o desprezo e humilhação por parte dos poderosos de que foi alvo até conseguir a publicação da sua obra, cujo valor apenas foi reconhecido postumamente.

A este cenário teve o público acesso no dia 10 de Março, no Teatro Municipal de Bragança, pelo grupo de Teatro da Escola Secundária Abade de Baçal. No papel central, o ex-aluno Mário Sá deu vida a Luís de Camões, numa fabulosa interpretação, envolvendo o espectador e remetendo-o para interior da acção. Do elenco faziam também

parte alunos do Ensino Secundário da Escola e mesmo um funcionário (Mário Geraldo).

Num espectáculo de cerca de duas horas, o público contactou de perto com «Luís Vaz de Camões», conheceu os seus amores e desamores, sua mãe, seus amigos, a corte...Conheceu uma nova forma de ver «Os Lusíadas» e, sobretudo, o grande empenho do seu autor.

Temos a agradecer à professora Paula Romão, que mais uma vez teve a força necessária para levar este encenação avante e também à professora Fernanda Brás Alves, responsável pelo guarda-roupa, principais responsáveis pelo espectáculo a que pudemos assistir.



“As armas e os barões assinalados,
Que da ocidental praia Lusitana,
Por mares nunca de antes navegados,
Passaram ainda além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados,
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram;”



Luís de Camões - Mário Sá

Foi esmagador encarnar um português de génio, tentar sentir e dar a sentir a pena e as penas de quem ousou estar à altura da própria grandeza, pecado capital punido com epitáfios e honras póstumas num país de homens e tempos de horizontes curtos, um país tão vagaroso a medir o que é verdadeiramente grande, sem outra escala que não a da própria pequenez material, que aqueles a quem devemos obras valorosas têm de esperar que a lei da morte os liberte antes que possam eles ir-se dela libertando.

Dar corpo e voz à alma do Camões de Saramago é empreita a dobrar, que a dobrar a minha Escola, a nossa Escola, me confiou. Quatro anos volvidos desde a primeira vez que o fiz, o meu desejo é que a interpretação da personagem possa ter beneficiado daquilo que a vida me quis entretanto ensinar. Porque, se falamos de um nome máximo da cultura universal, é de Camões enquanto homem que a peça trata, e da luta com o mundo que coube travar ao escritor, filho, amigo, amante... E de esperança, de que a vitalidade da nossa Escola é testemunho. Obrigado a todos os colegas e docentes que estiveram envolvidos na encenação. Obrigado por me terem feito partilhar desse testemunho de esperança.

D. Catarina de Áustria, Avó de D. Sebastião - Maria Ferreira 12º B

Foi com grande responsabilidade que encarnei a personagem histórica, D. Catarina De Áustria, na peça “Que Farei com Este Livro?” de José Saramago, visto esta ter tido grande influência e ser um marco na História de Portugal. Foi uma vivência espectacular entrar na autoridade e arrogância da personagem, o que constituiu um desafio a conseguir. É impossível explicar as sensações que esta experiência provocou em mim e que ficará para sempre guardada na minha memória. Isto para não falar do espírito de alegria e apoio que se gerou dentro do grupo. Só vivendo se pode sentir...

Damião de Góis / Mário Geraldo

Enquanto “Damião de Góis”, senti um peso enorme por saber que estava a vestir a pele de um humanista, historiador e diplomata português do século XVI, o mais europeísta do Quinhentismo Português.

Mestre do príncipe D. João III e guarda-mor da Torre do Tombo, a sua fama, contudo, não escapou à vigilância do Santo Ofício, que o condenou a “cárcere perpétuo” no Mosteiro da Batalha em 1571.

Dei o meu melhor para representar tão ilustre figura, embora me tenha custado um pouco encarnar um venerando senhor de setenta anos, achacado de doença e triste com a situação política do país.

P.S. Não me senti muito bem dentro dos collants, mas sei que é preciso sofrer pela arte ...

Mário José Teixeira Geraldo



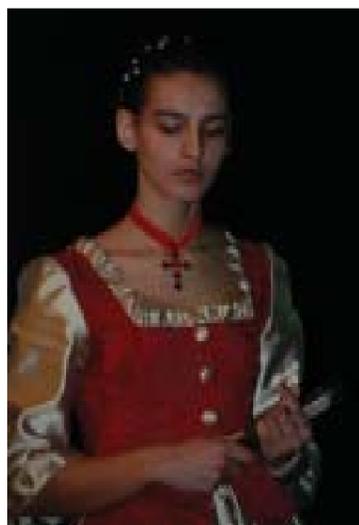
As cortinas abriram-se, o palco deu o grito
Em Cena: Camões com a mãe - Rita de Sá, Catarina D. Henrique, D. Catarina de ÁustriaLuís da Câmara e Martim Gonçalves da Câmara; Inquisidor - Frei Bartolomeu Ferreira e Camões.

Em Cena

“Que farei com este Livro?”

silencioso que inicia o espectáculo e fomos apanhados no desfile das personagens que nos contaram a estória.

O barulho dos passos acompanhado pela música, o olhar transformado de quem já não é o que é, a expressão da alma que faz o teatro fizeram-nos entrar, aos poucos, naquele mundo do real imaginário que



Saramago construiu e nos deixou para reconstruirmos. Em cena: “Que Farei com Este Livro?”

Nesta peça, o escritor conta-nos um pouco da estória de Luís de Camões e das enormes dificuldades que envolveram o processo da publicação de “Os Lusíadas”.

Do séc. XVI saltamos para o dia 10 de Março de 2007, para os bastidores nervosos onde tive oportunidade de estar e matar saudades. Confesso que eu também estava nervosa, depois de três anos de teatro a “fazer” a Hermia, a Adela e a Leonor (Filha do Engenheiro),



Em cima: Francisca de Aragão, Camões com o Impresario, Francisca com Camões,

foi incrível sentir, agora no público, o “barulhinho” que envolve a estreia do “nosso teatro”. Os olhares cruzados com a professora Paula Romão, a confiança das últimas indicações dela, a força do seu sorriso nervoso; depois a roupa, os vestidos lindos, aquele cheirinho a alguém que estamos ansiosos por ser, o abraço quentinho da professora Fernanda enquanto nos dá os últimos retoques...

Este ano senti tudo isto de longe, mas não deixei de senti-lo, de respirá-lo.

Foi bom percorrer as cadeiras do teatro e recordar aquelas pessoas que hão-de ser sempre minhas.

Foi bom sentar-me na plateia e verme entrar naquela magia. A magia que transbordou das interpretações fantásticas dos “nossos actores”, do texto brilhante de Saramago, da voz que deu vida aos versos de “Os Lusíadas”, das imagens, da música que nos fez tremer e nos emocionou. Enfim, a eterna magia do palco que “guarda” as pessoas que fazem o “nosso teatro.”

Hoje, à distância que “teima” em aproximar-me, olho para esse lado feliz, porque sinto que está aí para ser mais e melhor, porque vejo nele coisas tão boas como o Jornal On-line e o Teatro, porque me orgulho de vos aplaudir, hoje, e de ser um daqueles que guarda para sempre na memória a Escola Secundária Abade de Baçal!

D.Francisca de Aragão - Magda Florêncio

“O meu nome é Francisca!”

D.Francisca de Aragão, dama da rainha, é apaixonada por Luís de Camões e tudo faz para o ajudar na publicação dos seus Lusíadas. A sua divisão entre o romantismo e o pragmatismo faz com que se torne uma personagem complexa cuja representação exige bastante esforço e dedicação. Francisca é uma mulher dinâmica, decidida, com uma enorme força de vontade; encarná-la foi um desafio que me deu um gozo incomparável, algo que jamais esquecerei!

Após seis meses de convívio com esta grande senhora, liguei-me de tal modo a ela que chego mesmo a considerá-la parte de mim! Entrar no grupo de teatro da escola foi uma enorme realização pessoal e uma grande responsabilidade pois todos nós sabemos e nos orgulhamos do sucesso que ao longo destes anos tem tido! Só espero ter estado à altura deste grande desafio e que esta peça tenha sido para mim a primeira de muitas!

Martim Gonçalves da Câmara - Guilherme Sá Pires

Foi uma sensação nova e gratificante e é uma experiência e uma memória que vou guardar para a posteridade. Quanto a encarnar a personagem do Secretário de estado, Martim Gonçalves da Câmara, não foi muito difícil, pois na minha opinião era uma das personagens mais fáceis de representar. Gostei muito de representar esta personagem, pois é muito interessante, uma vez que estava habituado às intrigas da corte e aos estratagemas políticos e era muito inteligente.



Ao lado: Camões e o Inquisidor; Camões com a mãe - Ana de Sá - e Diogo do Couto; cardeal D. Henrique e Catarina de Áustria; Damião de Góis e

Em directo

À conversa com... Arq. João Ortega

João Anes, Luísa Lopes, Sérgio Barros - Abril 2007

João Baptista Ortega, arquitecto independente, fundador da empresa Morphopolis, preocupa-se, como o nome da sua empresa sugere, com a forma da cidade, sobretudo daquela onde escolheu viver.

Num diálogo aberto, expôs a sua opinião sobre algumas transformações que a cidade tem sofrido, o polémico projecto das obras de requalificação da Avenida João da Cruz e como é ser arquitecto em Bragança. Três áreas para ler em três partes de uma longa conversa.

A Arquitectura e a Cidade

O.P-Nos últimos anos a cidade de Bragança tem mudado a sua face, de forma positiva ou não?

A cidade de Bragança nos últimos anos cresceu. Se nós olharmos com uma perspectiva histórica, veremos que no século XX a cidadela tinha cerca de 30 hectares. Se recuarmos ao período medieval, intramuros, a cidade tinha 3,3 hectares. Em 1974, ou seja, 70 anos após o início do séc. XX, a cidade tinha sextuplicado de tamanho: tinha perto de 200 hectares. Em 2007, a cidade ocupa uma área de cerca de 1700 hectares para uma área possível de 2600 que o Plano Director Municipal prevê. A zona de expansão da Braguinha e Vale de Álvaro ocupa qualquer coisa como 60 hectares, ou seja, duas vezes a cidade no início do séc. XX. É mais do que duas vezes porque a cidade tradicional tem R/C, 1º, 2º e raramente 3º andar, enquanto esta zona que cresceu em 10 anos tem R/C e mais 7 ou 8 pisos. Em 10 anos, não quadruplicámos a cidade. Se cresceu bem? Nenhuma cidade cresce bem. Cresce. E...digamos que o interessante de uma cidade e aquilo

que verdadeiramente a torna apaixonante é que a cidade cresce sempre bem, mesmo com os erros, ela precisa é de amadurecer.

A nossa cidade precisa de história para ter crescido bem, os séculos que não-de vir dar-lhe-ão certamente a história que não tem neste momento, ela cresceu imenso de forma não consolidada como qualquer outra cidade teria que ter crescido. Podiam ter sido feitas coisas melhores, mas a verdade é que neste curto espaço de tempo, em pouco mais de 30 anos ela cresceu 10 vezes. Em 25 anos uma cidade que se multiplica por 10 não pode ser uma cidade em que tudo está bem. A cidade é como um contentor de história humana em que tudo se cruza, tudo se mistura, tudo vai perdurando de alguma forma. O que falta aos nossos 1700 hectares de cidade é tempo. E o tempo é preciso deixá-lo passar.

OP- Porque é que se constrói tanto em altura numa cidade onde não falta espaço?

A construção em altura em Bragança está mais ou menos limitada ao espaço da Braguinha/Vale d' Álvaro, que é um loteamento de grandes dimensões proposto pela Câmara Municipal de Bragança em que a altura média dos edifícios é R/C mais sete pisos. Na minha opinião, é uma cêrcia um pouco exagerada para a cidade de Bragança, mas não tão exagerada como podia parecer à primeira vista porque a cidade para funcionar precisa de densidade, ou seja, o grande problema nos bairros periféricos é exactamente a falta de densidade que advém do que já respondi há pouco. É preciso que no mesmo sítio viva um número razoável de pessoas. Basta ver, já hoje, que a zona da Braguinha, ao nível da densidade global, possivelmente, é um dos espaços mais interessantes da cidade, temos gente a passear à noite, o comércio está a ser instalado porque há interesse, alguns serviços começam a instalar-se lá igualmente, ou seja, a zona tem densidade para ser considerada urbana, se poderia ter menos um piso ou dois, podia efectivamente ter menos um piso ou dois e essa densidade consegue-se de outra forma porque nós podemos conseguir a densidade aumentando o número de pisos ou estendendo as construções no terreno e, por isso, quando temos um edifício de 50 andares precisamos à volta dele de um espaço livre não construído para que a densidade não ultrapasse os limites aceitáveis e, então, com os 50 andares podemos ter a mesma densidade do que com edifícios de R/C mais quatro pisos. A questão é



que, segundo algumas teorias, um edifício de R/C mais quatro andares é claramente mais saudável do que um edifício acima dos 4 andares. Porquê? Porque o 4º piso é aquele a partir do qual ainda estabelecemos algum contacto, visual e através da fala com o R/C e a rua. Até ao 4º piso, conseguimos ver as crianças e os adolescentes a brincar na rua e chamar por eles, a partir do 4º andar, isso perde-se. Essa ligação é, ao nível

urbano, muito importante para a sensação de pertença de um determinado lugar. Há algumas teorias que apontam que pessoas que vivem em edifícios altos

acima do 4º piso têm mais doenças mentais do que as que vivem abaixo do 4º piso.

OP- E por que razão não se investe na revitalização das casas do centro histórico? Um problema de mentalidade?

Os centros históricos são, na conjuntura actual, focos de problemas. Nós podemos encarar a cidade como um organismo que segue quase um ciclo vital de nascimento, crescimento e degradação. Depois inicia-se um novo ciclo. Efectivamente, as cidades funcionam assim, zonas que foram muito atractivas, de valor muito elevado tornam-se, com o tempo, progressivamente mais desvalorizadas e entram em degradação. O que se passa no centro histórico é uma dessas fases porque é mais difícil reconstruir do que construir de novo. Desde que as tecnologias actuais dominaram o mercado, a construção em betão armado é uma construção mais rápida, mais segura, eficiente e de melhor qualidade do que as tecnologias antigas de que os centros históricos foram feitos.

A par disso, há outras questões que têm a ver com regulamentos municipais e nacionais de defesa do património construído e que na prática actuam ao contrário, ou seja, o processo burocrático, quando estamos perto de um monumento nacional ou de um monumento de interesse concelhio, é de tal forma complicado que leva a pessoa a desistir do processo de recuperação da casa. O objectivo da lei era obrigar as pessoas a recuperar a casa, mas a questão é que se essa obrigação é um dever social, a sociedade deveria ter um papel de comparticipação nos custos, porque se é apenas uma questão pessoal, os custos da recuperação levam a que se abandone o espaço tradicional e se vá para o espaço novo. Isto a par de outra questão: normalmente, a cidade tradicional está ocupada por pessoas de um nível etário muito elevado que têm menos propensão a iniciar um processo de obras, a lidar com o processo burocrático de fazerem estas obras e tendem a deixar arrastar as coisas até à morte que para

elas está relativamente próxima. Claramente, os centros históricos não se dão bem com as ideias liberais de que aquilo que dá dinheiro é que tem interesse, a defesa dos centros históricos é uma questão social e ou é encarada dessa forma pela sociedade ou dificilmente teremos os centros históricos recuperados.

OP-Na Praça Camões parece ter havido um desfasamento entre os objectivos do projecto de arquitectura e a realidade prática dele resultante. Que motivos explicarão isso mesmo?

Ora bem, a Praça Camões era anteriormente o mercado municipal de Bragança, é um espaço de uma dimensão razoável para a cidade e quando se decidiu retirar o mercado daquele lugar resultou um largo, não propriamente uma praça. Quando se construiu o parque de estacionamento subterrâneo, a praça resultou do tecto desse parque. A proposta que foi executada, não contou com as condições climáticas da nossa cidade.

A verdade é que o país não tem tradição na intervenção e construção cidades...desde sempre. Teve com o Marquês de Pombal uma ideia muito clara do que era construir cidades com a reconstrução de Lisboa, mas isso não foi algo que fizesse escola no país, resolveu apenas o problema imediato das consequências do terramoto. Se nós olharmos para as escolas de arquitectura,

quando se dá o 25 de Abril, havia 2 escolas no país e uma delas fechada pelo regime de então, porque sempre tivera uma certa tradição de ser contra o regime, ou seja, há trinta anos tínhamos

no país muito poucos arquitectos. A cidade é algo que precisa acima de tudo de tradição. Se percebermos o que está antes, entendemos o dia de hoje e somos capazes de fazer propostas para o futuro. Às intervenções recentes na cidade de Bragança e noutras do país falta amadurecimento de um corpo teórico e prático do que é fazer cidade e portanto as consequências do que aconteceu na praça Camões, do que aconteceu com as intervenções do PROCOM na qualidade da cidade tradicional resultam, acima de tudo, da falta de saber dos técnicos responsáveis por essas intervenções.

OP-Se lhe dessem uma oportunidade onde é que intervinha, quais as suas prioridades?

Intervir numa cidade não é algo que uma pessoa sozinha possa fazer, defendendo hoje cada vez mais que o trabalho individual é um trabalho sem sentido, só faz sentido, sobretudo, ao nível da cidade um trabalho de equipa, gente que entenda o objecto que está a estudar e para o qual propõe alterações.

Intervir nesta cidade ou em qualquer outra, na minha opinião, implica nós percebermos qual a ideia que a

“Há uma coisa que a cidade não tem: pressa. Ela está antes e depois de nós...”

“...um edifício de R/C mais quatro andares é claramente mais saudável do que um edifício acima dos 4 andares. Porquê? Porque o 4º piso é aquele a partir do qual ainda estabelecemos algum contacto, visual e através da fala com o R/C e a rua.”

cidade tem de si, se a tem, ou se queremos fazer uma intervenção de fundo, propor uma ideia de cidade e aquilo que façam a seguir ser consequente com essa ideia de cidade. Uma ideia de cidade é aquilo a que a cidade aspira, a que a cidade se destina porque não é o mesmo termos uma cidade com vocação marcadamente rural, ou uma marcadamente industrial, ou uma cidade virada para o ensino como eu penso que deveria ser a ideia da cidade de Bragança. Portanto se nós marcarmos e decidirmos qual é a ideia da cidade que queremos ter, o que vamos fazer a seguir deve ser consequente com essa ideia prévia. A cidade é o lugar onde tudo se cruza, aliás, historicamente, a cidade nasce de um cruzamento, ou seja, as cidades aparecem, crescem a partir de um lugar que não pode ser um beco, mas um cruzamento de caminhos que, por algum motivo, se tornaram importantes e são esses caminhos que trazem gente, ideias, saberes e culturas à cidade. A cidade é uma malha quadrangular onde as ruas se cruzam, as pessoas e os carros são acessórios e esperamos que algum dia os consigamos eliminar da cidade sem que a mobilidade das pessoas diminua. A política que tem sido seguida nas últimas décadas consiste em concentrar as instituições ou na cidade histórica ou naquilo a que eu chamo a acrópole da cidade. A acrópole da cidade é aquilo que está à volta da Câmara Municipal, vejamos, temos a própria câmara, temos a PSP, temos as escolas Abade de Baçal, Emídio Garcia, Paulo Quintela, Augusto Moreno, os bombeiros, a escola de enfermagem, o hospital, o Centro de Emprego, o Centro de saúde, a catedral e outras coisas que me esqueci estão nesta acrópole. Se a acrópole era um conceito que fazia sentido na Grécia, em Atenas, em Bragança, na minha opinião, não faz nenhum sentido. Portanto uma intervenção concreta, prática, clara na cidade de Bragança deveria ser a valorização dos bairros periféricos da cidade com a distribuição de todos os equipamentos que a cidade possa construir, possa implementar por esses bairros, de forma que cada um desses bairros tenha um centro de interesse, porque são as instituições que verdadeiramente tornam urbano o espaço, ou seja, a função habitacional não é por si só suficiente para construir cidade. A cidade é feita pelas casas onde as pessoas habitam é certo, mas precisa, na minha opinião, acima de tudo, de instituições, os nossos bairros são periféricos e sem qualidade porque têm uma única função, a de habitação, a função mais nobre de instituições da cidade não lhes foi concedida e portanto a valorização de todos os espaços periféricos da cidade seria conseguido pela distribuição uniforme das instituições.

OP-Mas há coisas bem feitas...a cidade ganhou dinamismo com a recuperação das margens do rio Fervença no âmbito do programa POLIS.

Quando se usa a faculdade de criticar não significa que estamos a pôr em causa toda a obra. Temos de ter a noção de que a cidadania implica que nós tenhamos uma visão crítica sobre aquilo que nos rodeia e portanto se eu critico as obras que foram feitas nesta cidade nos últimos anos, não significa que estas não tenham em si mesmas partes positivas, mas havendo pequenas partes que o não são, eu entendo que é sobre essas que eu devo chamar a atenção e não necessariamente sobre as outras. A intervenção do PROCOM tornou a cidade mais limpa, se lhe tirarmos os mecos...se lhe tirarmos alguns elementos...O POLIS é a intervenção à volta do rio Fervença e ali a situação é diferente. A primeira parte da intervenção do POLIS tornou um espaço que estava abandonado num espaço que é utilizado, mas a iluminação é deficiente, à noite é um local utilizado marginalmente e, portanto, é perigoso. É preciso corrigir aquilo que era negativo para que possa estar melhor.

OP-O Arquitecto Ortega está a falar de problemas que não são do âmbito da arquitectura. Em termos de arquitectura está bem?

A arquitectura mexe com tudo, não é apenas forma, a arquitectura destina-se à utilização pelas pessoas ou

não é arquitectura.

OP- A questão de segurança depende também de outras coisas, para além da arquitectura...

Acima de tudo, depende da arquitectura e uma coisa que se chama autopolicimento está lá informado pela arquitectura. Tem condições de ser autopoliciado? Não tem. É essa uma das falhas, genericamente da intervenção do POLIS.

OP- O que é que podia ser alterado para melhorar a segurança do local sem ser com policiamento exterior.

Criar condições para que fosse utilizado, ser um local de atravessamento pedonal ou até por veículos a velocidade reduzida porque uma cidade só comporta espaços exclusivamente pedonais a partir de uma determinada densidade e é duvidoso que Bragança os comporte. A primeira experiência que foi feita em Bragança de fechar uma rua exclusivamente para os peões, que foi a rua Alexandre Herculano, não resultou ou seja, Bragança não comportava essa situação. Lisboa comporta que a rua Augusta seja exclusivamente pedonal. A cidade é, na minha opinião, é necessariamente polifuncional e impura. Esta noção de impureza é para mim absolutamente fundamental, a cidade não é um paraíso. A riqueza da cidade vem da sua impureza, ou seja, é a mistura que enriquece a cidade.

OP-Mas a mim parece-me que a concepção do POLIS tem mais a ver com o contacto que a pessoa possa ter com a natureza, com aquele ambiente. Não acho essencial que possa passar um carro lá para que o espaço esteja perfeito.

A questão do carro põe-se numa questão mais global da cidade. A cidade era muito pequena no início do século, foi criada de forma a que tudo acontecesse entre duas margens: uma margem nascente e uma margem poente. O único local de atravessamento é a Avenida João da Cruz, basicamente. Há um atravessamento mais lateral, eventualmente, pelo jardim António José de Almeida, mas falta-lhe um grande atravessamento a nascente, de forma a que a cidade pudesse crescer para esse lado. Porque, se olharmos para ela, verificamos que a cidade nasce à volta do castelo e, do castelo para nascente não existe nada. Isso também é típico. As povoações crescem normalmente para poente e Bragança não é excepção. Portanto, o Polis poderia ter sido também uma alternativa para haver ali alguma coisa a nascente. Não era fácil. Acima de tudo aquilo que eu critico nas intervenções dos últimos 50, 60 anos, é a falta de ambição. A única grande intervenção ambiciosa que se fez nesta cidade foi a Av. João da Cruz. Foi feita no meio do vazio. Há histórias de pessoas que se juntavam na Praça da Sé para virem apanhar o comboio cá em cima, porque isto era o deserto. E nesse deserto houve a ambição de construir uma avenida com estas características. Não há nenhuma outra assim. E, portanto, mesmo no Polis não houve a ambição de se resolver um problema macroscópico.



Avenida João da Cruz

O Insucesso do Polis não se prenderá com a forma de estar dos transmontanos, que não cultivam muito o hábito de "habitar a rua"?

Usamos menos a rua do que os nossos vizinhos espanhóis, mas penso que têm de se atribuir aos espaços características que atraíam. O primeiro objectivo alcançado do Polis foi o saneamento básico

Obras de Requalificação da Avenida João da Cruz

Foi recentemente apresentado o projecto de remodelação de uma das mais emblemáticas artérias da cidade de Bragança: a avenida João da Cruz. O que pensa do projecto?

Os projectos fazem-se porque se querem atingir determinados objectivos e, neste caso, estes não me parecem explícitos. Do que ouvi, não do que está escrito no projecto, parece-me haver dois objectivos: a requalificação do espaço e a necessidade de alargamento do espaço para esplanadas. Na minha opinião, não justificam a intervenção. Primeiro, porque se se quer requalificar a cidade, há outros espaços que necessitam de ser intervencionados, que não é o caso deste. A requalificação urbana dos últimos 20 anos tem sido feita nos planos horizontais – os pavimentos. Se temos algo de qualidade nesta avenida é a pavimentação. E onde temos problemas é no plano vertical, portanto a intervenção deveria ser a este nível, nas fachadas dos prédios. A avenida tem mais de um século e horizontalmente cumpre cabalmente as suas funções. Ortega y Gasset diz que a cidade não precisa de casas, precisa de ruas, que se definem pelas fachadas das casas. Esta é também a filosofia que me enforma. Em várias cidades, foram feitos melhoramentos que implicaram a construção das ruas e das fachadas das casas e os proprietários são livres de construir por trás destas como entenderem.

A cidade é para as pessoas viverem na rua, sobretudo na zona mediterrânica. Se queremos ser ambiciosos nesta avenida, é necessário fazer um plano de volumetria para a fachada nascente, em que a volumetria de R/C e 1º andar está estourada pelo desenvolvimento, mas isto não pode ser feito caso a caso, tem de haver um projecto global a longo prazo. Porque há uma coisa que a cidade não tem: pressa. Ela está antes e depois de nós e eu atrevo-me a dizer que este mandato autárquico pensa que a cidade não existia antes nem existirá depois. Mas há também a fachada poente, onde o edifício coração da cidade, a moagem, parece estar eternizado. O projecto para esta avenida parece propor isso, pois alarga de um lado, mas estreita do outro. Ora a avenida é constituída pelas duas margens e se há uma mais desenvolvida, nada me indica que daqui a 50 anos, não seja a outra...

O.P. - Mas o alargamento do espaço das esplanadas vai ao encontro das exigências da arquitectura no espaço mediterrânico...

Não considero que seja preciso alargar o espaço das esplanadas. Primeiro, porque o lado onde elas estão não deveria ser aquele., mas o oposto, onde, ao fim da tarde, há sombra; segundo, já temos uma esplanada soberba: a Praça Cavaleiro Ferreira. Se queremos 100, 200, 300 mesas neste espaço durante o Verão, temos essa praça. Não precisamos do passeio. Aqui há uns anos fez-se uma experiência interessante em Bragança. Numa das festas da cidade, à noite, fechou-se o trânsito numa das vias da avenida e tivemos aqui uma autêntica *movida*! Da praça da Sé à estação de comboios tínhamos a rua cheia de gente! E não foi preciso fazer obras...

A cidade é polifuncional. A cidade serve para pôr as esplanadas, para andarem os carros, para o funeral, para a festa, para o arraial. Não se pode mudar o pavimento de um dia para o outro em função da sua especificidade. O que acontece nos projectos actuais é que parece que se houver lugar à exploração de uma funcionalidade, todas as outras deixam de ter espaço. A cidade não é lugar de exclusão.

O.P. A modernidade faz-se de rupturas. A novidade contestada inicialmente acaba por ser posteriormente aceite...

Uma coisa é modernidade, outra é bom senso. A arquitectura deve resultar sobretudo do bom senso, que leva o arquitecto a fazer escolhas. Esta intervenção não interpretou o lugar onde quer intervir e é uma proposta que privilegia os carros em detrimento das pessoas. Hoje a avenida é segura porque o espaço lateral e central é dos peões. Com esta proposta, o peão só é valorizado de um dos lados, os outros pertencem aos carros. Os veículos podem entrar em determinados sítios, não os devemos afastar, mas não se podem sobrepor aos peões. Na minha intervenção em Vila Flor, eu suprimi os passeios. Pode parecer que valorizei os carros, mas o que fiz foi criar um imenso passeio onde o carro pode entrar, mas sente que não é o seu ambiente. Ali o rei é

o peão.

O.P. Porque é que os arquitectos que estão na cidade não colaboraram no projecto?

Eu considero que estou a colaborar nas críticas que estou a fazer! Eu estou a dar o meu melhor. Não disse apenas que não gosto do projecto, apresento o que não está bem nele. Porque é que não fiz uma proposta concreta para a Av. João da Cruz? Sobretudo, porque não tenho ainda hoje resolvida a questão básica: a necessidade de intervenção. O meu papel não é fazer projectos, o meu papel é resolver situações.

O.P. - Vão também ser construídas rotundas... introduzidos elementos escultóricos... As obras de arte enriquecem o espaço urbano... Não podem atrair turistas? Veja-se, o exemplo de Bilbau... É uma cidade



Avenida João da Cruz (à tarde) - edifício da Moagem

feia, mas muitas pessoas já lá foram apenas para ver o Guggenheim...

Se Bragança conseguisse ter um Guggenheim, eu estaria a aplaudir da mesma forma que aplaudi a ideia megalómana, porque não poderia ser de outra maneira, de ter um parque de diversões em Bragança que captasse população do Porto, Lisboa, Madrid, no limite até Barcelona. A questão está na escala e numa região que, na minha opinião, não tem nenhuma hipótese de sobreviver, apoio qualquer obra que traga para aqui população. Concordo com um casino na cidade. Não sei por que razão há-de haver dois casinos em Lisboa e nenhum em Bragança. Mesmo que isso signifique que vamos ter outros problemas. É melhor tê-los do que não ter coisa nenhuma!

Em relação aos elementos escultóricos, a situação é totalmente distinta. Se olharmos para as nossas rotundas, verificamos que, sistematicamente, se colocam os elementos no centro. A rotunda ao nível do peão, do cidadão, não é rigorosamente nada. Nós não



Praça Cavaleiro Ferreira



Avenida João da Cruz

pretendeu inventar o mundo de novo. Mas o século XXI que não tem essa pretensão. Portanto, é mais importante que nunca estudar o passado. Eu ali recomendava a leitura de um arquitecto austríaco, **Camilo Fitt**, que nos diz quais são as regras para colocar essas coisas. E uma regra tão simples é esta: uma praça onde se queira fazer alguma coisa deve ser observada num dia depois de nevar e perceber por onde é que as pessoas passam. Por onde elas transitam é o sítio para passar. Por onde as pessoas não passam é o sítio para pôr as estátuas.

O Arquitecto

O.P. - É difícil ser arquitecto em Bragança?

É muito difícil. Eu tenho um cartaz incompleto no meu gabinete que pretende fazer um resumo dos meus vinte anos de trabalho e que tem por título "Arquitectura Comprometida". Em Bragança, na minha opinião, essa é a arquitectura que é possível

fazer. Comprometida com a região onde estou e para a qual vim voluntariamente. Comprometida com as pessoas que procuram os meus serviços, portanto, não são apenas compromissos que eu quero ter, mas aqueles que eu sou obrigado a ter. Há compromissos que umas vezes nos desviam dos objectivos, outros nos traçam esses mesmos objectivos. E essa é arquitectura comprometida que eu tenho feito em 20 anos.

O.P.- Quando é que descobriu a sua vocação para a área?

Não foi uma descoberta instantânea. Os meus pais são transmontanos, fizeram a 4ª classe de adultos, portanto não tenho uma tradição familiar ligada aos livros... Quando cheguei à adolescência, a minha irmã mais velha já estava um pouco desperta para assuntos relacionados com arte... Não sei se teve alguma influência ou não, porque ela morreu quando eu tinha 13 anos... Mas nessa altura, já havia alguns livros em casa... Nessa altura, os meus pais começaram a construir uma casa. Estes dois aspectos podem ter influenciado. Depois, houve outras companhias que tive em Bragança, designadamente um colega que não está cá, o Óscar Possaco, foram determinantes na minha entrada no mundo da arte. Esta surgiu por um lado como um desafio por outro, se calhar, como uma facilidade. Um desafio porque houve momentos em que pintei, fiz escultura e cheguei à conclusão que a arte era demasiado fácil, porque no fundo fazemos aquilo que nos apetece. E a arquitectura, embora tenha essa dimensão de fazermos aquilo que bem entendemos, tem a dificuldade de não ser para nós. A arte, acima de tudo, é para nós. A arquitectura, tendo a mesma componente, tem a dificuldade de ser pública. A dificuldade era essa. A facilidade era a de que, em termos económicos, seria mais fácil ter uma

vida razoável na arquitectura do que na pintura ou na escultura.

O.P. - O arquitecto está também associado à reabilitação do parque habitacional da cidade. Conhecem-se os seus traços em muitos dos edifícios construídos nos últimos anos. Nesta matéria, ajudou a construir uma cidade à medida dos seus sonhos?

À medida dos meus sonhos, não! Tenho pequenas intervenções nessa cidade. A cidade que eu entendo como tal nem sequer é manipulável apenas por uma única pessoa. A cidade é uma súmula de conhecimentos. Se eu lá deixei um bocadinho? Penso que sim e espero vir a deixar mais.

O.P. - Há quem o critique porque, sobretudo no interior das habitações, foge à construção de áreas ortodoxas. Tem por hábito desenhar, por exemplo, paredes oblíquas. Porque o faz?

Isso teria de ser discutido projecto a projecto. Sinceramente, se eu olhar para as coisas que projectei nos últimos anos, a ortogonalidade é dominante. Quando se usa uma linha oblíqua, ela já tem no local alguma coisa que a aponte... Isso pode ser uma possibilidade, mas sem estarmos a falar de um projecto concreto é muito difícil... Ou então há de facto uma estratégia minha, mas dificilmente essa estratégia é aplicada em edifícios de habitação colectiva. No entanto, muitas vezes para questões sem solução, que acontecem amiúde nos projectos, a introdução do acaso ajuda a resolver as questões. Ou seja, quando aparentemente se chega a um beco sem saída, forçar um traço obriga a mudar de ideias, a fazer novos raciocínios e as dificuldades levam-nos às soluções.

O.P. Há algum traço que seja comum a todas as suas obras, um traço que o defina?

Não me parece fácil nesta arquitectura comprometida de que falo. Se no início da carreira, as linhas redondas eram apontadas como uma das minhas características, a verdade é que, ao longo do tempo, isso perdeu importância.

Para mim na arquitectura, a forma é secundária, é consequência de um projecto. Com programas muito distintos, com clientes que, genericamente, não sabem porque procuram o arquitecto, mas que têm ideias concretas sobre uma casa e eu sou obrigado a aproximar-me do cliente mais do que propriamente da minha vontade. Ainda que, inevitavelmente, a obra seja minha. Não rejeito os filhos, porque a obra é um filho meu, embora sinceramente rejeite algumas obras porque deturparam completamente o projecto. E se há uma questão com a qual sinceramente me preocupo, vai muito para além da forma e tem a ver com aquilo que hoje é vulgarmente conhecido como arquitectura bioclimática ou ecológica, devido à necessidade de preservarmos o meio ambiente e de diminuirmos o consumo de energia. A arquitectura pode desempenhar aqui um papel fundamental e, portanto, esse é o tema actual. Esse tema fez-me variar a forma dos edifícios. Se até há alguns anos era um defensor acérrimo da cobertura inclinada, hoje não o sou, porque a cobertura plana pode ter, em muitas situações, vantagens climáticas sobre a cobertura inclinada. Aparentemente é uma contradição, mas a arquitectura é feita dessas contradições todas.

O.P. - Qual é a sua obra emblemática? Qual é a obra da sua vida?

Poderia falar de três. A primeira foi muito mal recebida: é o centro cultural de Vila Flor. É um projecto de 1995. Se eu considero que hoje sei muito pouco, considero que sei mais do que o que sabia na altura. No entanto, é para mim uma obra de referência pela sua dimensão, por tudo aquilo que pus nela e que genericamente foi mal entendido. E fui mal entendido porque muitas vezes somos pequenos num país pequeno... A outra obra é sem dúvida a sede da Caixa de Crédito Agrícola, em Bragança. Pela primeira vez, talvez a única, tive a possibilidade de fazer uma obra em que o dono exigia qualidade. A terceira obra... talvez duas... é a minha casa e uma casa que fiz para o Sr. Manuel Rodrigues, em Podence. São dois projectos contemporâneos, de 96. A minha foi pensada como uma escola e tem desempenhado essa função, para mim e para os que têm colaborado comigo. Não é um trabalho isolado. Considero que isolado é a pior maneira de trabalhar e a mais difícil de aprender. Por isso, as pessoas que me têm rodeado são fundamentais naquilo que eu tenho aprendido, mas certamente também naquilo que eu

Pelas ruas da história de Bragança

Pedro Conde Gonçalves, 8º C

No passado dia 10 de Março tive oportunidade de aprender e integrar uma lição viva de História da nossa terra e da nossa cidade de Bragança, promovida pela Universidade Sénior de Bragança.

Foi orientador desta fantástica lição o brilhante historiador Professor Doutor Alexandre Rodrigues. A actividade teve início na sala polivalente da Associação Comercial e Industrial de Bragança, tendo o orientador mostrado e explicado algumas plantas da cidade, datadas do século XII e seguintes, que nos ajudaram a compreender como é que a cidade se foi construindo e crescendo de dentro para fora das muralhas do castelo.

Após breve alusão ao desenvolvimento da cidade, fomos para o terreno, efectuar uma visita guiada pelas ruas da cidade. O grupo dirigiu-se então à actual Praça da Sé, inicialmente chamada de Praça da Cruz de Pedra, nome que foi alterado aquando da construção do Convento dos Jesuítas que mais tarde se viria a converter na Igreja da Sé.

De seguida foi dada a explicação sobre o portal existente na Igreja da Sé, a qual, por ter sido outrora mosteiro de freiras, tem a sua porta principal no alçado lateral da Igreja. Neste portal pudemos ainda observar a imagem da Senhora do Ó, acompanhada lateralmente pelas imagens que provavelmente seriam de S. Pedro e S. Paulo. Pudemos ainda apreciar a beleza ímpar do cruzeiro, peça arquitectónica de grande relevo histórico.

A visita prosseguiu em direcção à actual Praça Camões, que inicialmente foi conhecida pela Praça das Eiras do Arcebispo. Esta praça situava-se ao lado do Colégio da Companhia, colégio dos

jesuítas destinado a formar homens da fé.

Junto ao actual Jardim António José de Almeida, o historiador teve oportunidade de nos mostrar os alicerces da prevista Catedral que, por razões várias, acabou por não ser construída naquele local.

Seguindo viagem, dirigimo-nos à actual Rua Combatentes da Grande Guerra, também chamada Rua Direita, antigamente denominada Rua da Corredoura, onde ficamos a saber que em 1764 existiam naquele artéria 44 casas e 44 lojas, o que significava que todas as casas tinham o rés-do-chão destinado ao comércio e o andar destinado a habitação. Nesta rua foi ainda possível verificar os tipos de construção da época. As casas dos senhores possuíam no primeiro andar uma varanda em toda a extensão da frente da casa e no segundo andar janelas amplas e ornamentadas de cantaria. As casas menos senhoriais eram mais estreitas e não possuíam a varanda nem as armas da família, mais conhecidas por brasões. Muitas vezes as casas estreitas eram, também, resultado das partilhas de heranças. Salientou ainda, o historiador, a Casa do Arco referindo que o arco era a união entre duas casas, tendo na altura sido exigido que a largura do arco possibilitasse a passagem de um carro de bois carregado.



Na Costa Grande, junto à Fundação Os Nossos Livros

Seguiu-se rua abaixo até ao actual Largo do Principal, onde se situava a antiga Cadeia, a Igreja de S. Vicente e o edifício do Corpo da Guarda, desenhado por José Antas de Moraes Machado, engenheiro militar. A praça que circundava estes edifícios era a praça onde se realizavam as feiras e crê-se que a feira das cantarinhas terá tido as suas origens naquele espaço, que era o único onde existia um fontanário público na cidade.

Subindo a Costa Grande, fomos admirando algumas construções e ouvindo as explicações tecidas acerca da Casa dos Teixeira, actual sede da "Fundação Os Nossos Livros".

Depressa chegámos ao nosso monumental Castelo onde ouvimos a explicação sobre as razões da entrada não ser em linha recta, mas sim arredondada: possibilitava que os potenciais invasores, ao terem que fazer a curva para poderem entrar na fortaleza, ficassem com o flanco desguarnecido e desprotegido, assim permitindo que os mesmos pudessem ser atingidos pelos defensores do Castelo colocados nas muralhas. Soubemos também que parte das muralhas foram reconstruídas por volta de 1950.

Já no interior, pudemos perceber a distinção entre os conceitos de "vila" e "cidadela", ficamos a saber que a Torre de Menagem era uma manifestação do estilo gótico, que demorou cerca de 40 anos a ser construída, tendo terminado a sua construção cerca de 1454 e que a sua altura estava directamente relacionada

com o poder. Percebemos ainda que na Igreja de Santa Maria existe um cachorro em pedra, possivelmente destinado a suportar um palco ou estrado interior, e o portal da Igreja é rico em desenhos em forma de concha, que representam Nossa Senhora.

A lição de história terminou com um lanche oferecido pela Junta de Freguesia de Santa Maria tendo como pano de fundo mais um magnífico exemplar da arquitectura na nossa cidade, a nossa esplêndida Domus Municipalis.

Naturalmente que muitos outros factos e pormenores foram sabiamente explicados, mas estes foram os que aqui quis deixar escritos porque são exemplos aqueles que nós olhamos e nunca sabemos as razões e os motivos de existirem.

Gostei muito desta aula viva e gostava que mais se realizassem, e de ter oportunidade de nelas poder participar, porque apesar de ter nascido em Bragança e de cá morar há 13 anos, não sabia entender algumas das imagens e das marcas deixadas pelos nossos antepassados.



Na Praça da Sé, início do passeio

Museu Abade de Baçal mostra novas faces

O museu reabriu as suas portas e surgiu remodelado com traços de modernidade que não colidem com o espaço a que os brigantinos se acostumaram. O 8°C quis conhecer este “novo” museu e saber mais sobre a sua história. Acompanhado e orientado pelo professor de História, Dr. Vítor Bravo, foi recebido pela Dra Georgina Pousa, que gentilmente lhes mostrou o espaço e respondeu às suas questões. Do que foi dito e ouvido, fica aqui o testemunho.

Outra Presença - O que é um exactamente um museu?

Georgina Pousa - Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da comunidade e do seu desenvolvimento. No espaço museológico guardam-se, preservam-se, estudam-se e exibem-se objectos de natureza e idades diversas. Um museu é, assim, um local de educação, comunicação e lazer.

Em que ano foi fundado este Museu?

Este Museu foi criado em 1915, com a designação de Museu Regional de Obras de Arte e Peças Arqueológicas do Distrito de Bragança.

O edifício foi construído para alojar o Museu?

O edifício onde está instalado o Museu foi outrora o Paço episcopal. Foi mandado construir por D. João de Sousa Carvalho, um bispo da diocese de Miranda-Bragança, no início do século XVIII, para aqui residir nos longos períodos em que aqui permanecia, com o objectivo de dar assistência aos fiéis.

Foi expropriado em 1911, pela *Lei de Separação dos Bens do Estado e da Igreja*. Foram aqui instalados o museu e outras instituições como o Arquivo, a Biblioteca, a Guarda Nacional Republicana, entre outras. Estas instituições partilharam este edifício até 1935, data a partir da qual aqui permanece apenas o Museu, Biblioteca e Arquivo. Instituições que tinham uma grande interligação entre si.

Que relação tem este Museu com o Abade de Baçal?

O Abade de Baçal foi uma personalidade de grande relevo na cultura portuguesa da 1ª metade do Século XX. À sua função eclesiástica associava a paixão e a mestria do arqueólogo

do etnógrafo, do historiador e do museógrafo, em boa medida materializadas na sua obra de referência as *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*.

Esteve ligado à criação do Museu Regional e foi seu director de 1925 a 1935, data na qual se jubilou, já que tinha atingido os seus 70 anos. Aliás, o MAB só abriria ao público em 1925. Sucedeu-lhe na direcção o Dr. Raul Teixeira, pessoa que também não deve ser esquecida, porquanto teve um papel determinante na vida cultural da cidade nesta época e, particularmente, na do Museu, quer durante a direcção do Abade, do qual sempre foi um esteio, quer enquanto director, muito tendo contribuído para a construção do seu espólio.

Que colecções possui o Museu?

O Museu tem um espólio muito rico e diversificado.

Dele salientamos as colecções de Arqueologia, Epigrafia, Etnografia, Arte sacra, Belas Artes, Ourivesaria e Artes Decorativas.

Como chegaram estes objectos ao Museu?

Os objectos que constituem o acervo do MAB têm várias origens.

Os núcleos mais antigos do acervo do museu são constituídos pelas inúmeras ofertas feitas por pessoas da cidade, pelo espólio sacro-artístico proveniente da Igreja após a secularização consequente da prática da Lei da Separação do Estado e da Igreja, pelas aquisições feitas fundamentalmente por Raul

Teixeira (Director do Museu) com o contributo pecuniário dos «Amigos do Museu»; pela colecção de epigrafia e arqueologia (Neolítico, época do Bronze e época do Ferro) reunida pelo Abade de Baçal e pela colecção de Arqueologia reunida pelo Coronel Albino Pereira Lopo.

Parte muito significativa do acervo do MAB tem também origem nos legados e doações.

Deles destacamos:

Legado Abel Salazar (Pintura) - 1934/35

Legado Sá Vargas (Ourivesaria e Mobiliário) - 1939

Legado Guerra Junqueiro (Mobiliário, Documentos gráficos e Pintura) - 1952

Legado Trindade Coelho (Mobiliário e Biblioteca) - 1960.

Legado Coronel Ramires (2000 moedas portuguesas)

A mais recente colecção adquirida pelo MAB é uma Colecção de Traje, ligada aos rituais de Inverno com máscara. Parte significativa desta colecção encontra-se agora exposta, constituindo uma das exposições temporárias com que o MAB reabriu no dia 16 de Dezembro (2006), depois da última campanha de obras de requalificação que sofreu e que fez com que estivesse encerrado ao público durante cerca de um ano.

Que tipo de actividades desenvolve o Museu para a comunidade?

O Museu desenvolve actividades de natureza diversa dirigidas ao público

em geral ou a públicos específicos. Centradas na sua exposição permanente e nas exposições temporárias, às quais a comunidade pode aceder e fruir individualmente ou em grupo, o MAB realiza visitas orientadas gerais ou temáticas e visitas dialogadas. Também tem vindo a realizar alguns espectáculos, concertos, dramatizações / performances, no âmbito do Natal e do Dia Internacional dos Museus. Tem organizado cursos no domínio das artes plásticas (pintura a aguarela, pintura a óleo, gravura), actividades dirigidas às famílias (oficinas e jogos de descoberta), visitas e oficinas dirigidas a público portador de deficiências. O jardim tem sido regularmente fruído com actividades de ar livre, “jogos tradicionais”, “caças ao tesouro” e pintura de cavalete. Têm vindo a decorrer actividades de tempos livres durante o mês de Julho, abrangendo o período das férias de verão.

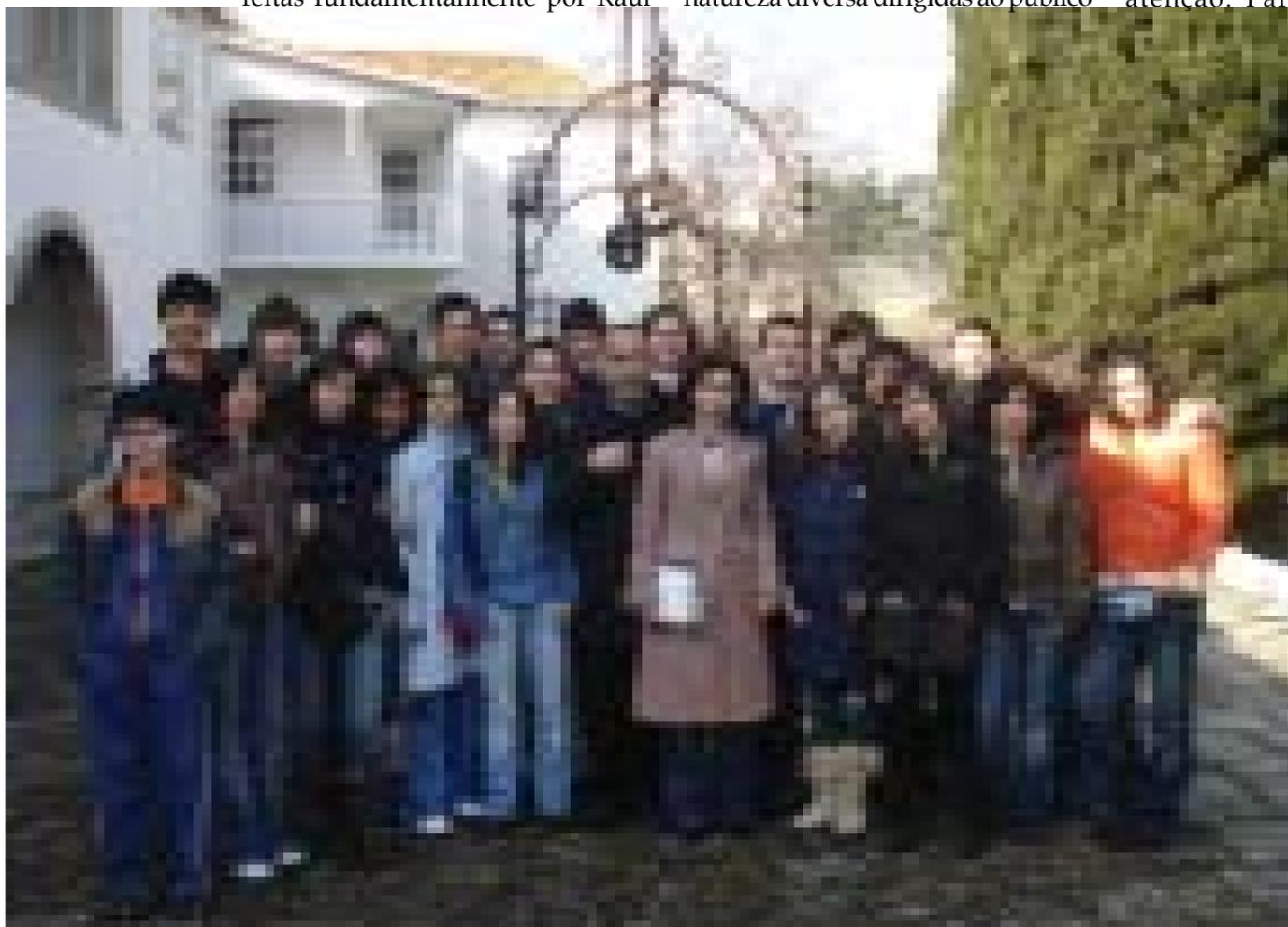
O Museu tem também participado em acções e seminários cujas temáticas visem a preservação e divulgação do património, da história e da cultura da região. O MAB coopera também com as instituições locais dando apoio no âmbito da inventariação e conservação do património móvel.

E com a comunidade escolar em particular?

MAB: A comunidade escolar é um público a quem o Museu do Abade de Baçal tem dedicado particular atenção. Para além das visitas

orientadas, gerais ou temáticas e das visitas dialogadas, são também organizadas regularmente oficinas temáticas, disponibilização de material didáctico onde se exploram conteúdos curriculares a partir das colecções do Museu. São também disponibilizadas às escolas, mediante agenda prévia, as exposições temáticas: *Génesis Cultural de Trás-os-Montes* e *Presença Romana em Trás-os-Montes*.

O MAB propôs às escolas do distrito a concretização de dois projectos a partir da exploração de dois temas *Trás-os-Montes: História e Cultura através do*



Ao centro, Dr Vítor Bravo e Dra Georgina Pousa, rodeados pelos alunos do 8°C

Acervo do MAB e Aprender a Olhar, destinados aos alunos dos 2º/3º Ciclos e de Educação de Infância/1º Ciclo respectivamente. Têm vindo a ser realizadas acções dirigidas aos professores com o objectivo de dar a conhecer o espólio do museu e explorar metodologias de abordagem da cultura material.

O Museu esteve em obras de requalificação e por isso fechado ao público durante cerca de um ano. Que mudanças sofreu o Museu do Abade de Baçal?

As obras de requalificação do MAB que tiveram início em 92 foram agora concluídas com a terceira e última fase de intervenção. Terão, em nossa opinião, um papel fundamental, no alargamento do espaço museológico e expositivo permitindo a visualização de importantes colecções que anteriormente se encontravam em situação de reserva, como a Colecção de Faiança e a Colecção de Pintura Contemporânea, com destaque para o núcleo de Abel Salazar e os desenhos de Almada Negreiros. O museu conta agora com mais duas salas para exposições temporárias e uma sala para os Serviços Educativos, potenciando, assim, a qualidade e a capacidade de oferta do Museu.

Que papel atribui ao MAB no contexto da região e da comunidade em que está inserido?

O Museu do Abade de Baçal é uma Instituição cujo percurso histórico marcou de forma decisiva a vida cultural da cidade. A pluralidade do seu acervo e a excelência de algumas peças fazem desta instituição um ponto de referência obrigatório no contexto do Nordeste transmontano, a propiciar um encontro privilegiado com a história e a cultura local. Espaço de cultura e lazer, com uma forte componente didáctica e lúdica, mas também técnica e científica, a atribuir ao MAB, um papel determinante ao nível da cooperação com as instituições locais, na formação e elevação dos cidadãos, na divulgação e afirmação da região.

Sem dúvida, uma mais valia ímpar de que a comunidade se deve consciencializar e assumir, no sentido de uma maior partilha, identidade e reforço das suas tradições.

Quem não revê um filme porque já conhece a história não consegue ligar-se a outros sinais para além dessa mesma história. E perderá mil detalhes que se inscrevem por entre as imagens e para lá delas. Nas muitas histórias desencadeadas pelos nossos olhares. Por isso, quanto mais olharmos, melhor veremos o que se esconde nas primeiras impressões e nos efeitos que elas vão recriando. Quando visitei o Museu do Abade de Baçal, no passado mês de Dezembro, lembrei-me de que não há uma segunda oportunidade para criar uma primeira impressão (como afirmou um político nacional), mas que as impressões podem ser acumuláveis. Recriando-se cada uma delas como uma primeira que nunca deixasse de o ser. Intervencionado desde 1993 – ao longo de três fases –, o Museu do Abade de Baçal tem vindo a ser ampliado, num processo de valorização das suas peças, através das respectivas condições de conservação e segurança, em percursos progressivamente reformulados. A partir da primeira fase das obras, espaços como a sala Multimédia e a sala da Região permitem olhares surpreendidos sobre o Nordeste Transmontano e a sua riqueza patrimonial e artística. Também sobre a região, mas de outros tempos, se debruçam as salas de Arqueologia Pré-Clássica e Clássica, dedicadas ao Neolítico e à Romanização.

Já no segundo piso, a arte sacra nordestina expõe, bem-aventuradamente, o mecenato com que a Igreja da região marcou escultores e pintores. Em peças como a *Virgem e o Menino* (século XV) e o tríptico *Martírio de santo Inácio* (século XVI), ao lado de um imprevisto Orfeu, da Escola Holandesa do século XVII. Entre a sala 9, que é dedicada à memória do antigo Paço Episcopal – em cujo edifício está sediado o Museu – e a sala 4, que corresponde à antiga capela do Paço e onde se assinalam alguns marcos da arte litúrgica renascentista e barroca da região.

Chega-se, então, à sala da Faiança, da colecção Cagigal (com peças maioritariamente do século XIX) e acede-se à sala de Pintura. Onde – para além do espólio de Abel Salazar sobre a imagética feminina – figuram autores como José Malhoa, Silva Porto, Aurélia de Sousa e Sara Afonso. E onde – surpresa, surpresa – encontramos uma fabulosa colecção de desenhos a preto e branco (*As Fábulas*, entre outros) de Almada Negreiros. Seguindo o conselho da Direcção, não deve o visitante

No Museu do Abade de Baçal

bem”

“Vê mal quem só vê o que se vê

Paula Romão, Coordenadora da Biblioteca

deixar o Museu sem, primeiro, olhar o jardim a partir da varanda, remodelada e transparente de imagens sobre a natureza do exterior. E eu acrescento que não deve o visitante deixar de olhar, a partir do varandim, na zona ampliada, o novo espaço que confirma a circularidade do Museu do Abade de Baçal. A sala aberta sobre a entrada – onde o

recriando olhares sobre as várias vidas das máscaras.

Como organismo patrimonial que é, o Museu do Abade de Baçal inicia agora – após a conclusão das obras de ampliação e remodelação – um novo percurso onde se assume como local de procura e de pesquisa. Abrindo-se cada vez mais, enquanto “centro de trabalho e investigação activa com



início e o fim do percurso se tocam – assume-se como um ambiente de múltiplas valências, em outras tantas possibilidades de olhar, ver, conhecer, rever e reconhecer. As Festas dos Rapazes, por exemplo, que constituem a primeira exposição temporária – desde a reabertura do Museu – e uma homenagem às festas mascaradas dos concelhos de Bragança e Vinhais. Em máscaras de Varge, Grijó de Parada, Ousilhão e Vila Boa; em carros de bois, cajotas, bombos, caixas e gaitas de foles; em fatos de caretos, e o Diabo e a Morte com a sua gadanha; em imagens e mais que mil palavras.

No varandim, outra exposição temporária (patente até ao final deste mês) mostra os olhares do transmontano João Vieira sobre a mesma temática: o gosto da festa na celebração da cultura popular. Cruzando a tradição com a contemporaneidade, na matéria de que é feita a pintura (nas séries “Máscara Diabo” e “Caretos”), nas Máscaras que criou para a peça “O Físico Prodigioso”, de Jorge de Sena; e no burro em relevo, surpreendente na textura da sua simplicidade. Em frente, no mesmo espaço, em sessão contínua passam três filmes: a Festa dos Caretos, na Torre de D. Chama; a performance “Caretos”; e o vídeo “Más Caras”, protagonizado pelo actor André Gago. Todos eles

e sobre a comunidade que serve”, como afirma o seu director, João Neto Jacob. A equipa técnico-pedagógica tem desempenhado um importante papel de conexão com o meio, através da deslocação às escolas e da divulgação das actividades com que o Museu quer interagir com o público em geral e as instituições escolares em particular. Veja-se, no Dia de S. Valentim, a forma como a Lupercália (antiga festividade romana que homenageava a juventude e o amor) foi celebrada. Veja-se como a arte e a poesia – num jogo de pistas sobre figuras femininas expostas – lembrou o Dia Internacional da Mulher. Veja-se as “Conversas à hora do almoço” sobre o tema “Encontros imediatos com as festas dos rapazes”, que decorrem semanalmente.

E veja-se como o Museu do Abade de Baçal enquanto detentor de objectos raros se pode tornar um espaço de descoberta e de reflexão sobre eles. Através dos olhares de

t o d o s n ó s .

Visita de Estudo

Um cheiro da ETAR de

Fernanda Silva

Integrada no plano anual de actividades e proposta pelo Grupo disciplinar de Geografia, realizou-se, no dia 10 de Abril, a visita de estudo à ETAR (Estação de Tratamento e Águas Residuais) de Bragança, com a participação das turmas do 9º ano.

Depois de uma caminhada, saudável, ao longo do rio Fervença, chegámos às instalações da ETAR por volta das 10 horas e logo os narizes mais sensíveis se queixaram dos odores inerentes ao local.

Divididos em quatro grupos, os participantes iniciaram a visita guiada às instalações da ETAR, sempre ansiosos que, de cada vez que paravam, a explicação dada por cada um dos técnicos que acompanhavam os grupos não fosse muito longa, na esperança de chegarem a um local onde o aroma fosse menos pronunciado.

Assim, ficámos a saber que a ETAR funciona desde o ano 2000, tendo já sofrido obras de ampliação, com o objectivo de tratar as águas residuais domésticas da cidade de Bragança e das localidades de Nogueira, Gostei, Castro de Avelãs, Formil, Castanheira, Lagomar e Donai, num total de aproximadamente 42 000 habitantes.

A ETAR utiliza o sistema de tratamento de lamas activadas em regime de arejamento convencional e a remoção de azoto e de nitratos, através do processo de desnitrificação/nitrificação, em tanque anóxico. O sistema de tratamento possui 4 linhas: líquida, de lama, de biogás e de desodorização do ar.

É na linha líquida que se realiza a eliminação da poluição carbonatada e particulada do efluente, constando de um tanque de gradagem, desarenamento

tratado é reutilizado em processos que não necessitem de água potável ou descarregado no meio receptor, ou seja no rio Fervença.

A linha de lamas é constituída por espessamento gravítico das lamas primárias e secundárias, que depois de desidratadas podem ser utilizadas em solos agrícolas como fertilizante ou corrector orgânico.

Na linha de Biogás, o biogás é produzido por digestão anaeróbia e armazenado no gasómetro, sendo reaproveitado como fonte energética do sistema de aquecimento ou na produção de energia eléctrica para uso interno na ETAR.

Para evitar a acumulação de odores, existe a linha de



desodorização de ar, um sistema de desodorização com filtro de carvão activado que vai permitir a remoção das substâncias que geram odores, tipo ácido sulfídrico, amoníaco, etc.

A ETAR possui um laboratório equipado com toda a instrumentação necessária, para a realização do controlo analítico, cujos métodos utilizados permitem determinar os parâmetros pH, temperatura, oxigénio dissolvido, nitratos e outros.

Após, termos tomado conhecimento de todo este processo de funcionamento da ETAR, regressámos à Escola, sem que os mais esfomeados tivessem perdido o apetite, pois foram entrando em todas as portas onde poderiam reconfortar os estômagos: supermercados, pastelarias, lojas de gomas, chegando por fim, já recompostos e satisfeitos, porque, apesar de tudo o que está associado a uma ETAR, foi uma manhã interessante fora da Escola. Embora sem aulas, tivemos o que em termos geográficos se designa uma "aula de campo", que



e desengorduramento, fazendo-se, de seguida, a decantação primária e o tratamento biológico por lamas activadas e desnitrificação. Este tratamento biológico é completado nos decantadores secundários, onde se efectua a separação do efluente líquido dos sólidos em suspensão. Por fim, o efluente

Impressões de uma viagem

Paulo Lopes - 9ºC

No primeiro dia lectivo do terceiro período escolar, as três turmas de nono ano fizeram a visita das suas vidas à ETAR. E o que é a ETAR? ETAR é o acrónimo de Estação de Tratamento de Águas Residuais. É bom que se saiba que os determinantes não contam, caso contrário seria EDTDAR...

Quem quer que esteja a ler (isto custou-me a escrever) vai roer-se de inveja, pois a nossa visita foi assim... espectacular. Não, não estou a confundir espectacular com mal cheiroso. Foi engraçado... Ao princípio, os alunos (e os professores?) estranharam um bocadinho aquele odor que vinha dos tanques redondos, mas depois habituaram-se.

Estes tanques são os tanques primários e os secundários. E porquê esta separação entre primários e secundários? À primeira vista parecem iguais, e são, mas entre eles existem os

tanques de arejamento. Vou começar pelo princípio. Os resíduos (aquosos ou não) passam por uma grade (mecânica e manual) que vai retirar os sólidos grosseiros, de maior porte, como panos, toalhas e cotonetes. É certo que por estas grades, alguns cotonetes passam, então é para isso que existe o parafuso que mói o "preparado" e transporta então os resíduos que não prestam para o lixo. Depois, a solução mais líquida vai para os tais tanques, onde vai ser triturada e decantada. No tanque de arejamento de oxigénio, existem turbinas que giram com bastante rapidez fazendo com que a solução (chamei-lhe esgoto) seja oxigenada. Isto tudo a pensar na desinfestação daquilo que vai originar água pura. Depois de receber oxigénio, vai passar para o tanque de arejamento anóxico. E o que quer dizer anóxico? Perguntam bem. A minha resposta

é "não sei", mas para que serve o dicionário? Depois de o consultar, descobri que quer dizer que o esgoto vai arejar, mas sem a acção das tais turbinas, ou seja, não vai receber acção do oxigénio.

Depois disto, a simpática guia que nos guiou não explicou bem de maneira a sairmos dali prontos para lá trabalhar, mas deu para perceber que depois disto, o líquido vai ser submetido a uns tratamentos muito sofisticados que o vão deixar limpinho pronto para ser utilizado na rega ou lançada no rio Fervença.

Extras:

- A ETAR de Bragança, além de tratar as águas residuais, também produz biogás;

- Com a combustão de alguns destes gases, é criada energia suficiente para a alimentação eléctrica de todas as instalações da ETAR.

- Na ETAR de Bragança, existe um laboratório, onde são realizados testes com todo o rigor, para a certificação de qualidade dessa água.



Do interior ao litoral uma visita de estudo “chique a valer...!”

No dia 31 de Janeiro de 2004, foi

Bruna Martins, Cátia Miranda, Christopher Xastre, Cláudia Anes -

Desde o dia em que soubemos que íamos fazer uma viagem, ficámos maluquinhos. Para nós o tempo nunca mais passava, nunca mais chegava o dia esperado.

No dia anterior à viagem, o Carmona, nosso colega, berravamos aos ouvidos: “faltam 13 horas e 35 minutos”. Não se calava um segundo, andava sempre a contar as horas que faltavam.

Dia 14 de Fevereiro, cheios de malas e sacos, encontrámo-nos na estação (turmas 11^oA e 11^oB). Apesar de serem as seis da manhã e de muitos não terem fechado os olhos devido à ansiedade, estávamos bem acordados e cheios de energia, sem a nossa preguiçite habitual dos dias de aulas. Só tivemos tempo de fazer as habituais despedidas e saltar para dentro do autocarro.

Apoderámo-nos da música, parecíamos históricos a cantar e a saltar dentro do autocarro. Os dois dias seguintes adivinhavam-se inesquecíveis!

A nossa primeira paragem foi no Porto. Aí, fomos visitar o Museu Romântico onde nos falaram sobre a moda do século XVIII e de algumas características do Romantismo. De seguida, por volta das 12 horas, estávamos em frente à Casa da Música, Casa esta que chama a atenção de quem passa porque as suas linhas são diferentes de todas as construções à sua volta. Tivemos uma visita guiada para ficarmos a conhecê-la melhor e sabermos quais são as suas utilidades.

Daí, fomos almoçar ao shopping *Bom Sucesso*, onde muitos se “perderam”. Enquanto esperávamos por eles no local marcado, outros tiveram ainda tempo para expressar a sua religiosidade dizendo “Paz de Cristo!” a todas as pessoas que por ali passavam.

Em Gaia, assistimos ao teatro sobre “Os Maias”, no Auditório Municipal, onde encontrámos a nossa amiga Liloça (colega nossa de anos anteriores que foi estudar para o Porto). No decorrer do teatro, muitos acabaram por dar umas ressonadelas (não é Loira?), devido, única e simplesmente, a uma noite passada em claro.

Deixando para trás Gaia, rumámos a Oeiras; a nossa animação aumentava a passos largos e chegou connosco até ao INATEL, onde nos instalámos.

Mal abrimos a porta da nossa “casinha”, ficámos de boca aberta. Atirámos com as malas para cima das camas e reunimo-nos todos no nosso “oásis”. Parecia que o que estávamos a viver não era real.

Organizámos uma festa num dos quartos para todos, onde houve aulas de dança para os rapazes (que,

inaugurada uma obra grandiosa, que não tem o menor conhecimento.

diga-se a verdade, não tinham muito jeitinho!).

No final da festa, pegámos nos cobertores e fomos que nem um rebanho para a praia, mesmo ali em frente. Estávamos de chinelos e pijama no meio daquele areal!

Mais tarde, já no INATEL, seis maluquinhas (Cláudia, Bruna, Cátia Miranda, Eliana, Catarina Teixeira e Cristiana), decidiram ir ver o nascer do sol. O caricato é que nem sequer se aperceberam que estava um dia de nevoeiro, e que o sol, mesmo que quisesse, nem podia dar o ar da sua graça!

Sem fechar olho, foi preciso rumar a Sintra e mesmo de olheiras bem visíveis, o ânimo não esmoreceu.

Lá, tivemos um dia preenchido. Passámos pela Quinta da Regaleira, visitámos o Palácio de Seteais e também o Palácio Nacional, ficando surpreendidos com as histórias e as lendas que nos iam contando ao logo dessas visitas.

À tarde, rompemos o nevoeiro monte acima, em direcção ao Palácio da Pena, onde o vento nos gelou da cabeça aos pés, mas tudo valeu a pena pela beleza que nos veio de outros tempos.

Daqui, seguimos para o *Colombo*, onde “atestámos” a barriga. Foi uma noite passada de loja em loja cheios de sacos nas mãos (não é Bruna?).

À meia-noite, regressámos ao nosso “ninho”.

Depois de mais uma divertida festa, a Cátia Miranda pôs-se a admirar e a brincar com as bolachas do Noddy da Cristiana (pró que lhe havia de dar àquela hora, que idade tens?). Nesta noite, alguns, apesar das promessas, não resistiram ao cansaço e ao sono, acabando por adormecer. Porém, outros, continuaram a festa. No dia seguinte, o regresso, o abandono do “oásis”.

O adeus final foi feito em Lisboa (onde nos empanturrámos de pastéis de Belém) e onde andámos, andámos e andámos... às voltas no Rossio e no Chiado.

A Praça Camões foi o ponto alto da visita, devido à sua simbologia na obra “Os Maias”.

A hora do regresso aproximava-se inexoravelmente. Era preciso, primeiro, fazer as malas para a viagem. Não, não eram as da roupa, as do estômago, pois claro! Foi no Vasco da Gama que isso aconteceu, depois de um encontro com a vaca Milka, que nos adoçou a boca antes do almoço.

Durante a viagem para Vila Real já ninguém conseguia resistir a dormir uns minutinhos. Os “stores” decidiram então pregar-nos uma partidinha quando repararam que estávamos

calmos de mais. Ligaram-nos as luzes do autocarro e colocaram, com o consentimento do condutor, música “pimba” no máximo, para não nos deixarem a d o r m e c e r , fazendo com que perdêssemos de vez o sono. Apesar de muitos acordarem mal humorados, nunca o espírito de grupo e a animação estiveram em causa.

O shopping *Dolce Vita*, de Vila Real, foi o local escolhido para a janta que, com alguma dificuldade, se deglutia, pois todos sentiam já saudades do que ainda não tinha terminado.

Para terminar, um agradecimento aos professores que contribuíram para que esta viagem fosse inesquecível (Lúcia Rodrigues, Manuel Ferro, Virgínia Pinto e Teresa Sá Pires), bem como a todos os que compraram rifas ou comeram os nossos “bolinhos”.

Durante estes três dias (14, 15 e 16 de Fevereiro) não demos pela passagem do tempo (o que é bom acaba depressa...) mas as recordações, essas, sim, vão ficar para sempre connosco.

Foi realmente uma viagem “Chique a valer!!!”.



Na Quinta de Regaleira



A Caminho do Palácio da Pena



No Palácio de Cristal, junto ao Museu Romântico



No autocarro



Na Casa da Música

Em Coimbra

Encontro de Clubes Europeus

Clube Europeu

O Clube Europeu organizou uma visita de estudo à cidade de Coimbra, nos dias 28 e 29 de Abril, a convite da Associação Académica de Coimbra, para participar no debate “No Trilho da Europa”.

A professora coordenadora do Clube Europeu, Lurdes Bento, acompanhou cinco alunas e cinco alunos do 10º Ano das turmas A e B da nossa Escola numa viagem de camioneta, que saiu de Bragança às 6 horas do dia 28 de Abril e chegou à estação rodoviária de Coimbra pelas 11 horas, onde os aguardava uma delegação da Associação Académica de Coimbra, que os conduziu em autocarro próprio ao Largo D. Dinis. Aí, juntaram-se a outros jovens estudantes de escolas secundárias



de Abrantes, Castelo da Maia, Portalegre, S. Pedro do Sul e Viana do Castelo, para iniciarem uma visita ao Jardim Botânico e a alguns pontos da Universidade, entre os quais a Biblioteca Joanina, o Cárcere Académico, a Sala dos Capelos, a Sala do Exame Privado, a Sala das Armas, a Sala Amarela e a Sala Azul. Também puderam desfrutar de uma vista panorâmica da cidade banhada

pelo rio Mondego.

Pelas 15 horas, teve lugar, no Auditório do Departamento de Engenharia Electrotécnica a apresentação por alguns estudantes – membros da Associação Académica de Coimbra - a instituição que este ano comemora 120 anos. Referiram-se à história das lutas académicas durante o Estado Novo, às actividades culturais e desportivas promovidas por diferentes organismos, departamentos

e clubes, os quais representam 20 000 alunos da Universidade.

De seguida, a Doutora Paula Duarte Lopes fez uma alocução sobre o Processo de Bolonha, que serviu de introdução ao debate “Ensino e Juventude na Europa”. Assim, os porta-vozes das diferentes Escolas convidadas foram chamados a fazer uma declaração sobre o tema em

discussão, tendo o aluno Guilherme Sá Pires intervindo pela nossa Escola. No dia seguinte, os trabalhos recomeçaram cerca das 10 horas da manhã, tendo sido moderados pelo estudante de Medicina – Vítor Nuno Neves Lopes, coordenador geral do Gabinete de Relações Internacionais da AAC, em virtude de o Doutor Augusto Rogério Leitão, o orador convidado, ter ficado retido no trânsito causado pela festa da bênção das pastas na cidade do conhecimento. As escolas fizeram as suas declarações relativamente ao tema “Tratado de Roma – 50 anos a construir a Europa”, cabendo a vez à aluna Maria Inês Bento a



responsabilidade de representar a nossa escola, pelo que se gerou um animado debate em volta da questão polémica da adesão da Turquia à União Europeia e dos valores europeus e americanos.

Depois do almoço, houve a sessão de encerramento na sala de imprensa do Estádio Cidade de Coimbra, com a intervenção de convidados e de participantes da actividade.

Pelas 16 horas, os participantes apreciaram, de autocarro turístico, a cidade dos estudantes, pois “Coimbra tem mais encanto, na hora da despedida”.

É de salientar que todos os alunos puderam contactar com um ambiente estudantil diferente do seu e preparar-se para um debate em torno das questões europeias actuais, sobretudo as que dizem respeito ao Processo de

Nos 50 anos dos Tratados de Roma

Clube Europeu assinala comemorações

Clube Europeu

No dia 23 de Março de 2007, realizou-se, na Biblioteca da nossa Escola, pelas 10 horas e 30 minutos, uma palestra proferida pela Dra. Alzira Costa, do Centro de Informação *Europe Direct* de Bragança, alusiva aos 50 anos dos Tratados de Roma.

Antes de se iniciar a comunicação, os alunos Fábio Cerqueira (7ºC), João Paulo Carvalho (CEF), Filipa Menezes (9ºC), Joana Beatriz Ferreira (10ºB), Fernando dos Santos (11ºAC), Carlos Eduardo Cerqueira (12ºA), que integram a Tuna da Escola, dirigida pelo professor de Educação Moral e Religiosa Católica, Hélder Sousa, interpretaram o Hino da Alegria, de Beethoven, à viola, à flauta e ao violino.

A Dra. Alzira Costa, começou por felicitar os intérpretes do Hino da Alegria, dizendo-lhes que os seus nomes iriam ser mencionados no relatório que posteriormente enviará para a Comissão Europeia em Bruxelas, e presenteou os alunos com folhetos do Centro de Informação *Europe Direct* onde havia fotografias de alunos da nossa Escola que no dia 9 de Maio de 2006 tinham participado nas comemorações dos vinte anos de adesão de Portugal e Espanha à União Europeia.

Continuou a sua alocução apoiada num programa de *power point* e referindo-se às razões dos festejos, disse que havia motivos para festejar, na medida em que nunca na Europa tinha havido um período tão prolongado de paz.

Começou por falar das duas guerras mundiais, do pós-guerra, os anos 1945-49, e da data histórica de 9 de Maio de 1950, em que o Ministro dos Negócios Estrangeiros francês, Robert Schuman, e Jean Monnet propuseram que a produção do carvão e do aço, essencial para o esforço de guerra, fosse colocada sob uma autoridade comum. Esta ideia levou à criação da Comunidade Europeia do Carvão e do Aço, em 1951. Através do Tratado de Paris, nascia a Comunidade Europeia do Carvão



compreendia seis países – a França, a Alemanha, a Itália, a Bélgica, os Países Baixos e o Luxemburgo. A 25 de Março de 1957, os governantes destes seis países assinavam em Roma os tratados com o mesmo

e do Aço (CECA), que

nome, sendo que um instituiu a Comunidade Económica Europeia (CEE), e o outro a Comunidade Europeia de Energia Atómica (Euratom). Os seus objectivos eram estreitar a união entre os povos europeus, consolidar a paz e a democracia e garantir a liberdade, o progresso e a justiça. A década de 1960-69 é um período de crescimento económico, pois foram criados a PAC (Política Agrícola Comum), em 1962, para resolver a penúria alimentar causada pela Segunda Guerra Mundial, e o Mercado Único, em 1968. A década de 1970-79 é marcada pelo primeiro alargamento, com a entrada, em 1973, de três países – a Dinamarca, a Irlanda e o Reino Unido. Em 1974, é criado o FEDER – Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional.

Antes de terminar, a Dra. Alzira Costa referiu-se aos reflexos da cooperação europeia em Portugal, e, mais propriamente, às obras efectuadas em Bragança, custeadas, em parte, com fundos europeus. Para finalizar a sua intervenção, recordou aos presentes os valores da paz, liberdade, democracia, solidariedade e justiça, os quais tornaram possível a estabilidade, a prosperidade, o emprego e o crescimento na União Europeia, e que os 50 anos dos Tratados de Roma são celebrados em toda a União Europeia, no dia 25 de Março, com concertos, sob o lema

compreendia seis países – a França, a Alemanha, a Itália, a Bélgica, os Países Baixos e o Luxemburgo. A 25 de Março de 1957, os governantes destes seis países assinavam em Roma os tratados com o mesmo

Concurso Euroscola

em articulação com o Parlamento dos Jovens – Secundário

Lurdes Bento, coordenadora do projecto

No âmbito do programa Euroscola, dois alunos do 10º Ano deslocaram-se a Lisboa, nos dias 23 e 24 de Abril, para a defesa do projecto da nossa Escola, que tinha sido apresentado e seleccionado aquando da Sessão Distrital do Parlamento dos Jovens – Secundário.

A viagem foi organizada pelo Instituto Português da Juventude, que providenciou o transporte, as refeições e também o alojamento na Pousada da Juventude de Almada.

Após a chegada a Lisboa, os alunos, Guilherme Sá Pires e Carlos Jorge Alves Porrais, e a professora Lurdes Bento, foram recebidos no Palácio de S. Bento pela Dra Lurdes Sauane, Técnica Superior da Assembleia da República, que lhes mostrou as diferentes alas do edifício, nomeadamente a Biblioteca fundada por Passos Manuel, onde puderam trabalhar. Seguiu-se, uma visita guiada à Casa da Democracia, onde estava patente ao público uma exposição da colecção Berardo, havendo a ressaltar a obra



de arte alusiva ao protesto contra os atentados do 11 de Março em Madrid, exposta na Sala dos Passos Perdidos.

Pelas 18 horas, as dezassete escolas que tinham sido apuradas nas sessões distritais participaram na defesa dos seus projectos subordinados ao tema “Insucesso e Abandono Escolar na União Europeia”, na sede do Instituto Português da Juventude em Moscavide, sendo que a nossa escola foi representada pelo aluno Guilherme Sá Pires.

P e l a s 2 1



horas, os alunos e os professores acompanhantes puderam assistir à representação da peça de teatro “Zen ou o sexo em Paz”, com direcção de Carlos Quintas e interpretação de Amélia

Videira, no auditório da Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Lisboa.

No dia seguinte, pela manhã, as delegações das escolas que participaram no Concurso Euroscola puderam assistir, nas



galerias da Sala do plenário à Sessão Nacional do Parlamento dos Jovens

em Portugal, o Presidente do Instituto Português da Juventude, e representantes da Porto Editora, tendo a nossa escola recebido prémios simbólicos.

É de frisar que, apesar de a nossa escola não ser uma das dez seleccionadas para participar, no próximo ano, na Sessão do programa Euroscola do Parlamento Europeu em Estrasburgo, os alunos se empenharam na pesquisa e na elaboração do projecto, o que muito terá contribuído para a sua valorização e enriquecimento pessoais, bem como para o exercício da cidadania e o fortalecimento do espírito europeu.

– Secundário.

Depois do almoço, que foi servido a todos os alunos e acompanhantes no Refeitório dos Frades, houve uma cerimónia de entrega dos prémios às escolas participantes no concurso Euroscola, à qual presidiram o Secretário de Estado da Juventude e Desportos, o representante do Parlamento Europeu

Insucesso e Abandono Escolar na União Europeia

Estava um dia primaveril em Estrasburgo. Os brilhantes raios de sol passavam por entre as árvores floridas dos jardins. Naquele dia, a água parecia mais límpida e os pássaros chilreavam alegremente. Todos estes factores proporcionaram um dia imensamente agradável para a realização de mais uma sessão do programa Euroscola.

Alguns jovens de diferentes países pertencentes à União Europeia juntaram-se no Parlamento Europeu para discutir o tema do “Insucesso e Abandono Escolar”.

Num dos intervalos da sessão, alguns desses jovens, falantes de idiomas distintos, encontraram-se num espaço verde da área envolvente do edifício para terem uma conversa informal, que se foi desenrolando naturalmente, e, como era de esperar, falou-se do assunto que estava a ser discutido na sessão do Parlamento Europeu...

- Sabiam que o objectivo da UE é diminuir a taxa de insucesso escolar para metade até 2010? - Perguntou Jonathan, céptico. - Pessoalmente, não acredito que a União Europeia consiga alcançar esse objectivo. Eu até tenho confiança na União, mas o que nos pedem é muito difícil, para não dizer impossível de alcançar!

- Eu discordo da tua opinião, Jonathan - interveio Anna, a visionária do grupo. - Estou convicta de que alcançaremos a meta proposta até 2010, e também acredito que em 2020 o problema estará completamente erradicado.

- Partilho dessa visão, embora acredite que, para atingir os objectivos propostos, teremos que implementar os métodos tradicionais de ensino - afirmou Jean, com uma voz imponente, denunciando os seus ideais conservadores.

- As medidas conservadoras? Essas nunca nos levaram a lado nenhum! - acabava de exclamar Giorgio, o sábio cientista júnior. - Utilizemos as novas, as que nos trarão prosperidade sem fim! Temos que apostar nas ciências exactas, experimentais e nas tecnologias, pois serão essas o motor do progresso!

- Exacto! Devemos pôr todas as crianças a estudar apenas essas, pois teríamos uma força de trabalho empenhada e sábia, pronta a ajudar as nações! - exclamou com veemência Kryack, demonstrando os seus ideais extremistas. - Quem não conseguir acompanhar, obviamente, ficará para trás, ou deve enveredar por um curso profissional. Os que trabalham arduamente para o Estado não merecem que o dinheiro dos seus impostos seja gasto em casos perdidos!

- Estás a esquecer os ideais da União - liberdade, democracia, solidariedade e justiça universais! O que dizes não é justo, pois o ensino deve adaptar-se às necessidades e aptidões do indivíduo! - contra-argumentou Maria, a mais humanista de todos os presentes.

- Estudar apenas a ciência e esquecer a literatura? Jamais vi tamanho desprezo pela escrita! - afirmou Giorgio, o aspirante a escritor. - Afinal, se não vos lembrais, foram os livros que fizeram a vossa ciência passar de geração em geração! É essencial para o desenvolvimento de uma nação que todos os cidadãos leiam regularmente e escrevam bem!

- E como poderão esquecer-se da essencialidade que é conhecer outras línguas? - perguntou Anders, o vocacionado para letras e idiomas estrangeiros. - Se não houver comunicação entre os diversos Estados-Membros, não

haverá União! E sem união, não haverá força!

- Pois, não nos podemos esquecer disso. Temos nações e nações a olhar para nós, não podemos cometer erros! - afirmou Maria. - E, além disso, temos que continuar com o espírito de entreatada que nos norteou desde o Tratado de Roma!

- Mas, e se... - O discurso de Anders fora cortado por uma campainha sonante. Era tempo de voltar ao trabalho, e todos se dirigiram para a entrada.

Quem sabe? Talvez eles, anos depois, passassem por lá todas as manhãs!

Já na sala que lhes estava destinada, elaboraram o seguinte documento a apresentar posteriormente em plenário:

Considerando o objectivo definido no Conselho Europeu de Lisboa, em Março de 2000, de, até 2010, a União Europeia se “tornar na economia baseada no conhecimento mais dinâmica e competitiva do mundo, capaz de garantir um crescimento económico sustentável, com mais e melhores empregos, e com maior coesão social”, é necessário investir de forma mais eficaz nos recursos humanos, pois eles são o factor determinante de crescimento da sociedade.

Para que seja possível o desenvolvimento e realização pessoais dos cidadãos, a sua integração social e profissional e posterior prosseguimento de estudos, é imprescindível que adquiram as seguintes competências básicas: capacidade de comunicação em língua materna e, pelo menos, em duas línguas estrangeiras; numeracia; competências em ciências e tecnologia, incluindo as TIC; capacidade de aprender a aprender; competências pessoais e cívicas, espírito empreendedor e gosto pela cultura.

Tendo em conta que o aumento de

um ano no nível médio de escolaridade da população tem reflexos num aumento da taxa de crescimento de 5% a curto prazo, urge diminuir rapidamente as taxas de insucesso e abandono escolar na UE.

É preocupante que 20% dos jovens com idades compreendidas entre os 18 e os 24 anos tenham abandonado prematuramente a escola e se encontrem à margem da sociedade do conhecimento. Portanto, é importante que os jovens concluam o ensino secundário para poderem ingressar no mercado de trabalho e prosseguir os estudos superiores.

Para que a mobilidade dos cidadãos seja uma realidade na UE, seria relevante uniformizar os programas das disciplinas de Geografia, Ciências Naturais, Física, Química e incluir a informação da União Europeia, de forma a contribuir para o espírito europeu e, conseqüentemente, proceder ao reconhecimento dos diplomas e das certidões dos cidadãos dos diferentes países da UE.

Sabemos que os desafios que se colocam à UE nestes domínios são enormes. Eles dizem respeito ao aumento da motivação dos jovens para a relação entre o saber teórico e a actividade prática e ao desenvolvimento do interesse pela aprendizagem ao longo da vida.

Devemos concluir que o investimento na educação e na formação são essenciais para o incremento da competitividade, o crescimento sustentável e o acesso ao emprego na UE, sendo a condição para a consecução dos objectivos económicos, sociais e ambientais preconizados no Conselho Europeu de Lisboa, e para que estes sejam um paradigma para o resto do mundo.

Escola Sec/3 Abade de Baçal - Bragança

Concurso Euroscola -Parlamento Europeu

Desporto Escolar

Toca a correr

Foram muitas as actividades realizadas no âmbito do Desporto Escolar este período.

Em Fevereiro, no dia 16, realizou-se nesta escola a fase de Escola do Torneio Mega Sprinter (40 metros de corrida): Ricardo Guerra(9ºB), Fabien Pinto(8ºB) e Micael(9ºB) ocuparam as três primeiras posições nos juvenis masculinos; já nos iniciados masculinos, os lugares foram ocupados por Paulo Lima (CEF), Paulo Lopes(9ºC) e Flávio Pinto(CEF).

No dia 14 no Campus do IPB realizou-se o Corta-Mato Distrital do Desporto Escolar relativamente ao qual se lamenta a má organização, que obrigou a repetir a prova de Iniciados Feminino. Pedro Geraldo foi o melhor classificado em 3º nos Infantis B, com 5' e 5", seguido de Eduardo Pereira, com mais 10 segundos e de Joni Gonçalves, com a marca de 5' e 24". Adriana Fernandes ficou em 6ª em Iniciados Femininos, com 4' e 26", e, por conseguinte, foi apurada para o Campeonato Nacional que terá lugar dias 10 e 11 de Março. Ricardo Podence, iniciado masculino, classificou-se em 14º lugar com 8'48" e Filipe Sousa e Ricardo Guerra, juvenis masculinos, fizeram, respectivamente, 13 minutos e 30 segundos e 14'27", ficando em 14º e 33º.

O mês de Março iniciou-se, no dia 1 com o jogo de Futsal Feminino de Juvenis em Carrazeda de Ansiães, no qual a escola obteve uma vitória por 3-2. Foi a 2ª vitória no Campeonato, tendo sido a primeira em casa com a equipa de Carrazeda e depois duas derrotas, na Torre de Dona Chama por 5-6 e uma em casa frente à melhor equipa do grupo da Escola Secundária de Moncorvo por 3-11.

Em Basquetebol Iniciados Femininos até à data obteve uma vitória e uma derrota.



Passeio de BTT

Participa no passeio de BTT a organizar pelo grupo de Educação Física

Dia 16 de MAIO, às 14 Horas

Inscrições junto dos Professores de Educação Física.

Mega Sprinter e Mega Salto 18/04/2007 Final Distrital

Magda Ferreira e Eduardo Pereira Campeões

No passado dia 18 de Abril teve lugar na Pista de atletismo do IPB a Final Distrital dos Torneios Mega Sprinter (40 mts.) e Mega Salto. (Salto em Comprimento).

Da nossa escola estiveram presentes 4 alunos, Ricardo Guerra (9ºB); Magda Ferreira (7ªA); Eduardo Pereira (7ºB) e João Carlos Albuquerque (7ºB).

Eduardo Pereira e João Carlos Albuquerque foram à final do Mega Sprinter sem, no entanto, conseguirem ser um dos dois primeiros.

No Mega Salto os alunos desta escola estiveram em evidência pois no escalão de Infantis B venceram quer em Femininos, Magda Ferreira, quer em Masculinos, Eduardo Pereira, ficando apurados para a Final Nacional em Beja no dia 05/05/2007.



Eduardo Pereira, à frente, com o nº 837 e atrás, de camisola verde, Magda Florêncio

Escola Abade de Baçal vence Taça Compal

Alunos vencedores da Taça Compal da região de Bragança - Paulo Lopes, João Soares e Daniel Pinto. A competição desenrolou-se durante a manhã e a tarde do dia 7 de Março.



Peddy Paper ESAB

A Escola Secundária/3 Abade de Baçal vai realizar, no dia 5 de Maio, pelas 14 horas, um peddy paper subordinado ao tema - Educação Para a Saúde.

A actividade realizar-se-á através de um percurso pedestre pela cidade. Tem como grande objectivo sensibilizar a comunidade escolar quer para a riqueza Histórico-Cultural de Bragança, quer para a Educação para a Saúde.

Para participar, o aluno necessita de autorização do Encarregado de Educação, cujo impresso pode ser levantado no Conselho Executivo, local onde se efectua também a inscrição.



Bullying, uma agressão silenciosa

Amanda, Ricardo e Verónica, 7ºB

Sendo a agressão física e verbal cada vez mais frequente e preocupante, sobretudo em espaços escolares, é importante saber o que é o bullying, para evitar que ele se alastre.

Sem tradução para o português, *bullying* é a agressão feita com a intenção de insultar a vítima, atacá-la fisicamente, espalhar rumores negativos, fazer ameaças para se assegurar de que a vítima seguirá as ordens dadas, fazer comentários humilhantes sobre a família, aparência, religião, nacionalidade, isolar a vítima e chantageá-la. É uma situação que se repete de forma intencional, sem haver um motivo evidente.

Incide frequentemente sobre crianças mais isoladas, recém-chegadas a uma escola e com poucos amigos e sobre os jovens

mais tímidos, pertencentes a um grupo racial diferente e possuidores de uma diferença óbvia (como ser muito gordo ou muito magro, gaguejar), muitas das vezes através da troça, da humilhação.

As vítimas do Bullying desenvolvem, então, medo, pânico e geralmente evitam ir à escola, podendo crescer com sentimentos negativos e apresentar sérios problemas de relacionamento no futuro. As agressões são por vezes encaradas como “uma forma saudável de aprender a viver e a defender-se”, mas não se pode esquecer que podem deixar marcas para toda a vida, por isso as vítimas não devem responder às provocações nem manter em segredo a agressão sofrida, mesmo sabendo que os autores são habitualmente agressivos e

fisicamente fortes.

Então setêimesta “superioridade” por que motivo agredem? Para obter força e poder, ser popular, esconder o seu medo, amedrontar os outros e torná-los infelizes, uma vez que ele é infeliz. Entre os agressores, observa-se o predomínio dos rapazes, enquanto que, no papel de vítima, não há diferenças entre géneros. As raparigas usam frequentemente as agressões indirectas, sendo também vítimas destas com maior frequência. Os rapazes são mais frequentemente vítimas de agressões físicas e de ameaças. Aqueles que assistem, não denunciam o caso, com medo de serem as próximas vítimas.

O bullying é um problema mundial, sendo encontrado em toda e qualquer escola, não estando restrito a nenhum tipo

específico de instituição: primária ou secundária, pública ou privada, rural ou urbana.

Em escolas, o *bullying* geralmente ocorre em áreas com supervisão adulta mínima ou inexistente. Pode acontecer em praticamente qualquer parte, dentro ou à volta da escola.

Sendo esta vista, normalmente, como um local de aprendizagem, considera-se é um ambiente seguros onde os alunos podem desenvolver os seus potenciais intelectuais e sociais. Mas a realidade nem sempre é essa, há casos em que os jovens sofrem com atitudes violentas, que os afectam física e psicologicamente. A melhor maneira de as evitar é conhecê-las e denunciá-las.



Distúrbios alimentares Os distúrbios alimentares são responsáveis pelos maiores índices de mortalidade entre todos os tipos de transtornos mentais, ocasionando a morte em mais de 10% dos pacientes. A grande maioria - mais de 90% - dos que sofrem de transtornos alimentares são mulheres adolescentes e jovens, porque as mulheres desta faixa etária são mais vulneráveis a estes transtornos e há tendência de fazerem regimes rigorosos para

obterem a silhueta “ideal”.

Anorexia Nervosa

A anorexia nervosa é um transtorno alimentar caracterizado por uma rígida e insuficiente dieta alimentar e stress físico. A anorexia nervosa é uma doença complexa.

Envolve componentes psicológicas, fisiológicas e sociais. Uma pessoa com anorexia chama-se anoréctica. Uma pessoa anoréctica pode ser também bulímica.

Sintomas

- Peso corporal em 85% ou menos do nível normal.
- Excesso de actividade física.
- Medo intenso e irracional de ganhar peso ou de ser gordo, mesmo tendo um peso abaixo do normal. É comum em pessoas anorécticas, verem peso onde não existe, ou seja, o anoréctico pensa que tem um peso acima do normal.
- Negação quando é questionado acerca do problema.
- Ausência de pelo menos três ou mais menstruações. A anorexia causa sérios danos ao sistema reprodutor feminino.

Outros sintomas e perigos que estão relacionados com a doença:

- Bulimia, que pode desenvolver-se posteriormente.
- Danos intestinais, quando o anoréctico faz uso excessivo de laxantes.
- Danos nos rins, quando o anoréctico faz o uso excessivo de diuréticos.
- Anemia (devido ao baixo nível de ferro).
- Osteoporose (devido ao baixo nível de cálcio, ou à deficiência do

O Culto do corpo

intestino em absorvê-lo).

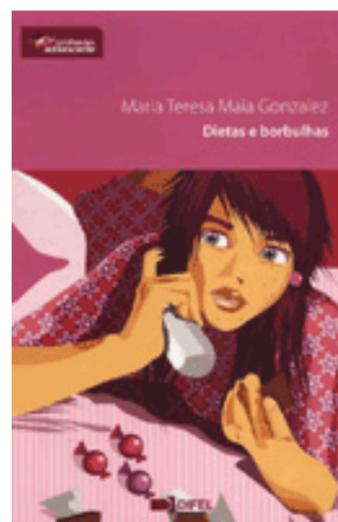
A anorexia possui um índice de mortalidade entre 15 a 20%. As anorécticas, morrem geralmente de ataque cardíaco, devido à falta de potássio ou sódio (que ajudam a controlar o ritmo cardíaco normal do coração).

Causas

A anorexia afecta muito mais, pessoas jovens (entre 15 a 25 anos), e do sexo feminino (95% dos casos de anorexia nervosa ocorre em mulheres).

Muitos especialistas acreditam que a influência dos média (televisão, cinema, revista...) é a principal (mas não a única) causa de transtornos alimentares, isto porque os média quase sempre impõem o estereótipo em que a magreza é um factor importantíssimo, se não indispensável, para o sucesso social e económico de uma pessoa. Tal influência é bastante negativa em crianças e adolescentes, nas quais a personalidade ainda está em formação. Entre os 11 a 14 anos existem com relativa frequência, casos de anorexia. Algumas profissões, como atletas, bailarinos, dançarinos, ginastas ou módulos, podem motivar as pessoas a optarem

Dietas e borbulhas Maria Teresa Maia Gonzalez



Este livro conta a história de duas irmãs chamadas Catarina e Sara cujo destino parecia querer separar. Quando termina a fase da puberdade, Catarina começa a engordar, os rapazes não reparam nela a não ser que seja para troçar. Ao contrário dela, Sara é elegante e descontráida e todos a admiram.

Ela acaba por sofrer de bulimia e quase morre. Mas um dia um amigo fá-la compreender que cada um é como é e não há nada a fazer.

É um livro que nos mostra como é importante que nos aceitemos como somos.

Ser Terapeuta da Fala Ouvir o Outro



Nádia Afonso, ex-aluna

Hoje olho pela janela e tenho uma vista tão diferente daquela que tinha até aqui e com a qual estava tão familiarizada. A nova vista é ainda muito fresca, estranha.

Nos quartos ao lado sinto as minhas amigas de infância, as mesmas que acompanharam todo o meu processo de decisão. Juntamente com elas e com mais algumas e alguns que, infelizmente, não puderam vir para a mesma cidade, andámos a viajar durante algum tempo (umas mais que outras) num comboio completamente sem rumo até que tudo se encarrilhou e, hoje, é esse mesmo comboio que nos transporta até ao resultado das nossas decisões.

A vontade de ser terapeuta da fala surgiu no 11º ano sendo que se foi intensificando com o decorrer do tempo. Quando comunicava esta decisão nas respostas àquelas típicas perguntas (que se acentuam abruptamente no 12º ano): "o que queres seguir?" (agora já sem aquele suplemento "quando fores grande"), deparei-me com três principais tipos de reacções: os que sabiam o que era e apoiavam, os que sabiam o que era e discordavam e os que faziam aquela cara de completa ignorância e desconhecimento relativamente à existência de tal profissão. O facto é que, apesar de qualquer que fosse o tipo de reacção, hoje aqui estou eu em Aveiro, no primeiro ano de Terapia da Fala. Assim, como aluna da ESAB durante seis anos, antigo, mas para sempre, membro do clube de jornalismo e futura terapeuta da fala não posso admitir que os leitores do *Outra Presença* tenham a mesma reacção

de desconhecimento face a esta profissão com que me deparei tantas vezes.

O objectivo do terapeuta da fala é a prevenção, avaliação, tratamento e estudo científico da comunicação humana e problemas relacionados, sendo que a comunicação humana engloba todos os processos associados à compreensão e produção da linguagem oral e escrita, assim como formas de comunicação não-verbal. Engloba também a prevenção, avaliação e tratamento da deglutição.

A comunicação constitui o primeiro veículo de inserção social e de adaptação ao mundo e à realidade. A verdade é que todos os dias assistimos a comportamentos *d i s c r i m i n a t i v o s* relativamente a pessoas com problemas comunicacionais, sejam eles de que tipo ou teor forem. Neste sentido, não posso deixar de confessar que o facto de conseguir deter em mim, futuramente, algum poder de resolução relativamente a problemas de exclusão social deste género foi um factor aliciante e sedutor para a minha escolha profissional.

Quando chegamos finalmente à universidade e contactamos com as primeiras cadeiras e com um conhecimento mais objectivo do que será, de facto, a nossa actuação profissional, não deixamos de nos perguntar se de facto é isto que queremos fazer a vida toda, porque parece que só aqui ganhamos, finalmente, a consciência de que é uma decisão tão definitiva que se pode tornar angustiante. Mas se essas questões me assombraram ao longo do primeiro semestre, agora, já no segundo, em que a especificidade das cadeiras é significativamente superior não me restam quaisquer dúvidas.

Estudar o modo de articulação e de produção acústica de cada letra, de cada palavra, de cada frase, compreender cada etapa de aquisição de discriminação auditiva e de desenvolvimento da linguagem bem como todas as perturbações que podem ocorrer, saber quais os ossos, os músculos e os nervos envolvidos em cada processo de articulação é algo realmente fascinante. É como se, de repente, obtivéssemos uma compreensão muito mais

detalhada de nós mesmos e dos outros, não apenas em termos anatómicos e fisiológicos mas também a nível psicológico.

Ouvimos, falamos, engolimos de uma forma tão rotineira que nem por um segundo paramos para pensar no que realmente estamos a fazer, é algo que faz parte da nossa natureza e necessidade biológicas e como tal é algo que não desperta a nossa atenção (entenda-se por 'nossa' pessoas que não revelam qualquer perturbação ao nível de qualquer uma das actividades referidas). No entanto, essa minha passividade mudou a partir do momento em que ingressei em Terapia da Fala, consigo agora, ainda que sob a camuflagem de aprendiz, compreender cada movimento efectuado. Conquistei, aqui, a capacidade de poder compreender mais profundamente, de entrar nas mentes, de penetrar nos sentimentos e emoções das crianças e adultos com problemas ao nível da comunicação. E é exactamente por perceber que a angústia, a frustração e a incapacidade de adaptação social dessas pessoas pode ser atenuada por mim, enquanto futura terapeuta da fala, que a cada dia que passa a minha escolha tem cada vez mais sentido, vinculando a certeza de poder ajudar as pessoas com problemas ao nível de comunicação e de poder contribuir para a melhoria das suas relações com elas mesmas, com os outros e com o mundo.

Espero ter esclarecido todas as pessoas que desconheciam esta profissão e as que apenas a conheciam superficialmente. Tentei falar objectivamente do curso, contudo, estas linhas não deixam de estar imbuídas de uma perspectiva pessoal acerca do mesmo, pelo que este texto tem que ser lido tendo em conta isso mesmo.

Todos diferentes, todos iguais

Maria do Sameiro Conde Gonçalves,
Professora do Ensino Especial
(em colaboração com a Associação de Pais)

"A deficiência é uma dentre todas as possibilidades do ser humano e daí dever ser considerada, mesmo se as suas causas e consequências se modificam, como um facto natural que nós mostramos e de que falamos, do mesmo modo que o fazemos em relação a todas as outras potencialidades humanas" (UNESCO, 1977).

"Nós não devemos deixar que as incapacidades das pessoas nos impossibilitem de reconhecer as suas habilidades. As características mais importantes das crianças e jovens com deficiência são as suas habilidades" (Hallahan e Kauffman, 1994).

"Uma criança deficiente não é respeitada se for abandonada à sua deficiência, do mesmo modo que não é respeitada se se negar a realidade da sua deficiência. É respeitada se a sua identidade, a sua originalidade, da qual a deficiência também faz parte, for favorecida e quase provocada, isto é, se ela for levada a desenvolver-se. Tal é a atitude realista activa, em situação e em relação. Se for ao contrário, temos o realismo inerte" (Canevaro, 1984).

Desde tempos imemoriais que o preconceito faz parte da natureza humana. Habitualmente, desconfiamos e temos medo de tudo o que é diferente de nós próprios. O "outro" provoca-nos receio, limitação, temor, constrangimento, insegurança.

Reiteradamente, o preconceito e a segregação começam a partir da colocação de "rótulos" nas pessoas com deficiência, etiquetando-as, entre outros, do tipo "não vai aprender a ler", "não pode fazer tal movimento". Ora, tais "etiquetas", para além de terem consequências nefastas sobre a forma como essas pessoas são aceites pela sociedade, também não permitem que a própria pessoa com deficiência se exprima e mostre aquilo de que é capaz. A ênfase recai sobre a Incapacidade, sobre a Deficiência (pela negativa) e não, como deveria, sobre a Eficiência, a Capacidade, a Possibilidade que tais pessoas possuem.

Felizmente, tal postura começa de alguma forma a ser alterada, sendo que os profissionais, principalmente os da área da Educação, concentram as suas energias no diagnóstico, na actuação objectiva e determinada, sempre na busca das possibilidades e dos recursos que a

pessoa, sendo portadora de deficiência, decisivamente possui.

Se partimos da aceitação e do reconhecimento dos nossos preconceitos e das nossas desconfianças, estaremos perfeitamente aptos a mudar o nosso comportamento e a aceitar que o objecto destes sentimentos é uma pessoa como nós, ou seja, começaremos por identificar a valorar os pontos comuns existentes e não a contribuir para acentuar as diferenças. Poderemos, então, identificar o que nos une e constatar que nossa essência é a mesma: somos todos seres humanos, cuja diversidade indicia abundante riqueza de situações e possibilidades de intercâmbio e partilha de vivências e de aprendizagens.

Desde que o mundo é mundo, sempre houve pessoas deficiências. O nosso tempo permite-nos contudo viver um momento histórico, caracterizado por grandes mudanças, turbulências e crises, mas também, e sobretudo, pelo surgimento de enormes oportunidades.

Continua na pág. seguinte
Não faça de conta que a deficiência não existe.

Relacionando-se com uma pessoa deficiente como se ela não tivesse tal deficiência, estará a ignorar as suas características

A URGÊNCIA (DE FECHAR)



Joana Gomes, ex-aluna

Requalificação das urgências, esta é a frase que anda na boca da governação e que tanta polémica, tanta contestação, tanto envolvimento e debate tem suscitado. Primeiro ponto: não estará já a ocorrer uma confusão quanto à frase apresentada? Talvez eu fizesse uma ligeira requalificação da mesma, passando a ser mais esclarecedor se mostrassem logo o que querem dizer com requalificação, na verdade querem mesmo dizer: encerramento indiscutível, não é?

Opiniões são muitas, mas esclarecimentos são poucos, o governo só diz aquilo que lhe interessa e por vezes a oposição não se opõe como devia e neste momento o que mais há é uma população mal informada e sem saber para que lado se há-de virar.

Esta é apenas a minha opinião depois de ter dispendido de algum tempo para fazer umas leituras mais profundas sobre a questão de modo a poder sentir-me um pouco mais dentro da discussão, no entanto o que encontrei foi um ainda maior mar de dúvidas e sentimento de desconfiança face ao que neste momento está a ser feito.

Um ponto que para mim deve

Continuação da pág. anterior

relevantes. Dessa forma, não estará a relacionar-se com ela, mas sim com uma pessoa, por si inventada, porque absolutamente irreal.

Ter uma deficiência não faz que com a pessoa seja melhor ou pior que a outra, não deficiente.

As pessoas com deficiência possuem os deveres e os direitos, como as demais, e podem e querem tomar as suas próprias decisões e assumir as suas próprias responsabilidades.

Não subestime as possibilidades. Não sobrestime as dificuldades.

ACEITE A DEFICIÊNCIA. ELA EXISTE E DEVE SER TIDA EM CONSIDERAÇÃO.

ficar bem claro, é que num país com a área e com o número de habitantes que Portugal tem, existe inequivocamente um excedentário número de serviços de urgência que acarretam custos elevadíssimos quer a nível monetário quer a nível de mobilização inadequada de pessoal médico. A meu ver foi desta questão que o governo se valeu para iniciar o seu programa. Mas a questão não é assim tão linear, não basta começar a requalificar porque de facto é necessário requalificar. Antes de se iniciar uma acção têm que se construir todos os alicerces que poderão sustentar o emergir da nova estrutura, coisa que Portugal neste momento ainda não tem.

O encerramento de urgências neste momento está todo baseado apenas na questão economicista, pretendem-se reduzir custos e organizar melhor os serviços. Até aí tudo bem, concordo que há muita coisa mal, mas é uma infantilidade não ter a responsabilidade de assumir que é impossível a execução correr perfeitamente como o que foi idealizado num plano, sem consequências que poderão vir a ser gravíssimas a nível da saúde dos portugueses.

É da saúde de pessoas de que estamos a falar, não é de uma instituição feita de betão onde se não gostarmos do resultado final podemos sempre demoli-la e voltar a tentar.

Numa das minhas pesquisas foi ao portal do governo e li vários comunicados acerca da "requalificação das urgências". Um ponto estava assente em todos eles: o encerramento deve ser gradual e faseado, de modo a que sejam garantidas soluções para os serviços que vão fechar e sobretudo melhoramentos nos cuidados de saúde primários. Pois deve. Agora pergunto eu que melhoramento nos cuidados de saúde primários se verificou antes de um rol de encerramentos de urgências já ter sido anunciado? Parece então que o que se quer é dar o mergulho sem primeiro se ter enchido a piscina com água!

Diz a comissão responsável pela tal reestruturação que com as novas soluções todas as populações em que os serviços são fechados ficam a 30 minutos do serviço de urgência mais próximo, mas ter-se-ão esquecido que, para esse mesmo serviço que fechou já iam populações que distavam outros 30 ou mais minutos de estradas sinuosas e que agora vêm as suas soluções a fechar? O país não se resume a cidades e

vilas que até nem distam muito umas das outras. Não preciso de ir muito longe, que feche em Vinhais o único serviço de atendimento permanente qualificado para pelo menos efectuar técnicas de suporte básico de vida e de certeza que o idoso que vive numa aldeia na serra, aquele que pode ser o avô ou pai de qualquer um de nós e que por acaso até já nem pode conduzir, vai conseguir chegar em 30 minutos a Bragança resistindo a uma falência cardíaca ou a uma queda de umas escadas. Talvez para o Doutor Correia de Campos umas quantas vidas perdidas por mês justifiquem

boa rede de estradas e de transportes difundida por todo o país, como não temos uma eficaz distribuição e número de profissionais de saúde necessário para levar os cuidados de saúde primários a toda a população (mas mesmo toda, até aquela mais esquecida que fica lá onde ninguém conhece e onde o INEM não chega em vida) e aquilo que o governo quer agora é equilibrar as contas públicas para depois lhe poder esfregar na cara os resultados prometidos e ter nova bandeira eleitoral (a memória por vezes é curta e até resulta) o



bem os gastos que se poupam com o serviço. A situação não é uma mera questão de números, há muitos podres em Portugal que são necessários resolver para a implementação destes encerramentos todos. Só quando nos toca profundamente na pele é que equacionamos todas as problemáticas com o respeito que merecem. Outra medida que anunciam é a disponibilidade de um call center que de facto em muito pode auxiliar a diminuir a corrida desnecessária a urgências o que poderia promover o seu congestionamento. No entanto ao que parece para os responsáveis por este projecto, o call center é verdadeiramente importante mas é para as pessoas saberem para que serviços devem ir quando tiverem uma urgência já que o serviço que lhes ficava mais à mão, por obra do infortúnio teve de fechar. Devem mesmo estar à espera que alguém numa situação de urgência como um ataque cardíaco, uma amputação do membro ou uma queimadura grave pegue no telefone e pergunte para onde se deve dirigir (só podem estar a querer enervar alguém).

Parece-me que aquilo que se está neste momento a fazer é caçar com o gato uma vez que parece impossível arranjar o cão. Explico-me: como não temos uma

mais fácil é mesmo começar-se por aquilo que à partida deveria ser como que a consequência de uma eficaz gestão do país. Sendo assim opta-se por fechar serviços não muito bem organizados e geradores de prejuízo mas que ao fim ao cabo poderiam salvar aquilo que a meu ver é o bem mais precioso que temos, poderiam salvar vidas.

O nível de desenvolvimento de um país não se mede apenas pelo défice, o estado da Saúde é um facto fundamental de ponderação e com tal irresponsabilidade estar-se-á a apunhalar o Serviço Nacional de Saúde.

Quase que me apetece dizer remetida pelo que Fernando Pessoa disse pela "mão" de Caeiro, que este governo deve estar completamente "doente dos olhos" uma vez que as suas acções parecem apenas reflexos de um pensamento conveniente.

QUO VADIS, ESCOLA?

Otília Afonso

A leitura integral do diploma que estabelece os critérios e procedimentos para acesso ao primeiro concurso de professor titular veio gorar as expectativas de muita gente que, ingenuamente, acreditou na possibilidade de mudança. Sem querer ser analista de coisa nenhuma, gostaria de poder partilhar consigo - se estiver disposto a ler até ao fim - colega, funcionário, aluno, pai, encarregado de educação ou qualquer outro cidadão a minha desilusão e o meu sentimento de indignação e revolta, que tenho a certeza actualmente angustia milhares de profissionais da educação em todo o país.

Iniciemos com a leitura do seguinte excerto.

“(…), procurou-se reduzir ao mínimo as margens de subjectividade e de discricionariedade na apreciação do currículo dos candidatos, reafirmando-se o objectivo de valorizar e dar prioridade na classificação aos professores que têm dado provas de maior disponibilidade para assumir funções de responsabilidade. Nesta perspectiva, para o primeiro concurso consideram-se parâmetros de selecção o efectivo desempenho de funções na escola, valorizando o exercício de funções lectivas e o desempenho de cargos de direcção, coordenação e supervisão de outros docentes, a formação académica acrescida, bem como a ponderação dos níveis de cumprimento do dever de assiduidade (salvaguardando a eventual ocorrência de situações extraordinárias e imponderáveis), sem deixar de ponderar também, ainda que em menor grau, o trabalho desenvolvido pelos docentes no exercício de funções dirigentes e técnico-pedagógicas.(…)”

De acordo com a perspectiva, pode dizer-se que o primeiro parâmetro, “exercício de funções lectivas”, de objectivo só tem o nome porque sem uma análise de conteúdo do exercício da função lectiva, realizada particularmente, é impossível avaliá-lo com o mínimo justiça. A este parâmetro, seguindo uma lógica cega, a lei atribui 8 pontos por ano independentemente de qualquer situação, ou seja: ter ou não dado aulas; não ter tido horário, tê-lo tido completo ou incompleto; ter planificado rigorosamente as matérias e cumprido os objectivos estipulados; ter faltado muito, pouco ou nada; ter ou não leccionado anos sujeitos a exame; ter avaliado e reapreciado (muitas vezes em

período autorizado de férias) provas de exame; ter motivado ou desmotivado os alunos; ter contribuído para a integração ou exclusão; ter sido ou não processado disciplinarmente; ter promovido o sucesso ou o insucesso dos discentes; ter ou não sinalizado alunos com dificuldades; ter diversificado as estratégias pedagógicas para responder às reais necessidades e ritmos de cada aluno; ter melhores ou piores resultados na avaliação interna e externa.

E não se pense que o rol acaba por aqui. Estes são apenas alguns dos dados que contrastam com o articulado no antigo e no novo Estatuto da Carreira Docente (1/98 e 15/2007): ambos insistem em valorizar de facto as actividades realizadas directamente com os alunos. Afinal, o que temos é mais do mesmo: massificação, castradora e punitiva para quem cumpre. Com a atribuição de 8 pontos a cada professor o Ministério da Educação considera no preâmbulo citado “reduzir ao mínimo as margens de subjectividade e de discricionariedade na apreciação do currículo dos candidatos”. É caso para dizer: o pior cego é aquele que não quer ver.

No que respeita ao desempenho de cargos de direcção é difícil, desde logo, encontrar o fio, dado o embaraçamento da meada. A problemática, entre outras, pode focalizar-se na gestão das escolas, exercitada, por vezes, por professores sem qualquer tipo de formação para o efeito, desconhecedores, das leis que regulam a educação e que muitas vezes “empurram os problemas com a barriga”, afundando a instituição numa auto-gestão de improviso. É claro como água que a culpa não foi apenas dos professores, foi também das instâncias superiores que o permitiram.

Se é verdade que o sistema de avaliação (pervertido na aplicação) ao atribuir satisfaz, independentemente do trabalho real, deu um forte contributo para a degradação do sistema educativo, é igualmente verdade que o tipo de gestão praticada por falta de incentivo, entre outros danos, lhe podia disputar a palma. No entanto, sabemos até à saciedade que o apuramento de responsabilidades, nem na escola nem em nenhum outro domínio constitui prática corrente, neste pobre país à beira mar plantado.

A coordenação e supervisão pedagógica dos outros docentes foi, até há bem pouco tempo, objecto

de disputa - pelo menos nos grupos onde havia professores quase ou no topo da carreira - enquanto deu redução significativa na componente lectiva. Quando deixou de dar, então altruisticamente passou para outros professores, nomeadamente os mais novos. Agora, o Ministério não se sabe porque rasgo de inteligência, decidiu “valorizar e dar prioridade na classificação aos professores que têm dado provas de maior disponibilidade para assumir funções de responsabilidade”. Este é nitidamente um pseudo-princípio porque na realidade nada representa.

O facto é que na avaliação do desempenho dos cargos de Coordenador e Delegado deveriam ser considerados parâmetros, tais como: o número de professores, de disciplinas, níveis coordenados e ainda de alunos envolvidos. Aconteceu haver coordenadores a coordenar dois (2) elementos (um deles o próprio), uma (1) disciplina e três (3) níveis. Neste momento, e de acordo com a lei, contabilizam por ano o mesmo número de pontos daqueles outros que coordenaram vários professores (por vezes mais de uma dezena) diversas disciplinas, múltiplos níveis e envolvendo todos os alunos de um ciclo ou de toda a Escola. É este o critério objectivo?...

Nalgumas escolas a situação é tão escandalosa que se torna anedótica. Eis, pois, o dilate. Há supervisores pedagógicos (só falta a circunstância, a pompa está cá toda) que foram, no mesmo ano, simultânea e cumulativamente Coordenadores e Delegados (e viva a perspicácia na interpretação da lei, nem o 115/98, nem o 10/99 prevêem a existência cumulativa dos dois cargos) contabilizando 10 pontos (6 de coordenador e 4 de delegado).

O cargo de coordenador é hierarquicamente inferior ao dos Presidentes da Assembleia (órgão máximo), do Executivo e do Pedagógico. Ora, o primeiro contabiliza 7 pontos, o segundo 8 e o terceiro 7. Portanto, contas feitas, o cargo inferior e subalterno contabiliza mais pontos do que o superior. Estará a situação prevista a resguardada pelo Código do Procedimento Administrativo? E se assim for é, sob o ponto de vista moral, aceitável atribuir maior pontuação (valorizar mais) a alguém que é Coordenador/Delegado, mesmo de um grupo numeroso, do que a outros que presidiram aos órgãos referidos? Aqueles que respondem em primeira

instância pela instituição? Só se já vale...tirar olhos.

Em jeito de síntese, e ainda sobre a dita coordenação, parece que desta vez se inverteu a máxima: de facto o que Vale a Pena é Parecê-lo; o Sê-lo (o verdadeiro, o autêntico) é mera Figura de Retórica. Se assim não fosse, procurar-se-ia saber se, de facto, o coordenador coordenou ou fez exercício de corpo presente e assinou de cruz (o habitual); se cumpriu as competências a que estava obrigado e legalmente previsto; se realizou projectos e quais; se interveio com regularidade e qualidade; se nos órgãos e assembleias foi dinâmico e interveniente. Esta é uma amostra das referências que logicamente deveriam balizar a apreciação do desempenho do cargo, sob pena de redução a um igualitarismo bacoco e sobretudo injusto por poder beneficiar quem nada fez.

O quarto parâmetro valoriza a formação académica acrescida. Como tese admite-se, à partida, que este tipo de formação - licenciaturas ou cursos equivalentes, mestrados e doutoramentos - tem virtualidades na promoção da qualidade do Sistema de Educativo. Contudo, os estudos realizados não são conclusivos e, portanto, não é possível demonstrar o contributo positivo na melhoria das práticas do processo ensino/aprendizagem.

Estes dados oficiais deixam-nos “como no quartel de Abrantes, tudo como antes”: quer dizer, se estávamos posicionados nos últimos lugares (iliteracia, raciocínio, educação sexual, cidadania) nos estudos internacionais continuamos nas mesmíssimas posições, não obstante o acréscimo da dita formação.

Deixemos de lado o exterior e centremos a reflexão no interior das escolas. Habitualmente, excluindo as excepções que apenas confirmam a regra, o docente que na sua escola cumpre as suas funções não tem tempo disponível para fazer formação acrescida, mal para assistir a uma acçãozinha de formação de quando em vez.

Ser professor é uma actividade trabalhosa, exigente e cansativa e depois de cumpridas as tarefas necessárias não sobra disponibilidade temporal nem resistência física e psíquica. Por isso, o Ministério da Educação concedeu licenças para realização de Mestrados e Doutoramentos a, sublinhe-se, alguns docentes. Supondo que todos os professores tivessem solicitado

- Estou a ver que viveram muitas aventuras, mas vou-me deitar que já é tarde. Amanhã

dispensa para formação, quem teria assegurado as actividades da Escola?

Pois, a maioria - provavelmente esmagadora - das formações acrescidas foi realizada à custa do erário público dado que os professores receberam na íntegra o ordenado, sem que tivessem posto os pés na instituição, conforme o caso, durante anos a fio. Estavam com Licença Sabática ou Estatuto de Bolseiro; muitas vezes a proceder a investigações de "Lana Caprina" sem pertinência alguma para o Sistema nem para o seu aperfeiçoamento. Ora, esta situação só foi possível porque outros docentes estavam na Escola e asseguraram o serviço. Todavia os diplomas de doutoramento são bonificados com 30 pontos e os de mestrado com 15 pontos, para além de terem, aquando da sua conclusão, permitido uma progressão mais rápida: 4 e 6 anos respectivamente E os outros professores? Os que efectivamente deram aulas, corrigiram testes e exames, dinamizaram projectos e actividades. Que bonificação têm? NENHUMA!??

O efeito discriminatório introduzido pela formação acrescida foi ao ponto de ultrapassar a barreira do congelamento das carreiras. Com efeito desde 30 de Agosto que não há progressão, o tempo de serviço não conta para ninguém (nem para os que agora perfazem os 18 anos impostos para acesso à categoria de titular e que injustamente ficam impedidos de procederem à candidatura) excepto...para quem tenha terminado Mestrado ou Doutoramento! Tenham paciência!!! Se isto é justa, o Zimbabué é uma democracia plena.

A cereja do topo do bolo é a assiduidade que, de facto, constitui um valiosíssimo critério de análise profissional em qualquer área. Para não destoar, que até parecia mal, os critérios são descabidos. Então não é que as faltas justificadas com atestado médico só prejudicam a assiduidade quando ultrapassam 30 dias? Ao que parece ninguém enxergou a perversidade da medida: é que nestas circunstâncias estão as pessoas que de facto estiveram doentes porque os que se servem do atestado para ir de férias ou

exercer actividade liberal ou apenas preguiçar (entre outros motivos) fazem as contas para não ultrapassar o limite dos 30 dias. Os que estão doentes não têm como eximir-se ao facto e são, por força destes critérios, duplamente penalizados. Palmas, Bis e etc.

Permitam-me a impertinência, os docentes que têm uma assiduidade exemplar não adoecem, não têm problemas pessoais e familiares, não são vítimas de desilusão e desencanto? Provavelmente não - porque caso contrário faltariam como

continuamos a nossa conversa. Boa noite.

- Boa noite

recente como mais relevante, para os efeitos próprios do concurso, isto é, para o recrutamento e selecção dos docentes que se apresentam em melhores condições para o exercício das funções de professor titular a partir do início do próximo ano escolar Para efeitos de avaliação da experiência profissional, elegue-se por isso o período compreendido entre o ano escolar de 1999-2000 e o ano de 2005-2006, período que coincide com o início da vigência do modelo de organização e autonomia das escolas estabelecido

que o argumento é apenas provável. Neste contexto a generalização é abusiva e autoriza-nos (a lógica) a pensar que muitos dos legalmente considerados em melhores condições para o exercício do cargo não o estejam de facto.

Esta situação pode configurar violação do princípio de igualdade de oportunidades - que qualquer português neste estado, por enquanto, de direito legitimamente pode aspirar - enunciada na Constituição de República Portuguesa e consignada na Lei de Bases do Sistema Educativo. Assim, se dois professores tiveram desempenhos idênticos e exerceram os mesmos cargos não é legítimo penalizar aquele que o desempenhou cronologicamente antes. Isto não é tratamento desigual? Não é atentar contra direitos

fundamentais? O que deveria estar em causa era a qualidade do desempenho e não o período temporal da sua concretização. Mas, ao que parece, é o que menos interessa.

Ao levar em linha de conta apenas os últimos sete anos, excluindo o resto das carreiras, o Ministério da Educação entra em contradição com o Preâmbulo do Dec. Lei 200/2007 passando a usar o que pretensamente se propôs "reduzir ao mínimo as margens de subjectividade e de discricionariedade na apreciação do currículo dos candidatos"

Com esta discriminação positiva a favor de uns e contra outros a tutela candidata-se "a deitar fora o menino com a água do banho". Longe de mim querer ser profeta da desgraça. Mas, ao excluir da carreira de professor titular docentes que com a sua carolice asseguraram até agora algum nível à Escola Pública, sem qualquer garantia que os seleccionados dêem conta do recado, corre o risco sério de comprometer ainda mais a Educação dos Portugueses

O tempo o dirá; oxalá não seja tarde de mais.



os outros. A plausibilidade da resposta reporta à imagem de seres diferentes (alienígenas) que urge calar, medindo-os pela bitola dos simuladamente doentes e quejandos.

O ouro sobre azul da injustiça destes critérios LEGAIS, aprovados por aqueles em quem delegamos o poder e nos representam, subjaz a um nível quiçá inconsciente e, psicanaliticamente falando, inacessível à RAZÃO. Mas atentemos a quem sabe:

"Visto que os docentes que preenchem os requisitos dos concursos abertos nos termos do regime transitório definido pelo presente decreto-lei têm longas carreiras, valorizou-se a experiência

pelo Regime Jurídico da Autonomia, Administração e Gestão das Escolas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 115-A/98, de 4 de Maio, no quadro do qual serão exercidas as funções." Preâmbulo do Dec. Lei 200/2007

Se o legislador reconhece que os candidatos "têm longas carreiras" porquê valorizar" a experiência recente como mais relevante" e concluir que os detentores dessa experiência " se apresentam em melhores condições para o exercício das funções de professor titular". A argumentação não colhe, o fundamento é débil porque lhe falta pertinência . Logicamente a conclusão não é inteiramente sustentada pelas premissas sendo



Fera procura-se

Sou giraço, bem constituído, olhos azuis, juba loira, bem penteado, com habitação na savana Africana, perto da árvore 330, numa zona bastante calma. Procuo fêmea à altura de um bom macho, que cace, seja bonita e contribua para a preservação da espécie.

Procura-se jovem fêmea, que tenha cerca de 1m e que não pese mais de 30 kg. Deve ter uma pele equilibradamente preta e branca e algures uma pequena mancha amarela. Deve ter cerca de 10 anos e querer partilhar comigo longos dias na Antártida.

André Guilherme – 8ºC

Fernando Pilão – 8ºC

Sessão Distrital do Parlamento dos Jovens – Ensino Básico Escola Secundária Abade de Baçal representará o distrito na Sessão Nacional

Lurdes Bento, coordenadora do projecto

No dia 20 de Março de 2007, pelas dez horas, a Escola Secundária/3 Miguel Torga foi a anfitriã da Sessão Distrital do Parlamento dos Jovens – Básico –, na qual participaram dezoito deputados das três escolas seleccionadas – a Escola Secundária Miguel Torga, a Escola Secundária Abade de Baçal e a Escola Básica EB 2,3 Augusto Moreno –, sendo que a nossa Escola foi representada pelos deputados efectivos, Paulo Daniel Oliveira Lopes (9°C), Márcia Raquel Cavaleiro Sardinha (8°C), Hugo Alexandre Caldeira Peredo (9°C), Maria Inês Marques Gonçalves (9ºB), Sara Gabriella

Afonso Santos (9ºB), e pela deputada suplente, Ana Rita Martins Afonso (8°C).

Os presentes foram recebidos por professoras da Escola, e o Presidente do Conselho Executivo, Dr. Carrapatoso, fez um discurso de boas-vindas, dirigindo-se a todos – o Deputado do CDS-PP, Abel Lima Baptista, membro da Comissão de Educação, Ciência e Cultura da Assembleia da República, a representante da Assembleia da República para o Parlamento dos Jovens, Dra. Lurdes Sauane, os representantes do CAE, deputados e professores acompanhantes das três escolas –, tendo todos, exceptuando

os professores, usado da palavra.

A referida sessão foi presidida pelo Deputado Abel Baptista, que iniciou os trabalhos com o PAOD (Período de Antes da Ordem do Dia), que teve a duração de trinta minutos, e em que os deputados puderam interpelar, durante três minutos por escola, o referido deputado sobre questões tão variadas quanto actuais, com sejam as aulas de substituição, o encerramento de escolas, a reorganização da rede de serviços de saúde, a segurança e a violência nas escolas e a ausência de auto-estradas no nosso distrito.

De seguida, os deputados – um por escola – procederam à leitura dos seus Projectos de Recomendação à Assembleia da República, subordinados ao tema: “Impacto da televisão junto dos jovens”, e que tinham sido aprovados nas sessões escolares das três escolas. (Ver caixa)

Seguiu-se um animado debate de trinta minutos entre quase todos os deputados sobre aspectos dos projectos que suscitavam dúvidas aos deputados das outras escolas.

Depois, os deputados votaram de braço no ar para escolher um projecto que servisse de base para trabalhar, até haver um limite de quatro medidas, mas só cada escola votava em si. Então, foi pedido às escolas que se juntassem para fundirem, anexarem e aprovarem as medidas. Os trabalhos prosseguiram com a discussão e negociação, entre os deputados e os professores acompanhantes, das medidas dos diferentes projectos de

recomendação que deveriam constar do Projecto de Recomendação do distrito à Assembleia da República. Elaborou-se um texto com as duas medidas da nossa escola, às quais foram anexadas uma medida da Escola Secundária Miguel Torga e outra da Escola Augusto Moreno, pelo que se obteve um projecto com quatro medidas (vide anexo).

Posteriormente, foram distribuídos aos deputados boletins de voto, nos quais cada um deles deveria votar em duas escolas, para poderem eleger a escola que representará o distrito na Sessão Nacional, em Maio, na Assembleia da República. A nossa escola foi a vencedora, com dezoito votos.

Para concluir os trabalhos, o presidente da Mesa referiu, como já era do nosso conhecimento, que só os dois deputados do topo da lista e um repórter/jornalista poderão estar presentes na Sessão Nacional. Assim, em Maio, os alunos Paulo Daniel Oliveira Lopes, Márcia Raquel Cavaleiro Sardinha e Ana Rita Martins Afonso serão os deputados efectivos e a jornalista, respectivamente, à Sessão Nacional do Parlamento dos Jovens na Assembleia da República, em Lisboa.

Antes de abandonarem a sala, os deputados foram presenteados com documentação alusiva ao evento por parte do CAE. Quanto à Escola Secundária Miguel Torga, ofereceu a cada professor acompanhante uma placa comemorativa e uma brochura da obra do poeta patrono da escola – Miguel Torga –, pelo facto de, neste



1.006/1007

ESCOLA SECUNDÁRIA/3 ABADE DE BAÇAL

Tema: “Impacto da televisão junto dos jovens”

O projecto de Recomendação à Assembleia da República

A televisão está hoje mais presente na vida de todos nós. Ela permite a generalidade das populações o acesso à cultura, aos usos e costumes de outros povos, a outros línguas, a outras formas de viver e pensar, com reflexos positivos na formação dos jovens.

Concluiu, porém, com consequências da programação, pelo maior parte dos programas televisivos, e a falta de conhecimentos necessários, os jovens estão hoje expostos a conteúdos e sugestões negativas que poderão ter efeitos nefastos nas suas vidas individuais e sociais.

É, pois, urgente reflectir sobre o problema, no sentido de encontrar para que se valorizem e aumentem os benefícios que se podem obter.

Como forma, vimos por parte das instituições da República, a adjectivo das seguintes medidas, de forma a combater a programação da televisão mais em que a falta de personalidade dos nossos jovens, evitando que se tornem em vítimas de conteúdos que de natureza negativa poderão influenciar positivamente as suas vidas:

1. Incrementar a produção e a difusão, em todos os canais televisivos públicos e privados, de programas infantis e juvenis de carácter pedagógico-cultural, documentários, entrevistas, reportagens, filmes, programas familiares, informativos e desportivos que reflectam a nossa cultura e valores sociais, éticos e morais, em horário nobre, diminuindo o tempo destinado à publicidade.
2. Promover, nas escolas, debates e acções sensibilizadoras com alunos, professores, pedagogos e sociólogos sobre programas televisivos, divulgando as consequências negativas do impacto dos mesmos nos jovens, no sentido de os formar para uma leitura crítica da televisão.

Lista de deputados

- Paulo Daniel Oliveira Lopes (9°C)
- Márcia Raquel Cavaleiro Sardinha (8°C)
- Hugo Alexandre Caldeira Peredo (9°C)
- Maria Inês Marques Gonçalves (9ºB)
- Sara Gabriella Afonso Santos (9ºB)
- Maria Alexandra Cabrita Rodrigues (8°C)
- Ana Rita Martins Afonso (8°C)
- Paulo Daniel Oliveira Lopes (9°C)
- Ana Rita Martins Afonso (8°C)
- Ana Rita Martins Afonso (8°C)

Círculo de Bragança

Projecto de Recomendação à Assembleia da República sobre o tema “Impacto da Televisão junto dos Jovens”

Os deputados do Círculo de Bragança recomendam à Assembleia da República a adopção das seguintes medidas:

1. Incrementar a produção e a difusão, nos canais televisivos públicos e privados, de programas infantis e juvenis, de carácter pedagógico-cultural, documentários, entrevistas, reportagens, filmes, programas familiares, informativos e desportivos que reflectam a nossa cultura e valores sociais, éticos e morais, em horário nobre, diminuindo o tempo destinado à publicidade.
2. Incentivar a produção e difusão de concursos juvenis que premeiem os jovens com viagens, visitas de estudo, estágios no estrangeiro e outros.
3. Promover, nas escolas, debates e acções sensibilizadoras com alunos, professores, pedagogos e sociólogos sobre programas televisivos, divulgando as consequências negativas do impacto dos mesmos nos jovens, no sentido de os formar para uma leitura crítica da televisão.
4. Transmitir, nos canais de sinal aberto, em horário escolar, programas que complementem a educação dos jovens, relacionados com os conteúdos programáticos, no domínio da ciência e da cultura, construídos em parceria com o Ministério da Educação e o Ministério da Cultura.

Aprovado na Sessão Distrital realizada a 20 de Março de 2007

Sessão Distrital do Parlamento dos Jovens – Ensino Secundário

Insucesso e abandono escolar em debate

Lurdes Bento, coordenadora do projecto

No dia 19 Março de 2007, pelas catorze horas, teve lugar, no Governo Civil de Bragança, a Sessão Distrital do Parlamento dos Jovens – Secundário –, subordinada ao tema: “Insucesso e Abandono Escolar”, na qual participaram seis escolas – a Escola Secundária de Vila Flor, a Escola Secundária Abade de Baçal, a Escola Secundária de Vinhais, a Escola Secundária de Carrazeda de Ansiães, a Escola Secundária Emídio Garcia e a Escola Secundária de Alfândega da Fé –, tendo a nossa Escola sido representada pelos deputados efectivos, João Domingos Afonso Anes (10ºB), Carlos Jorge Alves Porrais (10ºB), Ana Inês Fernandes Gomes Diz Subtil (10ºB), Carina Sofia Miranda Esteves (10ºB) e Maria Inês Fernandes Bento (10ºB), pelo deputado suplente, Alexandre Ricardo Morais (10ºA), e pelo Vice-Presidente da Mesa, Guilherme Rodrigues Sá Pires (10ºA).

O Salão Nobre do Governo Civil foi pequeno para acolher os representantes da Assembleia da República, os trinta deputados efectivos e seis suplentes, os professores acompanhantes, os representantes do IPJ e do CAE e os meios de comunicação social.

Antes do início dos trabalhos propriamente ditos, usaram da palavra o Presidente do Instituto Português da Juventude, Dr. Victor Prada Pereira, o Governador Civil de Bragança, Jorge Gomes, o Deputado pelo CDS-PP Abel Lima Baptista, a representante da Assembleia da República ao Parlamento dos Jovens, Dra. Lurdes Sauane, e o representante do CAE

de Bragança, professor Castanheira, os quais se referiram ao trabalho e interesse demonstrado por alunos e professores neste processo.

Após as palavras de apreço e de incentivo pelo trabalho desenvolvido por alunos e professores nas escolas, a Mesa foi ocupada pela Presidente, aluna do 12º ano da Escola Secundária de Carrazeda de Ansiães, pelo Vice-Presidente, Guilherme Sá Pires, aluno do 10ºB da nossa escola, e pela Secretária, aluna do 12º ano da Escola Secundária Emídio Garcia - os quais tinham sido seleccionados num *casting* das seis escolas, havido anteriormente na sede do IPJ, em Bragança, para conduzirem os trabalhos da Sessão Distrital do Parlamento dos Jovens - Secundário.

Seguiu-se o PAOD (Período de Antes da Ordem do Dia), durante o qual foram colocadas várias questões ao Deputado Abel Baptista, havendo a realçar as relacionadas com as aulas de substituição e o funcionamento da Assembleia da República.

A Presidente da Mesa deu a palavra aos Porta-Vozes das seis escolas, os quais tinham apenas três minutos para apresentar os seus Projectos de Recomendação à Assembleia da República, saídos das Sessões Escolares.

Na segunda fase dos trabalhos, houve um período de perguntas e respostas, durante o qual um deputado por cada escola interpelava uma ou várias escolas sobre aspectos dos seus projectos que lhes suscitavam dúvidas.

Depois, os deputados foram chamados a votar o projecto base. A Escola Secundária de Vila Flor foi a mais votada, tendo obtido vinte votos.

Posteriormente, as escolas agruparam-se para discutir e negociar a inclusão de outras medidas constantes dos diferentes Projectos de Recomendação, tendo a nossa escola trabalhado com a de Vila Flor.

O debate prosseguiu e houve votações que foram infrutíferas, pois nenhuma medida foi acrescentada ao projecto da escola de Vila Flor, que irá ser o Projecto de Recomendação do Distrito à Assembleia

da República.

Os deputados foram ainda chamados a votar em duas escolas, tendo sido eleitas as de Carrazeda de Ansiães e Vinhais, cada uma das quais designou dois deputados para representarem o Distrito na Sessão Nacional, que decorrerá na Assembleia da República, em Lisboa, nos dias 23 e 24 de Abril.

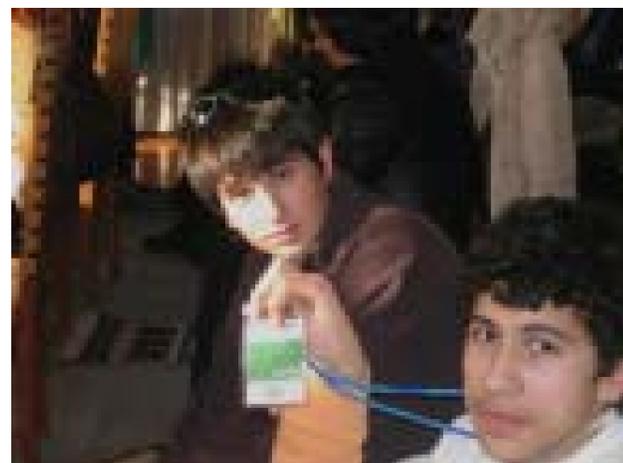
Antes de a sessão terminar, a nossa escola, a única que enviará um trabalho à Assembleia da República para participar no concurso *Euro Escola*, foi chamada a defendê-lo. O deputado João Anes teve a oportunidade de ler expressivamente o texto relativo à abordagem da dimensão europeia do tema do insucesso e do abandono escolar.

No final da sessão, o Presidente do IPJ convidou todos os presentes para um jantar no Restaurante Nordeste, proporcionando, assim, uma ocasião de convívio entre as escolas participantes.

Alguns dos nossos alunos



manifestaram o seu descontentamento por não terem visto valorizado o seu trabalho de meses, que teria, indubitavelmente, enriquecido o Projecto de Recomendação do Círculo Eleitoral de Bragança à Assembleia da República. No entanto, manifestaram um vivo interesse em tomar parte nas



Parlamento dos Jovens SECUNDÁRIO

a. de Junho 2006/2007

ESCOLA SECUNDÁRIA DE VILA FLOR DE VILA FLOR DE VILA FLOR

Tema: "Insucesso e abandono escolar"

Projecto de Recomendação à Assembleia da República

A Educação é, cada vez mais, um factor que marca profundamente o nosso país e com o contributo de todas as regiões, para a posição de Portugal reivindicar as melhores condições de vida europeia.

De facto, para que um Estado seja economicamente forte e para que a sociedade que o constitui seja competitiva e desenvolvida, todos os níveis, desde o primário até ao terciário, devem proporcionar o melhor nível profissional e educacional.

No Portugal, 17,4% dos jovens entre os 15 e os 17 anos abandonam o ensino de ensino secundário.

A taxa de sucesso no Ensino Básico é de 11,8% e a taxa de sucesso no Ensino Secundário é de 67,9%.

Diferença considerável que é nos 1º, 2º, 3º e 4º anos de escolaridade que o insucesso escolar ocorre, verificando-se que os alunos ingressam em novos ciclos sem possuírem os pré-requisitos necessários.

Os níveis de insucesso na Língua Portuguesa e em Matemática reflectem-se na aprendizagem das outras disciplinas, levando ao desinteresse pelo estudo em geral e, consequentemente, ao abandono escolar.

Importa notar que existe pouca diversidade de ofertas formativas nos níveis secundário de ensino, em particular no Secundário, cujas vagas, quando existem, estão desactualizadas das necessidades do mercado de trabalho.

Além disso, durante muitos anos, o Ensino Profissional não foi parte dos currículos do Ensino Básico e Secundário, provocando a desmotivação de alguns alunos para a aprendizagem de matérias de carácter geral, visto serem necessárias divergências.

Quase ninguém poderia ainda contribuir para o abandono do sucesso escolar, nomeadamente a existência de horários sobrecarregados, com longas horas de aulas e disciplinas desmotivadas no Ensino Básico e Secundário, com poucas pausas entre as aulas, e o facto de os professores serem pressionados a cumprir o programa, não podendo, assim, acompanhar os alunos nos fluxos por falta de tempo.

É de salientar que os currículos escolares são demasiado complexos, não permitindo que os professores utilizem metodologias novas, as elevadas cargas horárias e a falta de ocupação pelos alunos em actividades lectivas não estruturadas, comanda-se a exclusão de alguns alunos do ensino para outras actividades de formação de sua individualidade, não desvalorizando hábitos de convivência, não participando em actividades colectivas em prol da comunidade. O resultado é a existência de uma "cultura paralela", sem qualquer relação com os seus insucessos.

Sessão Nacional do Parlamento dos Jovens do Ensino Básico

Impacto da televisão junto dos jovens

Ana Rita Martins Afonso (Repórter do "Outra Presença")

No dia 14 de Maio, um grupo de alunos da Escola Secundária/3 Abade de Baçal, em representação do círculo de Bragança, deslocou-se a Lisboa, para participar na Sessão Nacional do Parlamento dos Jovens - Básico -, no âmbito do projecto subordinado ao tema "O Impacto da televisão junto dos Jovens", promovido pela Assembleia da República, em parceria com o Ministério da Educação e que contou com o apoio do Instituto Português da Juventude.

O grupo da nossa escola - constituído por Paulo Daniel Oliveira Lopes ("deputado" Porta-Voz), Márcia Raquel Cavaleiro Sardinha ("deputada") e Ana Rita Martins Afonso (Jornalista) - eleito na Sessão Distrital, realizada no dia 20 de Março, para representar o Distrito de Bragança na Sessão Nacional, juntamente com a professora Lurdes Bento, partiu para a capital portuguesa, às seis horas do dia 14, segunda-feira, num automóvel disponibilizado pelo Pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Bragança e conduzido por um motorista do Município (Senhor Camilo).

Chegámos a Lisboa por volta das 12H30 e fomos almoçar a um restaurante situado nas imediações do Palácio de S. Bento. Pelas 13H30, dirigimo-nos à Assembleia da República. À primeira vista, parecemos um edifício grandioso, pelo que tirámos várias fotografias. À entrada da Assembleia, na fachada principal, fomos divididos em acompanhantes e deputados, tendo sido dado a cada participante um saco, dentro do qual se encontravam alguns objectos oferecidos pela organização do evento: blocos de notas, esferográficas, documentação e brindes para os alunos e, para os professores acompanhantes,

livros diversos, tais como a "Constituição da República Portuguesa", a "Declaração Universal dos Direitos do Homem" e "Assembleia da República - 13 fotografias de Mariano Piçarra, com apresentação de Almeida Santos" e outros relacionados ainda com o Parlamento Português.

Seguidamente, os diferentes círculos separados em cinco comissões foram acompanhados por funcionários da Assembleia às salas onde decorreriam as reuniões das referidas comissões parlamentares, por volta das 14H30. O círculo de Bragança, constituído pelos "deputados" Paulo Lopes e Márcia Sardinha, foi integrado na 1ª Comissão, e coube-lhes ocupar as bancadas da esplêndida, majestosa e digníssima Sala do Senado, onde se lhes juntaram "deputados" dos círculos de Braga, Faro, Lisboa, Porto, Santarém e o círculo "fora da Europa" (Macau). Presidiram a esta Comissão os Deputados Fagundes Duarte (PS) e Álvaro Saraiva (PEV), os quais teceram algumas considerações sobre a importância deste projecto e a forma de trabalhar nas comissões.

Os Deputados que orientaram os trabalhos fizeram a chamada de todos os "deputados" do Parlamento dos Jovens presentes, 26 no total, que representavam oito círculos e cinco projectos em discussão.

A reunião prosseguiu com a leitura dos diversos Projectos, anteriormente aprovados nas Sessões Distritais. O de Bragança foi apresentado em primeiro lugar, tendo o Deputado do PS referido que o nosso Porta-Voz tinha sido exemplar na gestão do tempo. O



Deputados de Bragança

círculo de Bragança e todos os outros foram bombardeados com muitas perguntas, às quais foram dadas as respostas consideradas pertinentes e adequadas.

As questões mais colocadas foram as relativas à utilização da linguagem gestual nos programas televisivos e também à difusão de programas desportivos nos vários canais de televisão. Procedeu-se depois à votação do projecto base, sendo os mais votados os projectos de Faro, Bragança e Porto. Seguiu-se a fase de alteração/negociação, tendo sido eliminadas duas medidas do projecto base (Faro), ficando as medidas nº 1 e nº 4 do referido círculo, a medida nº 3 do círculo do Porto e a medida nº 1 do círculo de Bragança, sendo estas 4 medidas as constantes do Projecto de Recomendação da 1ª Comissão.

Foram também apresentadas questões para serem colocadas aos deputados em plenário no dia seguinte, tendo sido as mais votadas a do Porto com 17 votos, a de Bragança com 14 votos e a de Santarém com 13 votos. Fez-se ainda a eleição do Redactor da 1ª Comissão, ficando a Porta-Voz Inês Marques, de Faro, como representante. A sessão foi encerrada pelo deputado do PS.

De seguida, fomos fazer uma visita relâmpago às principais salas do palácio, nomeadamente a Sala das Sessões, a Sala dos Passos Perdidos e o Salão Nobre. Depois, descemos a imponente Escadaria nobre para ir lanchar com todos os participantes neste

projecto. A refeição, em que havia grande variedade de bolos, sandes e bebidas refrescantes, decorreu no Refeitório dos Frades, em alegre convívio entre todos os envolvidos no Projecto.

Foi tempo, então, de sairmos do palácio e de sermos conduzidos para a sede do Instituto Português da Juventude, em Moscavide, onde teríamos novamente a oportunidade de dialogar e de conhecer colegas de outras terras e onde seria servido o jantar. Após essa refeição, pudemos assistir à representação de uma peça de Teatro encenada pela actriz Amélia Videira e que contou com a interpretação de um grupo de deficientes, os quais de uma forma admirável nos colocaram perante situações injustas e verosímeis, com possibilidade de serem vividas por todos nós.

A noite foi um pouco atribulada, visto que nos deslocámos às instalações do Inatel, em Oeiras, onde pensávamos pernoitar, tal como nos tinha sido dito, mas qual não foi a nossa surpresa ao verificar que os nossos nomes não constavam da lista enviada pelo IPJ. Houve então que rumar às instalações da Pousada de Juventude de Andrade Corvo, onde fomos bem recebidos e acolhidos, à meia-noite.

Depois de um sono repousante, começámos o segundo dia com um pequeno-almoço revigorante, pois a jornada ia ser longa.

Pelas 10 horas, deu-se a abertura do Plenário pelo Presidente da Assembleia da República, sua Excelência o Dr. Jaime Gama, e que contou com a presença do Senhor Ministro dos Assuntos Parlamentares, os quais fizeram referência ao passado e ao presente da televisão portuguesa e à importância do debate em torno desta questão.

A Mesa tomou posse e seguiu-se o PAOD (Período de Antes da Ordem do Dia), no qual estiveram presentes os seguintes Deputados: Cecília



Sessão Nacional do Parlamento dos Jovens - ensino básico

Sessão Nacional do Parlamento dos Jovens do Ensino Básico

Impacto da televisão junto dos jovens



Ana Rita Martins Afonso (Repórter do “Outra Presença”)

Honório, pelo Bloco de Esquerda; Miguel Tiago, pelo PCP; Bravo Nico, em representação do PS; Fernando Antunes, do PSD; Abel Lima Baptista, pelo CDS-PP; e Francisco Madeira Lopes, do PEV, os quais foram interpelados pelos “deputados” do Parlamento dos Jovens com questões sobre a actualidade, aprovadas na véspera nas diferentes comissões. O nosso “deputado” Paulo Lopes colocou uma questão ao Deputado do PEV relacionada com a mediatização do desaparecimento da menina inglesa Madeleine McCann, no Algarve.

Ainda no Período de Antes da Ordem do Dia, o “deputado” Luís Fonseca, de Lisboa, fez uma homenagem a um professor falecido que tinha sido coordenador do Projecto. Fez-se então um minuto de silêncio.

O início do Período da Ordem do Dia teve lugar pelas 11 horas e trinta minutos e os trabalhos propriamente ditos recomeçaram com a apresentação e discussão das medidas votadas na véspera, nas diferentes comissões.

Procedeu-se à fase de eliminação de medidas dos diferentes projectos, e os “deputados” fizeram a votação final global de um Projecto de Recomendação com dezasseis medidas, tendo sido eliminadas quatro, dirigido à Assembleia da República, sobre o tema do “Impacto da Televisão Junto dos Jovens”.

Ao meio-dia, o Presidente da Comissão de Educação, Ciência e Cultura, o Senhor Deputado António José Seguro, respondeu às perguntas feitas pelos “jornalistas” das escolas, em conferência de imprensa. Foram ventilados vários assuntos, entre os quais as razões que levaram à escolha do tema em debate no Parlamento dos Jovens, as quais se prendem com as estatísticas realizadas que revelam que os jovens passam cerca de três horas por dia frente aos televisores. O deputado referiu-se ao dia-a-dia dos representantes do povo e considerou que, para ele, ser deputado não é uma profissão, pois exerce o cargo com gosto, tendo começado a actividade política ainda jovem. Disse que “alguns deputados ganham de mais, enquanto outros ganham a menos”.

Por volta das 13 horas e 15 minutos foi encerrada a Sessão pelo Deputado António José Seguro, depois de um breve polémica em torno da contagem dos votos e das sempre agradáveis palavras de agradecimento a todos os coordenadores e colaboradores do Projecto.

Foi com agrado que nos encaminhámos para o Refeitório dos Frades, onde nos foi servido um delicioso almoço volante, cheio de iguarias, entre as quais é de destacar o saboroso arroz de pato e o prato de salmão, bem como as apetecíveis sobremesas (leite-creme, pudim, gelado e fruta diversa). Também as bebidas eram ao gosto dos jovens.

Pelas 14 horas e trinta minutos, regressámos ao automóvel que nos esperava para nos trazer de volta a

Bragança. O motorista teve a amabilidade de nos levar ao Centro Cultural de Belém e à famosa pastelaria desse Bairro, para aí comprarmos os inconfundíveis pastéis de Belém.

A viagem decorreu sem incidentes, com uma pausa no Mezio, aldeia do concelho de Castro Daire, para retemperarmos forças e prosseguirmos até Bragança, onde chegámos cerca das 22 horas.

Todas as fases do Projecto foram para os meus colegas e para mim própria muito enriquecedoras, na medida em que pudemos investigar e debater um tema que está presente diariamente na vida dos jovens. Também tivemos a oportunidade de contactar com outros colegas de diferentes regiões do país, de fazer novos amigos, de trocar e-mails e números de telefone. Além disso, pudemos conhecer o funcionamento da Assembleia da República e admirar e visitar o Palácio de S. Bento. Alguns jovens conseguiram ser “deputados” por dois dias e saber o quão difícil e apaixonante é exercer a cidadania. Por tudo isso, estamos gratos a todos aqueles que tornaram possível a realização deste Projecto, admiravelmente organizado.

Sessão Plenária

15 de Maio de 2007

“Impacto da televisão junto dos jovens”

Recomendação à Assembleia da República

Os deputados à Sessão de 2007 do “Parlamento dos Jovens” recomendam à Assembleia da República a adopção das seguintes medidas:

1. Criar uma comissão especializada e independente que classifique e estabeleça critérios aos programas segundo o seu interesse pedagógico e formativo, e que deverá funcionar como um incentivo à melhoria da qualidade da programação destinada às crianças e jovens e não como um elemento de “censura”, pois não visa proibir nada, mas apenas distinguir e premiar, através da referida classificação, os programas que se constituam como mais-valias para aqueles a quem se destinam.
2. Que todos os programas de televisão sejam descodificados, através de tradução em linguagem gestual, ou legendados, para que as pessoas com deficiência auditiva tenham acesso completo à informação.
3. Que uma entidade reguladora promova, em horário adequado, que todas as estações de televisão portuguesas com emissão em sinal aberto transmitam programas de índole educativa, cívica e instrutiva, produzidos com mais rigor e cuidado, de modo a comunicar, de forma clara e credível, toda a informação importante.
4. Controlar a duração, a frequência, o momento de emissão e o conteúdo dos anúncios publicitários que, mesmo que comerciais, não induzam em erro nem ocultem informação essencial para o consumidor.
5. Revisão do Código da Publicidade e a agilização do mesmo, no sentido de serem regulados os conteúdos publicitários, principalmente os que visam directamente as camadas mais jovens da população e que são influenciadores de uma alimentação incorrecta e de um consumo desmedido.
6. Regularizar directa e claramente todas as actividades de *merchandising* associadas a certos programas de grande audiência, evitando a sua proliferação excessiva, pelo menos durante o horário nobre, com estabelecimento de quotas para a publicidade.
7. Que sejam reforçados os poderes da Entidade Reguladora para a Comunicação Social para que as direcções das diferentes cadeias de televisão sejam obrigadas a investir em programação juvenil mais diversificada culturalmente.
8. Na elaboração das grelhas de programação deveria ser tido em conta um parecer de psicólogos, pedo-psiquiatras e pediatras, o que permitiria tratar da melhor forma cenas de violência, drogas e outras que afectassem de alguma forma os jovens.
9. Criar na televisão pública um espaço amplo de programação que dê “visibilidade” aos projectos e actividades desenvolvidas nas escolas do país, difundindo-os e promovendo o intercâmbio e a competição saudável entre as escolas.
10. Que haja maior controlo sobre a qualidade dos programas (sobretudo nas horas mais vistas por crianças e jovens), maior rigor na indicação das idades adequadas e na obrigatoriedade de manter esta indicação visível durante as emissões.
11. Incluir nas orientações relativas à área de Formação Cívica o tema do “impacto da televisão junto dos jovens”, adaptando o seu conteúdo e as respectivas actividades propostas aos diversos níveis de ensino. Este tema, dada a sua importância e actualidade, deverá ser prioritário, pois tem uma relação directa com muitos dos temas já abordados (sexualidade, toxicodependência, direitos humanos, cidadania, etc.).
12. Maior divulgação de assuntos sócio-económicos e sócio-culturais, com maior impacto nas camadas jovens, que as informem acerca de assuntos relevantes para o seu futuro, tais como a sexualidade, as dependências (drogas, álcool, tabaco e outros) e o futuro da população jovem em Portugal (a idade da reforma; emprego; a corrupção e o compadrio; e o abandono escolar), de modo a que o impacto da televisão nos jovens tenha como objectivo um futuro mais promissor para o nosso país.

Leitor adoptante / Leitor adoptado

Relações Literárias

Durante a SEMANA DA LEITURA, que decorreu entre 5 e 10 de Março, foi formalizado o processo de adopção de leitores do 7º ano (turma B), por parte de alunos do 9º ano (turma B).

No dia marcado para o encontro, todos os alunos inscritos nesta actividade experimental

se encontraram na Biblioteca, ansiosos por conhecer os colegas com que iriam partilhar experiências de leitura e afectos de literatura.

A cada adoptante e a cada adoptado foi entregue um cartão com os dados dos respectivos companheiros leitores, para que os contactos entre eles pudessem ficar, assim, facilitados. E depois da sessão de fotografia, levada a efeito pelo Sr. Mário, cada grupo se juntou para trocar informações sobre si e sobre os livros que estavam a ler ou de que gostariam de falar.

De seguida, ficou assente que durante as férias da Páscoa o contacto seria reforçado, para que todos pudessem informar o(s) companheiros(s) sobre a actividade de leitura durante esses dias.

Na primeira semana de aulas do terceiro período, os alunos intervenientes no projecto preencheram um pequeno formulário, na Biblioteca, onde relataram as suas experiências com os colegas adoptantes ou adoptados.



Momentos na formalização do processo de adopção



Inês Gonçalves - Rita Teixeira - Marisa Martins



Sara Alves - Pedro Geraldo - Ricardo Guerra



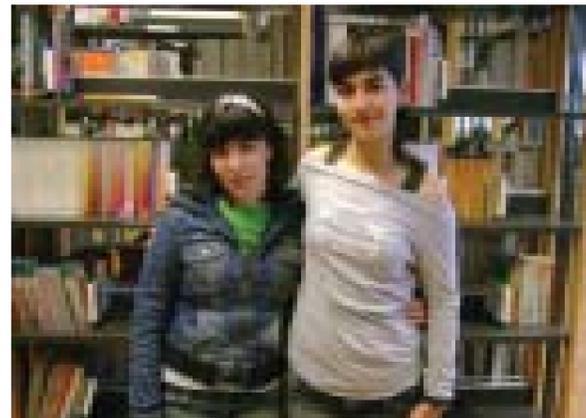
Joel Fernandes - João Carlos



Sara Santos - Ana Beatriz - Inês Paula



Filipa Pousa - Isabel Campos - Cátia Rodrigues



Joana Teixeira - Joana Seca



Cristiana Pires - Ricardo Rodrigues - Nádía Mofreita



Ana Cláudia - Carlos Rafael - Nuno Pereira